

# **RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

---

**Carina Sofia Morais Dias Navalho**

**O PAPEL DOS ADULTOS NA CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO  
DE VIDA EM CRIANÇAS E JOVENS INSTITUCIONALIZADOS**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre qualificado para a  
docência em Educação Pré-Escolar  
março de 2016

---



**Instituto Superior de Educação e Ciências**

Instituto Superior de Educação e Ciências

Provas para obtenção do grau de Mestre qualificado para a Docência em  
Educação Pré-Escolar

**RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

O Papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e  
jovens Institucionalizados

Autor: **Carina Navalho**

Orientador: **Ana Patrícia Almeida**

março de 2016

## AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai diretamente para a minha orientadora Ana Patrícia Almeida que sempre me apoiou e acompanhou neste percurso, respeitando as minhas ideias e revelando sempre um grande entusiasmo por este trabalho.

Aos "azuis" e à Catarina Félix, sem vocês nunca teria este tema de tese e esta vontade de saber mais.

Aos Lares de Infância e Juventude que se disponibilizaram para as minhas entrevistas e que tão carinhosamente me receberam.

Quero agradecer ao meu porto seguro, o meu abrigo, o meu marido Luís Miguel. Depois à minha mãe, que tantas vezes me disse “tanta coisa para escrever filha” e que sempre acreditou sempre em mim. À minha irmã, a minha segunda mãe! E ao meu pai e avó que me iluminaram o caminho e que me continuam a guardar!

É Graças a Deus que tenho uma vasta lista a quem agradeço a paciência nesta jornada e aqui vai a "lista": às amigas de sempre e para sempre, Catarina, Natacha e Andreia.

Porque existem amigos que são família obrigada Joaquina, Gabi e Raquel!

Aos meus colegas da Tiffosi com quem fui tão feliz. À Diana e Filipa que sempre acreditaram em mim!

Às mais novinhas educadoras: Sara, Gamboa, Catarina e Maria obrigada meninas!

À minha educadora Lisa por mostrar o que é ser educadora e aos meus meninos, sem a força deles não era possível.

Por último a ti Rol obrigada por me perdoares pelas horas em que não te dei atenção e carinho!

Obrigada não chega para todos vós!



## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender a importância que os adultos têm na construção de um Projeto de Vida em crianças e jovens institucionalizados. O Projeto de Vida assume um papel fundamental na vida destas crianças e jovens, uma vez que é a partir dele que se desenvolve o seu futuro, deste modo a orientação e o apoio dos adultos presentes na sua vida torna-se imprescindível, desempenhando uma função determinante nas suas vidas.

Para este estudo, de cariz qualitativo, foram levantadas três questões de pesquisa: Como se caracteriza a relação entre adultos e crianças de acordo com ambas as representações; Qual o papel e a importância do adulto durante o percurso no Lar de Infância e Juventude (LIJ), e por último, o que caracteriza o Plano Socioeducativo Individual (PSEI) e qual o seu papel no percurso da criança e jovem institucionalizado (em ambas as perspetivas) com o intuito de atingir o objetivo do mesmo.

Foram realizadas vinte e quatro entrevistas, metade das quais a crianças e jovens institucionalizados e a outra metade a adultos cuidadores, em quatro zonas geográficas do país. Tendo em conta o objetivo da investigação procurou-se entrevistar crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. No que respeita aos adultos, e de forma a enriquecer a investigação foram realizadas entrevistas a funcionários com diferentes cargos nos lares de infância e juventude.

Deste modo, os resultados obtidos nesta investigação tiveram origem na teoria selecionada e analisada em conjunto com as entrevistas obtidas. Assim, segundo os resultados obtidos, tanto os jovens como os adultos apresentaram respostas idênticas nas três questões de pesquisa. Na primeira, foi evidente a existência de uma boa relação entre os adultos cuidadores e as crianças e jovens institucionalizados. Em relação à segunda questão os jovens entrevistados valorizaram e elogiaram o papel dos adultos enquanto seus cuidadores. Por último, na terceira questão de pesquisa, os adultos cuidadores entrevistados deram especial atenção a esta questão, valorizando e enaltecendo a importância do PSEI e conseqüentemente do Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens institucionalizadas. Em suma, os resultados obtidos foram bastante positivos e próximos dos esperados.

**Palavras-chave:** crianças, jovens, adulto cuidador, institucionalização, projeto de vida.



## **ABSTRACT**

This study aims to understand the importance that adults have to build a life project in institutionalized children and young people. The Life Project plays a key role in the lives of these children and young people, since it is from that develops their future, so the guidance and support of adults present in their life it's essential, performing a determinant function in their lives.

For this study, of a qualitative nature, three research questions were raised: How is characterized the relationship between adults and children according to both representations; What is the role and importance of adult during the course in the LIJ and finally, what characterizes the PSEI and what is their role in the child's path and young institutionalized (in both perspectives ) in order to achieve its goal.

Twenty-four interviews were conducted, half of which to institutionalized children and youth and the other half to caring adults in four geographical areas of the country. Having regard to the purpose of the investigation search to interview children aged between 12 and 18 years. With regard to adults, and in order to make richer the research staff interviews were conducted with different positions in childhood.

The results obtained in this study originated from the selected theory and analyzed together with the obtained interviews. Thus, according to the results, both young adults showed similar responses in the three research questions. At first it was evident that there is a good relationship between the adult caregivers and institutionalized children and young people. Regarding the second question the young people interviewed appreciated and praised the role of adults as their caregivers. Finally, the third research question, respondents caring adults gave special attention to this issue, emphasizing and highlighting the importance of PSEI and consequently of Life Project in the future of these children and young institutionalized. In short, the results were very positive and close to the expected.

**Keywords:** children, youth, adult caregivers, institutionalization, life project.



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I PARTE.....	4
Capítulo 1 – Quadro teórico .....	5
1) O passado e o presente das instituições de acolhimento .....	5
1.1 O Passado: evolução e definição do conceito de infância .....	5
1.1.1 O enquadramento jurídico em resposta às situações de perigo .....	7
1.2 O presente .....	8
1.2.1 Da proteção à instituição .....	8
1.2.2 O presente em números .....	10
2) Princípios para um acolhimento com qualidade.....	13
2.1 O funcionamento dos lares de acolhimento .....	13
2.2 Educar para a autonomia de vida .....	13
2.3 Educar para a cidadania (participação ativa).....	15
3) Os atores presentes nos lares de acolhimento.....	15
3.1 O educador social .....	16
3.2 O coordenador/diretor técnico.....	16
3.3 O auxiliar de ação educativa .....	17
3.4 O psicólogo .....	17
3.5 O assistente social .....	18
4) Família .....	18
4.1 Quando a esperança reside na família .....	19
4.2 Quais os mecanismos disponíveis para apoiar as famílias .....	19
5) Projetos de Vida.....	20
5.1 O começo de um novo Projeto de Vida.....	20
5.2 Os atores envolvidos no Projeto de Vida .....	22
II PARTE.....	23
Capítulo 2 – Problematização e Metodologia.....	24
1. Problema, objetivos do estudo e questões de investigação .....	24
2. Paradigma do Estudo.....	24
3. Participantes do Estudo.....	25

4. Caracterização dos Lares de Infância e Juventude .....	25
5. Instrumentos de recolha de dados: a entrevista .....	26
5.1. Análise de conteúdo .....	27
III PARTE .....	28
Capítulo 3 – Análise e Discussão dos Resultados .....	29
1) Como se caracteriza a relação entre adultos e crianças de acordo com ambas as representações ...	29
2) Qual o papel e a importância do adulto durante o percurso no LIJ em ambas as perspetivas .....	32
3) O que caracteriza o PSEI e qual o seu papel no percurso da criança e jovem institucionalizados (em ambas as perspetivas): .....	34
3.1 Na perspetiva das crianças e jovens .....	34
3.2 Na perspetiva dos adultos cuidadores .....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	43

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Fig. 1 – Distribuição das instituições por predominância de cada faixa etária por região  
pág. 12

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo 1 – Guião de Entrevista**

**Anexo 2 – Análise de Conteúdo (síntese)**

**Anexo 3 – Entrevistas aos Lares de Infância e Juventude:**

- Entrevista ao LIJ da zona Litoral urbana
- Entrevista ao LIJ da zona Litoral rural
- Entrevista ao LIJ da zona Interior urbana
- Entrevista ao LIJ da zona Interior rural

**Anexo 4 – Análise de Conteúdo completa**

## **ABREVIATURAS/SIGLAS**

CASA - Caracterização Anual da Situação de Acolhimento

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CDC - Convenção das Nações Unidas

CPCJ - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

FA – Família de acolhimento

ISS – Instituto Segurança Social

LIJ – Lar de Infância e Juventude

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

PII - Plano de Intervenção Imediata

PSEI - Plano Socioeducativo Individual



## INTRODUÇÃO

A noção de infância evoluiu significativamente ao longo dos anos, o que permitiu a criação de infraestruturas que permitissem responder às suas reais necessidades. A evolução da legislação assim como de mecanismos de proteção à criança favoreceram a criação de instituições de acolhimento para crianças e jovens.

Em Portugal e segundo a LPCJP quando a criança se encontra numa situação de perigo, deve ser reportada às entidades competentes, e são elas a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e os tribunais de forma a aplicarem as medidas de Promoção e Proteção.

No que respeita às medidas de Proteção, estas dividem-se em três domínios: regime de colocação em acolhimento familiar, acolhimento em instituição ou numa instituição com vista a futura adoção. O acolhimento institucional não é uma medida fácil, e é tomada pelas comissões e pelo tribunal como um dos últimos recursos. Antes de tomada esta decisão, é analisada a possibilidade de entrega da criança a algum familiar com condições para tal, quando não é de todo possível a criança ou jovem é colocado num lar de acolhimento. A colocação de uma criança “num centro de acolhimento, ou lar de infância e juventude, deve ser efetuada, com o máximo de sensibilidade, por pessoas preparadas e tendo sempre em consideração as necessidades específicas de cada criança” (Gomes, 2010, p.48). Para as crianças e jovens além do afastamento com a família biológica, é um novo lar, novos colegas e adultos desconhecidos. É o início de uma viagem que marcará decerto cada vida destas crianças e jovens institucionalizados. De acordo com Gomes (2010) “as decisões, tendo sempre presente o superior interesse da criança ou do jovem, devem ser tomadas em consonância com os procedimentos judiciais ou administrativos” (p.46).

Esta investigação só foi possível graças à experiência vivida num Lar de Infância e juventude no verão passado. Durante pouco mais de um mês tive a oportunidade de viver com 12 crianças e jovens cujas vidas foram alteradas a partir do momento que deixaram os seus lares e foram “obrigadas” a viver numa outra realidade. Durante este período tive também a oportunidade de vivenciar as angústias dos adultos cuidadores, as suas preocupações no que respeita à saúde, educação, carinho e sobretudo a prepará-los para uma vida futura, em que estes vão ser os atores principais. A minha curiosidade

centrou-se sobretudo na relação adulto-criança/jovem institucionalizado, que tipo de relação é esta, que papel terá este adulto na reconstrução deste futuro?

Esta oportunidade mostrou-me que uma casa de acolhimento não é como um lar como os outros, é necessário dividir tudo: o espaço, as tarefas, os equipamentos e sobretudo a atenção dos adultos, mas mostrou-me também que quem lá trabalha entrega-se ao que faz, entrega-se a estas crianças e jovens e entrega-se sobretudo à luta diária de fazer com que estes jovens encontrem o rumo do seu caminho. Esta oportunidade de emprego proporcionou-me também conviver com estes jovens e com as suas histórias de vida e como apesar deste fardo tão pesado eles conseguiam sorrir e sonhar com o seu futuro. É inesquecível observar crianças a quem a infância foi roubada, a sonharem serem cantoras ou jogadores de futebol, independentemente de estarem longe dos familiares a dividir a casa com outras crianças.

Após esta experiência, surgiu uma vontade de conhecer mais realidades de LIJ, de forma a compreender como variam estas relações, analisar o papel dos adultos nestas crianças, não ficando apenas pela realidade que tive a oportunidade de vivenciar.

A presente investigação visa analisar a importância do papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados, para tal foram levantadas três questões de pesquisa: Como se caracteriza a relação entre adultos e crianças de acordo com ambas as representações; Qual o papel e a importância do adulto durante o percurso no LIJ e por último, o que caracteriza o PSEI e qual o seu papel no percurso da criança e jovem institucionalizado (em ambas as perspetivas). Desta forma, a investigação divide-se em duas partes: a primeira consiste no enquadramento teórico e a segunda no enquadramento empírico.

A primeira parte desta investigação traduziu-se na análise de fundamentação teórica de forma a conhecer melhor as instituições de acolhimento, o processo de colocação nos mesmos, as leis de apoio e proteção à infância e as características dos funcionários que cumprem funções nas instituições de acolhimento.

A segunda parte diz respeito à metodologia utilizada, tendo em conta o objetivo da investigação partiu-se de um paradigma interpretativo, utilizando uma metodologia qualitativa. Foram realizadas 24 entrevistas presenciais a adultos e a jovens institucionalizados em quatro áreas geográficas distintas, de seguida procedeu-se à análise de conteúdo das mesmas.

Na terceira parte desta investigação serão analisados e discutidos os resultados obtidos. Por fim serão apresentadas as considerações finais alusivas a toda esta investigação.

# I PARTE

## Capítulo 1 – Quadro teórico

### 1) O passado e o presente das instituições de acolhimento

#### 1.1 O Passado: evolução e definição do conceito de infância

“Todas as decisões relativas a crianças, adoptadas por instituições públicas ou privadas de protecção social, por tribunais, autoridades administrativas ou órgãos legislativos, terão primacialmente em conta o interesse superior da criança”  
(Convenção dos Direitos da Criança, artigo 3º)

A noção de infância, bem como a necessidade de protecção das crianças e jovens nem sempre foi encarada como é atualmente. Com efeito, as instituições que hoje existem sofreram alterações ao longo de anos, assim como o conceito de infância e protecção da mesma.

Até ao século XVIII as crianças eram encaradas como adultos em miniatura. De acordo com Tomás (2011), “o século XVIII foi determinante para que as crianças deixassem de ser consideradas como *adultos em miniatura*; foi nesse século que começaram a surgir as primeiras leis de protecção à infância, um pouco por toda a Europa” (p. 81). Mas foi só no século seguinte (XX), que surgiram associações cujo objetivo é defender e apoiar as crianças, exemplo dessas instituições foi a UNICEF<sup>1</sup> (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Em 1924 a Declaração de Genebra afirma a necessidade de protecção da criança independentemente da nacionalidade, raça ou crença, é neste contexto que esta deve ser alimentada, educada e tratada. O ambiente que a rodeia deve proporcionar um desenvolvimento harmonioso e pleno, por último a criança deve ser sempre protegida de qualquer exploração.

Em 1948 pelo Comité dos Direitos da Criança é aprovada a Declaração Universal dos Direitos do Homem pela Assembleia Geral das Nações Unidas, cujo artigo 25º afirma que “todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimónio, gozam da mesma protecção social”.

O ano de 1959 ficou mundialmente marcado por um dos documentos mais importantes na protecção das crianças: a Declaração Universal dos Direitos da Criança.

---

<sup>1</sup> A UNICEF (conhecida com Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para as Crianças) foi criada em dezembro de 1946 com o objetivo de apoiar as crianças vítimas da II Guerra Mundial. Anos mais tarde, em 1953 torna-se uma agência permanente das Nações Unidas, e passa a ocupar-se especialmente das crianças dos países mais pobres da África, Ásia, América Latina e Médio Oriente. Passa então a designar-se Fundo das Nações Unidas para a Infância, mas mantém a sigla que a tornara conhecida em todo o mundo – UNICEF.  
(<https://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101110&m=1&sid=1810111012> recuperado a 30 de dezembro de 2015)

A declaração foi adotada pelas Nações Unidas e preconizou para as crianças direitos como: o direito à educação, a cuidados de saúde, à identidade, à proteção e à não discriminação.

Em 1979 a Organização das Nações Unidas declarou esse mesmo ano, como o Ano Internacional da Criança, impulsionando desta forma um movimento imenso de reflexão por vários países e organismos internacionais.

Em 1989 foi adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas a Convenção dos Direitos das Crianças sendo ratificada por 191 países. Esta Convenção reconheceu finalmente a criança como um ser autónomo e com direitos próprios. A própria definição de criança foi finalmente assumida e legalmente registada, definindo-se como “criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo” (Artigo 1º da Convenção das Nações Unidas sobre Direitos da Criança).

Após analisada a evolução do conceito de infância, bem como o aparecimento dos seus direitos, é altura de analisar a situação a nível nacional.

Em Portugal, a primeira lei de proteção à infância surgiu no Decreto de 1 de janeiro de 1911 no contexto da 1ª República, sendo que a partir daqui a criança passou “a ser reconhecida como um sujeito de direitos tutelares e exigíveis (num quadro legal) de forma diferenciada da dos adultos” (Pinheiro, 2012, p.5).

Até ao ano de 1984 a evolução ao nível internacional foi bastante evidente, em Portugal o reflexo desta evolução foi de facto muito importante, assim, até 1984, foram várias as reformas com o intuito de proteção social e jurídica à criança e família. Nesse mesmo ano esta proteção torna-se ainda mais sólida com a criação do Instituto de Apoio à criança, cujo foco principal foi o da prevenção dos maus tratos.

Em 1986 os lares de acolhimento de crianças e jovens obtiveram o estatuto legal reconhecido, através do decreto-lei n.º 2/86 de 2 de janeiro. De acordo com o artigo 2.º, deste mesmo diploma:

Os lares são equipamentos sociais que têm por finalidade o acolhimento de crianças e jovens, proporcionando-lhes estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade. A acção desenvolvida pelos lares destina-se a apoiar as famílias ou substituí-las, total ou parcialmente, na protecção devida às crianças e jovens (p.5).

Como já foi referido anteriormente, em 1989 foi ratificada a Convenção dos Direitos da Criança por 191 países, Portugal ratificou-a em setembro de 1990.

Com a CDC ao conceito tradicional de proteção da criança juntou-se o conceito de participação, conferindo à criança o direito participar ativamente no seu próprio desenvolvimento.

Segundo Gomes (2010), os governos que ratificaram a CDC comprometeram-se a disponibilizar

às crianças, o desenvolvimento das suas capacidades em contextos que satisfaçam as suas necessidades básicas, respeitando simultaneamente os seus direitos civis, económicos, culturais e políticos. Os direitos básicos à proteção, à provisão e à participação são assim, universalmente reconhecidos às crianças (p.36).

### 1.1.1 O enquadramento jurídico em resposta às situações de perigo

A comissão de Proteção de Crianças e Jovens<sup>2</sup> (CPCJ) criada em 1991 é uma Instituição cujo objetivo é a proteção e promoção dos direitos da criança e dos jovens. Esta instituição promove os direitos da proteção das crianças e jovens sempre que esteja em risco os direitos da criança, como por exemplo saúde, educação ou segurança.

Alguns anos mais tarde em 1999 foram aprovadas pela Assembleia da República dois importantes diplomas sobre a infância e a juventude: a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), Lei n.º 147/99 de 1 de setembro, e a Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro). Com a criação da LPCJP o Estado compromete-se a proteger e salvaguardar os direitos das crianças, quando os responsáveis pelas mesmas não o realizem. Segundo Gomes (2010), à LPCJP compete,

a promoção dos direitos e a proteção das crianças e jovens compete, em primeira instância, às entidades públicas e privadas com atribuições em matéria de infância e juventude, às comissões de proteção de crianças e jovens, e em última instância aos tribunais (p.36).

Em 2007, o Instituto Segurança Social (ISS) cria o Plano DOM – Desafios, Oportunidades e Mudanças cujas medidas visam a melhoria e a qualificação dos Lares de Infância e Juventude, incentivando “uma melhoria contínua da promoção de direitos e proteção das crianças e jovens acolhidas, no sentido da sua educação para a cidadania e desinstitucionalização, em tempo útil” (Instituto da Segurança Social, 2012). Este plano tem como objetivo incentivar as instituições a criar a prática da elaboração dos projetos de vida dos jovens institucionalizados de maneira a que os mesmos fiquem acolhidos apenas o tempo necessário. O DOM visa ainda criar condições para que as

---

<sup>2</sup> Comissão de Proteção de Crianças e Jovens retirado de: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social/familias/comissao-de-protecao-de-criancas-e-jovens>

crianças e jovens usufruam dos seus direitos nos lares, estejam confortáveis, protegidas tendo em vista o seu desenvolvimento integral.

Tendo em conta a evolução das medidas e da legislação em relação à proteção de crianças e jovens implementadas ao longo dos anos, é possível afirmar que Portugal assumiu a proteção Infantil como uma prioridade, ao contrário de outros países. De acordo com Quintãns (2009), “constituem uma verdadeira minoria os governos que priorizam a protecção infantil na definição das suas políticas ou, na lógica formalmente inaugurada pela Convenção dos Direitos da Criança, que possuem verdadeiras políticas de promoção da qualidade de vida das crianças, particularmente das crianças e jovens em perigo” (p 6).

Em suma, é possível compreender que Portugal iniciou um percurso longo mas com mudanças positivas no que se refere à proteção de crianças e jovens. Portugal dispõe neste momento de alguns mecanismos em resposta a situações de perigo na infância, bem como de legislação em relação à promoção dos direitos da criança e proteção da mesma.

## 1.2 O presente

### 1.2.1 Da proteção à instituição

“Cada instituição é uma casa de “faz-de-conta”, é uma família de “faz-de-conta”, para crianças e adolescentes que continuam a sentir um profundo vazio de uma casa “de verdade”, com uma família “de verdade”, como têm os outros meninos e meninas”  
(Alberto, I., 2008, p.225)

No ponto anterior foi analisado o surgimento e evolução das instituições de acolhimento, a evolução do conceito de infância e o avanço na legislação de proteção de crianças e jovens, contudo, antes de analisar os tipos de instituições é fundamental compreender o que leva a que crianças e jovens tenham de fazer das instituições o seu lar. Segundo a LPCJP, a criança encontra-se em perigo se:

- a) Está abandonada, ou vive entregue a si própria;
- b) Sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade, e situação pessoal;
- d) É obrigada a actividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade ou situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- e) Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua saúde ou o seu equilíbrio emocional;
- f) Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação, ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação. (art.º3 Legitimidade da Intervenção)

Quando algumas destas situações se verifica, deve ser reportada às entidades competentes, e são estas as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e os tribunais. As Comissões de Proteção são instituições não judiciárias cujo objetivo é prevenir e terminar com situações que ponham em risco a saúde, educação, segurança e o desenvolvimento integral da criança (Gomes, 2010). Quando esta entidade não consegue atuar, são os tribunais que intervêm, de maneira a analisar a situação e a aplicar as medidas de Promoção e Proteção.

Segundo Leandro et al. (2003), as medidas de promoção e proteção podem ser executadas de duas formas: em meio rural de vida ou em regime de colocação. A primeira forma consiste em apoiar a criança, mantendo-a junto dos pais, de outro familiar ou junto de uma pessoa com quem a criança mantenha uma boa relação. No que respeita à segunda medida, esta divide-se em três domínios: regime de colocação em acolhimento familiar, em acolhimento em instituição ou por último a confiança a instituição com vista a futura adoção. A última medida é da competência exclusiva dos tribunais e foi introduzida com a Lei 31/2003 de 22 de agosto, art.º 38 (Gomes, 2010).

Analisando o acolhimento em instituição e de acordo com Leandro et al. (2003), esta medida,

consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e de equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral (cfr. art. 49.º, p.102).

De acordo com Carvalho 2013, o acolhimento institucional está dividido em três níveis: emergência, temporário e prolongado. O primeiro, o acolhimento de emergência dever ser realizado com crianças e jovens em situação de risco e a sua duração não deverá ultrapassar as 48 horas. O acolhimento temporário realiza-se em Centros de Acolhimento Temporário (CAT) ou em famílias de acolhimento (FA), e destina-se a crianças e jovens com necessidade de afastamento temporário das suas famílias, este tipo de acolhimento tem um limite de 6 meses, embora possa ser ultrapassado de acordo com cada caso. Por último, o acolhimento prolongado ocorre quando já foram esgotados todos os recursos, assim o acolhimento da criança ou jovem pode realizar-se de forma definitiva em Lares de Infância e Juventude (LIJ).

De acordo com o guia prático do Instituto da Segurança Social (2014), os Centros de Acolhimento Temporário e os Lares de Infância e Juventude surgem como uma

solução/resposta para as crianças e jovens em risco. Ainda de acordo com o mesmo guia, o CAT tem como função acolher:

crianças e jovens de ambos os sexos até aos 18 anos, em situação de perigo, a quem a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou o Tribunal tenha aplicado uma *medida de promoção e proteção* para os afastar da família durante até seis meses (p.4).

Em relação ao LIJ a função é exatamente a mesma, bem como o público-alvo (jovens de ambos os sexos e com idades até aos 18 anos), a diferença recai na duração da medida aplicada. Desta forma o LIJ destina-se a crianças e jovens cujo afastamento da família seja superior a seis meses (ISS, 2014).

O Centro de Acolhimento Temporário tem como objetivos fundamentais: acolher temporariamente, assegurar as necessidades básicas, facultar o apoio necessário de acordo com a idade e com as necessidades individuais, definir com cada criança e jovem o respetivo projeto de vida quer seja a reinserção no seio familiar ou noutro ambiente mais favorável e por último, atuar junto da família em conjunto com outras entidades que promovam os direitos das crianças e jovens (ISS, 2014).

O Lar de Infância e Juventude detém objetivos tais como: garantir o acolhimento por tempo indeterminado, assegurar as necessidades básicas e o desenvolvimento pleno de cada criança e jovem, proporcionar condições idênticas às de uma estrutura familiar, garantir o desenvolvimento pessoal, escolar e profissional e promover (sempre que seja benéfico) a integração na família ou na comunidade de origem (ISS, 2014).

Analisando os objetivos acima mencionados, e independentemente da duração da medida de proteção, tanto o CAT como o LIJ devem ter como papel fulcral o desenvolvimento integral da criança e do jovem.

### 1.2.2 O presente em números

Para analisar a realidade do acolhimento institucional em Portugal, e de forma a obter uma visão mais detalhada acerca do número de crianças e jovens institucionalizados (tendo em conta o género e a idade) procedeu-se à observação do Relatório CASA 2014 (Caracterização Anual da Situação de Acolhimento).

O CASA tem como finalidade divulgar o número de crianças e jovens em situação de acolhimento, ao abrigo do artigo n. 35º da LPCJP. De acordo com CASA (2014), o acolhimento tem como objetivo:

garantir a rápida reposição de todos os direitos, que à data do acolhimento, não se encontravam acautelados no seu meio natural de vida, procurando definir o seu projeto de vida que poderá passar pela manutenção do acolhimento institucional, retorno à família, definição de uma situação de adoção ou na definição de um projeto de autonomia de vida para os jovens (p.3).

A elaboração deste relatório contou com a caracterização de 10.903 crianças e jovens, das quais apenas 2.433 (22,3%) terminaram a situação de acolhimento enquanto as restantes 8.470 (77,7%) ainda se encontram em acolhimento. É importante mencionar que 6.327 (74,7%) crianças e jovens já tinham iniciado a situação de acolhimento em anos anteriores, sendo que 2.143 (25,3%) é que tinham sido acolhidas no ano do relatório.

No que respeita à faixa etária das crianças e jovens acolhidos, verifica-se que o escalão etário dos 15 aos 17 anos é o que apresenta um maior número de jovens a entrarem em situação de urgência (137), seguido dos 0 aos 3 anos (88 crianças) e por último dos 6 aos 9 anos com 61 crianças.

Em relação às crianças e jovens que terminaram a situação de acolhimento em 2014 (2.433), apenas 767 tinham iniciado o acolhimento nesse ano, os restantes 1.666 tinham iniciado em anos anteriores.

O CASA apresenta também os dados relativos à distribuição geográfica das crianças e jovens em acolhimento. Os distritos de Lisboa e Porto são os que apresentam um maior número de crianças e jovens em situação de acolhimento, Lisboa apresenta 1.602 (18,9%) e o Porto 1.568 (18,5%). Ao contrário os distritos que apresentam valores mais baixos são Évora com 129 crianças/jovens, o que corresponde a 1,5% e Beja com 153 (1,8%).

Para ilustrar a distribuição das instituições por predominância de cada faixa etária por região, foi analisado o mapa seguinte retirado do Plano de Intervenção Imediata, Relatório de Caracterização Sumária – Instituições de Acolhimento 2006, realizado pelo Instituto da Segurança Social. Foram analisadas 354 instituições distribuídas em:

- 230 Lares de Infância e Juventude;
- 90 Centros de Acolhimento Temporário;
- 3 Centros de Emergência;
- 3 Apartamentos de autonomização;
- 7 Centros de Apoio à Vida;
- 17 Lares residenciais.

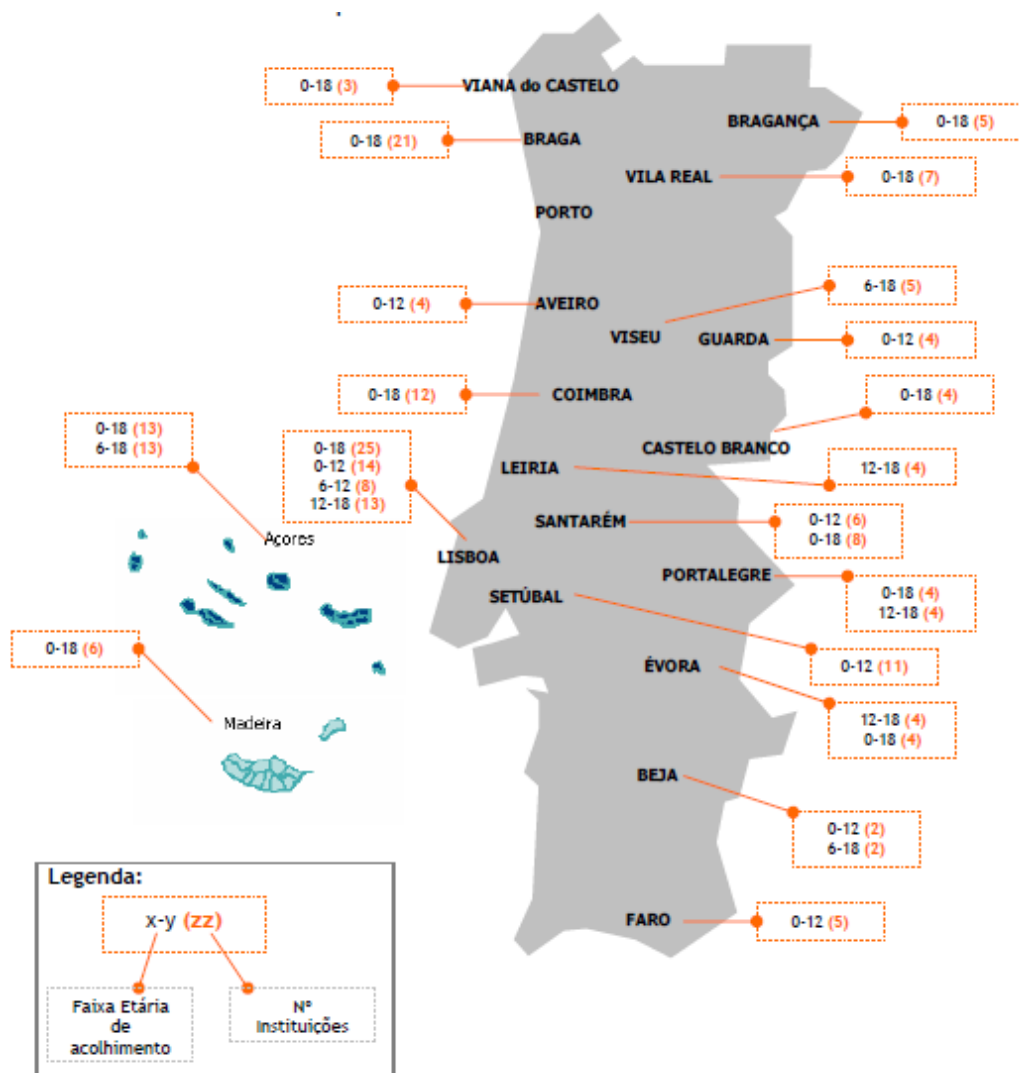


Fig. 1 – Distribuição das instituições por predominância de cada faixa etária por região

Analisando o mapa é possível ter uma panorâmica geral sobre a distribuição geográfica das instituições analisadas neste relatório. É importante ter em conta que apenas estão representadas por região o perfil institucional predominante, ou seja o maior número de instituições em cada região e de uma determinada faixa etária. Desta forma Lisboa é a região que apresenta um maior número de instituições, apresentando as 4 faixas etárias representadas num total de 59 instituições. Segue-se os Açores com 26 instituições, e Braga com 21, as restantes apresentam números bastante idênticos, apresentando-se equilibradas. É ainda possível concluir que a faixa etária predominante é a dos 0-18 anos, apresentando 112 instituições.

## 2) Princípios para um acolhimento com qualidade

### 2.1 O funcionamento dos lares de acolhimento

O acolhimento institucional não é de maneira alguma uma fase fácil pela qual algumas crianças e jovens são obrigados a passar, deste modo existem algumas medidas que os lares de acolhimento podem tomar de forma a suavizar esta experiência de vida. Segundo Gomes (2010), quando a criança ou jovem é institucionalizado o sistema de acolhimento tem como função proporcionar condições com qualidade de forma a conseguir promover um acolhimento adequado, respondendo às diferentes necessidades de cada jovem. As instituições devem criar um ambiente seguro e acolhedor, com equipas de profissionais aptos a trabalhar com este público-alvo, cabe ao Estado como entidade reguladora “estabelecer critérios rigorosos quanto aos requisitos de funcionamento, bem como ao financiamento a conceder às instituições, para que estas possam promover um acolhimento de qualidade” (Gomes, 2010, p.92).

Segundo Del Valle & Fuertes (2000, citado por Gomes 2010) existem princípios fundamentais para a promoção de um acolhimento com qualidade: Individualidade, respeito pelos direitos da criança e das suas famílias, adequada cobertura das necessidades básicas da criança, escolarização e alternativas educativas, cuidados de saúde, integração social, preparação para a autonomia, apoio às famílias, segurança e proteção, projeto de vida e respeito pelo direito da criança à proteção.

### 2.2 Educar para a autonomia de vida

“Aprender a crescer, aprender a pensar, aprender a decidir”  
(Gomes, I. 2010, p.195)

Um dos diplomas aprovados sobre a infância e a juventude (Lei nº 147/99 de 1 de setembro) tem por objetivo proteger as crianças e jovens em risco, promovendo os seus direitos, para que estes consigam atingir um desenvolvimento pleno e integral. A mesma lei contém nas Medidas em Meio Natural de Vida, o apoio para a Autonomia de Vida, e de acordo com a mesma

consiste em proporcionar diretamente ao jovem com idade superior a 15 anos apoio económico e acompanhamento psicopedagógico e social, nomeadamente através do acesso a programas de formação, visando proporcionar-lhes condições que o habilitem e lhe permitam viver por si só e adquirir progressivamente autonomia de vida (Gomes, 2010, p.195).

O processo de autonomia é longo e desenvolvido desde a infância até à idade adulta, e é composto por dois níveis distintos mas complementares, o nível socioafetivo e o nível comportamental. O primeiro está ligado à capacidade da criança ou jovem tem em exprimir sentimentos, conseguir ultrapassar as suas frustrações ou ter a capacidade de se adaptar a novas situações. Deste modo o nível socioafetivo está diretamente ligado com a dimensão cognitiva, isto é, a capacidade de tomar decisões ou criar objetivos pessoais. O nível comportamental inclui o desenvolvimento de competências práticas, como por exemplo a realização de todas as tarefas ligadas à manutenção de uma casa, este nível abrange a capacidade dos jovens praticarem a sua capacidade de decisão (Gomes, 2010).

Os conceitos de autonomia, ou educar para a autonomia, ou educar para a autonomização são bastante utilizados no contexto de acolhimento institucional, desta forma é primordial compreender exatamente o que significam e como são aplicados e desenvolvidos com estas crianças e jovens. Segundo Gomes (2010) autonomia é “a capacidade para assumir a responsabilidade individual pelos assuntos e opções próprias. Não se refere apenas ao nível económico e físico, mas também à afectividade e capacidade de assumir valores e decisões próprias” (p.196). Por outro lado a autonomização assume-se como a fase final da intervenção sobre a autonomia que tem como objetivo a reflexão e o desenvolvimento de estratégias para a saída dos jovens do LIJ e por consequência a sua autonomia (Gomes, 2010).

O desenvolvimento da autonomia em contexto institucional permite à criança e jovem a aquisição de um conjunto de competências e comportamentos indispensáveis à autonomia plena, necessária na saída da instituição.

Existem outros fatores cruciais quando se trabalha a autonomia com jovens institucionalizados, por exemplo o papel que o adulto assume é fundamental nesta aquisição, a confiança deve ser o pilar da relação, não esquecendo os limites e as normas necessárias com estes jovens. De acordo com Gomes (2010) “para além da afectividade e da segurança, é fundamental que as crianças e os jovens aprendam a respeitar os limites, pois estes são importantes para a construção do bem-estar individual e comum” (p.198).

O processo de autonomia é desta forma um processo longo, trabalhoso mas indispensável ao desenvolvimento pleno de uma criança ou jovem.

### 2.3 Educar para a cidadania (participação ativa)

As crianças e os jovens institucionalizados devem ser vistos e respeitados como futuros cidadãos participativos no desenvolvimento do seu próprio país, deste modo, as instituições tem o dever de promover a educação para a cidadania. É fundamental que os jovens tenham acesso e opinião sobre as decisões relativas aos próprios, valorizando as suas competências de participação. De acordo com Nogueira (2013),

é de extrema importância o reconhecimento das crianças como atores sociais capazes de transformar o meio, e da convicção que só se aprende a cidadania vivendo experiências de cidadania e que as crianças só podem participar se forem criadas competências, tempos, e espaços para o fazerem (p.23).

Ou seja, as crianças e jovens devem e necessitam de ter parte ativa no meio que as rodeia, em todas as decisões que envolvam o seu crescimento, o seu desenvolvimento e o seu futuro, só desta forma se tornarão aptos a experienciar a sua cidadania.

#### 3) Os atores presentes nos lares de acolhimento

“o educador social, como profissional de proximidade e de relação, agente crítico e reflexivo, pode desempenhar um papel fulcral no trabalho em Lares”  
(Carvalho & Baptista, 2004, p.95)

Os lares de acolhimento dispõem de equipas multidisciplinares cujo objetivo é o acolhimento seguro com vista ao desenvolvimento integral da criança ou jovem. É necessário ter em conta que as crianças e jovens acabaram de ser retirados das suas famílias de origem, logo torna-se necessário estabelecer relações afetivas com as equipas dos lares de acolhimento. Veiga e Cardoso (2011) defendem “o (re)estabelecimento de laços afectivos e emocionais, tanto com os técnicos e pares – que, a partir da institucionalização, se tornam numa nova família da criança/jovem” (p.24). Deste modo as instituições de acolhimento são constituídas por equipas multidisciplinares, com formação específica nesta área, mas sobretudo com a noção que a sua ação e dedicação é um pilar fundamental na vida destas crianças e jovens. Cada um destes profissionais tem um papel fundamental nas instituições em que trabalha, e sobretudo na vida das crianças e jovens que por eles passam.

As crianças e jovens em situação de acolhimento tendem a desenvolver relações próximas com os profissionais. Aliás como sublinha Strecht (1997, citado por Veiga e Cardoso, 2011) “as crianças e jovens institucionalizados tendem a aproximar-se

normalmente, de um adulto, profissional da instituição, com quem espera desenvolver uma relação afectiva próxima contentora, podendo esta, quando de qualidade, ter um efeito reparador do eu” (p.27). Desta forma todos os agentes envolvidos neste processo têm “alvos” em comum, ou seja o seu trabalho incide não só com o grupo de crianças e jovens institucionalizados, mas também com a equipa multidisciplinar presente na casa e com a rede familiar e social de apoio (Gomes, 2010). Existem outras características indispensáveis, tais como a “motivação, a maturidade, integridade, capacidade de empatia e afecto, assertividade e capacidade para lidar com conflitos e situações de crise” (Gomes, 2010, p.115). É assim importante apresentar as funções e algumas das características dos profissionais que exercem funções em instituições de acolhimento.

### 3.1 O educador social

O educador social assume várias funções enquanto profissional numa instituição de acolhimento, deverá assumir uma postura de ouvinte, estando atento aos sentimentos e ao bem-estar das crianças e jovens, deve promover o respeito, individualidade e privacidade de cada residente. Tem ainda outro papel, o educador social deve incentivar a criação de um sentimento de união, quer em relação ao grupo, quer à instituição, só após a formação de uma identidade coletiva é possível criar um ambiente familiar, seguro e positivo (Veiga & Cardoso, 2011). Segundo Gomes (2010), o educador social não desempenha só uma função importante com as crianças e jovens institucionalizados, desempenha também um papel importante com a equipa de trabalho na instituição e com as famílias das crianças e jovens. Ao educador social cabe sobretudo todas as tarefas nas áreas da educação, saúde e integração e desenvolvimento da criança e jovem na casa de acolhimento.

### 3.2 O coordenador/diretor técnico

O coordenador de cada lar assume variadas funções que não se relacionam apenas com as crianças e jovens. A este profissional cabe a função de propor, planear, realizar as atividades, rotinas, projetos que envolvam toda a equipa técnica do lar de forma que juntos consigam concretizar os projetos de vida estipulados para cada residente. De acordo com Gomes (2010),

é essencial que promova condições para que as crianças e os jovens acolhidos possam ter possibilidades de atingir um bom desenvolvimento integral e que a equipa se sinta motivada e com boas condições de trabalho, para proporcionar um acolhimento de qualidade às crianças e aos jovens que dele necessitam (p.141).

Deste modo o coordenador acumula vários papéis quer com as crianças e jovens, a sua integração, as relações sociais dos mesmos, o desenvolvimento da autonomia, e o seu desenvolvimento integral, e com a equipa técnica, uma vez que o relacionamento dos elementos da equipa é extremamente importante no desempenho das suas funções. Uma equipa unida, com objetivos e estratégias em comum tem maior probabilidade de atingir os objetivos propostos com maior sucesso (Gomes, 2010).

### 3.3 O auxiliar de ação educativa

Os auxiliares de ação educativa dos lares de acolhimento são elementos muito importantes no equilíbrio dos mesmos. Além de apoiarem os jovens nas tarefas diárias, na sua higiene entre outras tarefas, são também confidentes dos mesmos, uma vez que passam muitas horas nos lares de acolhimento. De acordo com Gomes, 2010, estes profissionais devem ter como requisitos “a disponibilidade interior, uma atitude calorosa, acolhedora e afectuosa para com as crianças e os jovens, constituem factores fundamentais para se exercerem funções neste equipamentos, isto sem esquecer o profissionalismo e a confidencialidade” (p.146). Devem ser profissionais carinhosos e disponíveis de forma a conseguirem chegar a estas crianças e jovens.

### 3.4 O psicólogo

O psicólogo é sem dúvida um elemento crucial na equipa de um CAT ou de um LIJ, é mais um elemento em quem as crianças podem confiar e desabafar. A principal função do psicólogo é “promover o desenvolvimento psicossocial das crianças e dos jovens, bem como contribuir para a humanização das relações interpessoais, proporcionando um ambiente construtivo e estruturante” (Gomes, 2010, p.135). Deste modo, o psicólogo é um ouvinte da criança ou jovem, e deverá recolher o máximo de dados de cada história da criança de maneira a reconstruir a história de vida da cada criança e jovem institucionalizado. O conhecimento e compreensão do passado de cada criança e jovem são muito importantes para a elaboração do projeto de vida de cada um.

Em relação à equipa, este profissional é um elemento chave uma vez que poderá também apoiar os restantes elementos da equipa a nível emocional, e no controlo do *stress* entre os mesmos (Gomes,2010).

### 3.5 O assistente social

O assistente social tem como função conhecer os antecedentes de cada criança e jovem, os problemas sociais que cada jovem e/ou a sua família enfrenta de forma a ajudá-los a dar resposta aos mesmos. Este profissional tem um papel fundamental com a rede familiar e social de apoio, isto é, sempre que a família ainda é um recurso é este profissional que prepara esta aproximação (Gomes, 2010). O assistente social deve (sempre que seja um dos objetivos do projeto de vida) promover o contato das famílias com as crianças e jovens institucionalizados, envolver as famílias na construção do projeto de vida de cada criança ou jovem de forma a cooperarem no seu desenvolvimento e também a responsabilizá-las pelas decisões tomadas. Em relação às famílias é responsabilidade do assistente social dar apoio às famílias ajudando-as a compreender as suas dificuldades e capacidades para uma melhor receção destas crianças e jovens (Gomes, 2010).

Após a análise de alguns dos profissionais existentes em lares de acolhimento, quer seja em CAT ou LIJ, é possível compreender a importância dos mesmos para o normal funcionamento do lar. A base de um bom funcionamento e de um acolhimento de qualidade reside na equipa multidisciplinar que o contempla. Esta equipa tem de estar em sintonia, alinhada com os mesmos objetivos e princípios de forma a desempenharem as suas tarefas corretamente. Este conjunto de profissionais tem de ter formação adequada, conhecer bem cada história de cada criança ou jovem, e sobretudo ter um bom íntimo, um coração bondoso para conseguir dar tudo aquilo que estas crianças e jovens estão a necessitar enquanto estão fora das suas famílias.

#### 4) Família

“Acredito na competência das famílias para atravessar as inúmeras eventualidades com as quais são confrontadas, maravilhosamente incansavelmente com a riqueza das criações caóticas da vida”

(Guy Ausloos, citado por Gomes, 2010, p.54)

#### 4.1 Quando a esperança reside na família

A família é o primeiro contato da criança com o mundo, e a ela cabe-lhe um papel indispensável a “função educativa e de socialização nas diferentes fases de desenvolvimento da criança, promotora de autonomia e de integração social adequada” (Gomes, 2010, p.55). É no seio familiar que se gera um conjunto de afetos promotores de sentimentos tais como a segurança, estabilidade, amor, confiança que em conjunto proporcionam o desenvolvimento harmonioso. Segundo Fontaine (1984, citado por Gomes 2010, p.55)

o sistema familiar assegura duas funções fundamentais: a continuidade da espécie humana, uma vez que o indivíduo nasce, cresce e se desenvolve, dando origem a novas famílias; e o equilíbrio entre a individuação (ser e estar bem consigo próprio) e a socialização (ser e estar bem com os outros).

Posto isto, a família pode e deve sempre ser um recurso a analisar antes da colocação da criança ou jovem num lar de acolhimento, seja ele de cariz temporário ou permanente. Como foi mencionado anteriormente, as medidas de promoção e proteção podem ser realizadas de duas formas, sendo a primeira em meio rural de vida, ou seja, junto dos pais ou com outro familiar próximo e que mantenha uma boa relação com a criança ou jovem. É de extrema importância apoiar as famílias nos momentos menos positivos de forma a garantir o retorno ao bom funcionamento familiar. A intervenção nestes casos passará por trabalhar com as famílias as competências parentais de forma a manter as crianças e jovens no seio familiar. Segundo Gomes, 2010, é necessário “ajudar as famílias a melhorar as suas competências parentais é ajudar as crianças que vivem no seio das mesmas, proporcionando-lhes condições potenciadoras de um bom desenvolvimento” (p.58).

Para garantir este apoio familiar é necessário uma equipa multidisciplinar que consiga analisar com as famílias quais os comportamentos a trabalhar de forma a garantir respostas às necessidades das crianças e jovens.

#### 4.2 Quais os mecanismos disponíveis para apoiar as famílias

Como foi mencionado no ponto anterior, a família deve ser (sempre que possível) a primeira aposta, assim é necessário preparar as famílias e as suas competências de forma a intervir nas fragilidades e a praticar as potencialidades. Segundo Gomes (2010), para se realizar um trabalho com as famílias é fundamental conhecer profundamente

cada sistema familiar, desde os indícios de risco às alterações necessárias de forma a garantir a segurança e a integridade da criança ou jovem. Para apoiar esta resposta às famílias é importante não esquecer os recursos existentes na própria comunidade como por exemplo os programas de treino de competências sociais ou a educação/formação parental.

## 5) Projetos de Vida

“à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade”

(Convenção dos Direitos da Criança artigo 12)

### 5.1 O começo de um novo Projeto de Vida

“cada Projeto de Vida que se concretiza com êxito, cada criança que parte para viver em família – onde sabemos que pode crescer e ser amada, conquistando, a pouco e pouco, o seu espaço com o simples gesto de um beijo, aprendendo a reconstruir a sua família e, através dela, encontrando modelos, referências e valores – representa o renascer constante da confiança no futuro” (Gomes, 2010, p.234)

A partir do momento em que a criança ou jovem é institucionalizado a equipa de acolhimento deve ativar os meios necessários para a realização do seu Projeto de Vida, assim como o plano para o executar, o Plano Socioeducativo Individual (PSEI).

Segundo Costa et al. (2014), o PSEI é um documento que agrupa uma serie de estratégias ou projetos cujo objetivo é a concretização dos Projetos de Vida de cada criança e jovem. Este documento deve ter sempre em conta os “meios e recursos ativados pelos indivíduos para resolverem os seus problemas e obstáculos nos seus percursos” (Gomes, 2005, citado por Costa et al. 2014, p.14). De acordo com Gomes (2010) “entende-se por projecto de vida aquilo que se perspectiva que, num futuro próximo, venha a ser concretizado na vida de cada criança ou jovem, na sequência do plano de intervenção concertado que com eles está a ser desenvolvido” (p.109).

O Projeto de Vida diz respeito também ao encaminhamento de cada criança ao abrigo da LPCJP e da respetiva medida de promoção e proteção. Desta forma, os Projetos de Vida são submetidos a duas premissas: 1) a prevalência da família, incluindo o regresso à família nuclear ou alargada, o acolhimento familiar e a adoção; e 2) a autonomização, ou preparação para uma vida independente (Costa et al. 2014, p.14). Quando a medida de promoção e proteção escolhida é a reintegração familiar é elaborado um Plano de Intervenção Individualizado (PII) com as crianças e a família para que fiquem definidas as competências que ambos precisam de adquirir. Nesta fase

as equipas do LIJ têm um papel fundamental, orientando os intervenientes para a realização desta mudança (Gomes, 2010). Quando os familiares assumem a incapacidade de alterarem os seus hábitos, por decisão própria ou por decisão do tribunal a criança ou jovem tem a possibilidade de ser adotada. A adoção “aparece assim, como um direito da criança a ter uma nova família, depois de esgotadas todas as possibilidades de ela permanecer ou de regressar à sua família de origem” (Gomes, 2010, p.189).

A medida de promoção e proteção que não se relaciona com a reintegração familiar ou com a adoção é segundo a LPCJP a autonomização, ou preparação para uma vida independente. Esta medida caracteriza-se pelo apoio e acompanhamento a jovens com idade superior a 15 anos e cuja estadia no LIJ se prolongará até à idade adulta (18 anos) ou até aos 21 anos caso seja pedido ao tribunal. Esta medida, ou seja o desenvolvimento da autonomia possibilita ao jovem institucionalizado a aquisição de competências fundamentais para a sua vida fora da instituição. É possível conhecer um pouco mais desta medida no ponto 2.2 educar para a autonomia de vida. Quando esta medida é aplicada, a elaboração de um Projeto de Vida torna-se fundamental uma vez que estes jovens têm que recomeçar uma nova vida, criando a base da sua vida futura.

A construção do Projeto de Vida de crianças e jovens envolve o planeamento do seu futuro, implica que estes assumam em conjunto com os adultos cuidadores as decisões do seu futuro, assumindo deste modo uma postura ativa no seu crescimento. O Projeto de Vida “pode ser considerado uma chave-mestra na intervenção a desenvolver durante o período de acolhimento” (Relatório CASA 2012, p. 38) é através deste que a criança ou jovem adquire ferramentas para a sua vida futura, aprende a refletir, a decidir, a ponderar as decisões necessárias, tendo o papel principal na construção do seu futuro. Este Projeto é bastante complexo e abrangente “entre outras facetas, equaciona o percurso escolar, vocacional e profissional, tendo em conta as capacidades, potencialidades e os interesses de cada um” (Veiga & Cardoso, 2011, p.28).

## 5.2 Os atores envolvidos no Projeto de Vida

As instituições de acolhimento têm como função o acompanhamento da criança de acordo com o seu Projeto de Vida. Este projeto e o respetivo PSEI devem ser realizados em conjunto com a criança ou jovem, são eles os atores principais deste Projeto e Plano. De acordo com Costa et al. (2014)

trata-se da diferença entre fazer o Projeto de Vida para a criança ou fazê-lo com a criança. Realçar esta postura permite, por um lado, atribuir aos verdadeiros atores o lugar de destaque no dinamismo da sua vida e, por outro lado, atribuir maior responsabilidade pelo que acontece no seu percurso (p.15).

Este primeiro desafio após a institucionalização permite à criança e jovem uma oportunidade de reconstruir-se, iniciar um novo percurso de vida, tendo responsabilidade no mesmo.

Para uma análise da evolução dos projetos de vida existe o Plano de Intervenção Imediata (PII), este instrumento permite uma supervisão a nível nacional e anual da evolução dos projetos de vida das crianças e jovens institucionalizados. Desta forma o Governo tem o dever de apresentar um relatório acerca da existência e evolução dos projetos de vida (Instituto da Segurança Social, 2014). Este Plano deverá incluir os objetivos que a criança ou jovem deverá atingir durante o acolhimento institucional, bem como as atividades ou tarefas a realizar para atingir os mesmos (Gomes, 2010).

## **II PARTE**

## Capítulo 2 – Problematização e Metodologia

### 1. Problema, objetivos do estudo e questões de investigação

O presente estudo teve origem na minha experiência profissional (e sobretudo pessoal). Durante o mês de agosto de 2015 tive a oportunidade de exercer funções como auxiliar de ação educativa num Lar de Infância e Juventude. Neste LIJ convivi com crianças e jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, e conheci uma realidade nova e tão diferente para mim.

Durante este período foi-me possível conhecer as crianças e jovens residentes, os adultos cuidadores, as rotinas e todo o funcionamento de um LIJ. Após esta experiência surgiu a vontade, a necessidade de conhecer e compreender como funcionam estes mecanismos de resposta social, mais concretamente o papel que os adultos têm na construção dos projetos de vida e o tipo de relação entre os adultos cuidadores e as crianças e jovens.

Segundo Gomes (2010) o acolhimento de uma criança ou jovem deve ser realizado de uma forma individualizada, e com o apoio de uma equipa multidisciplinar de adultos. Os adultos além do apoio escolar e social devem garantir a participação das crianças e jovens nas decisões que lhes dizem respeito, mais concretamente, a participação na elaboração do seu próprio projeto de vida.

Deste modo, o principal objetivo desta investigação foi analisar e compreender o papel do adulto na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados.

De forma a atingir este objetivo, foram formuladas algumas questões de pesquisa:

- Como se caracteriza a relação entre adultos e crianças de acordo com ambas as representações
- Qual o papel e a importância do adulto durante o percurso no LIJ
- O que caracteriza o PSEI e qual o seu papel no percurso da criança e jovem institucionalizado (em ambas as perspetivas)

### 2. Paradigma do Estudo

Tendo em conta o objetivo da investigação partiu-se de um paradigma interpretativo e fez-se uso de uma metodologia qualitativa.

Deste modo foram realizadas vinte e quatro entrevistas abertas a adultos e a jovens institucionalizados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, possibilitando uma análise de conteúdo das mesmas.

### 3. Participantes do Estudo

De forma a atingir o objetivo de estudo e a conseguir respostas para as questões formuladas, foram realizadas vinte e quatro entrevistas presenciais em quatro lares de infância e juventude. Tendo em conta que o objetivo principal centra-se no papel dos adultos na construção de um Projeto de Vida em crianças e jovens institucionalizados, assim como a relação existente entre ambos, os participantes selecionados para este estudo foram crianças e jovens e os adultos cuidadores. Em relação às crianças existiu o cuidado de entrevistar crianças mais velhas, ou seja jovens cuja perceção acerca do seu próprio PSEI e do Projeto de Vida fizessem mais sentido. Em relação aos adultos tentou-se ter uma variedade de adultos desde os educadores, também chamados de encarregados de educação ou educadores de referência, auxiliares de ação educativa, assistentes sociais, diretores técnicos e coordenadores.

Estas entrevistas ocorreram em quatro zonas distintas do país: Litoral urbano e rural e Interior urbano e rural. Assim, de forma a enriquecer o objetivo de estudo definido foram analisadas estas quatro áreas distintas do país. A selecção da amostra foi realizada tendo em atenção as zonas geográficas distintas e a disponibilidade dos Lares de Infância e Juventude.

### 4. Caracterização dos Lares de Infância e Juventude

O primeiro lar de infância e juventude situa-se na zona litoral urbana (zona centro do país), é composto por 24 crianças de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. O lar situa-se num espaço amplo, mas a zona de residência é mais recatada. Os adultos mostraram-se bastante disponíveis para as entrevistas e os jovens um pouco mais envergonhados.

O segundo LIJ é de dimensão mais reduzida (não consegui ter acesso ao número de residentes) e é composto apenas por residentes do sexo feminino. Situa-se na zona litoral rural e o seu aspeto, tanto exterior como interior, assemelha-se ao de uma casa de família perfeitamente “normal”.

O terceiro LIJ situa-se na zona interior urbana, mais a norte do país, e acolhe 48 residentes, todos do sexo masculino. Este foi o maior lar que visitei, talvez pelo tamanho do mesmo foi o único que transmitiu uma sensação mais distante de um lar.

Por último, foi visitado um LIJ na zona sul do país (interior rural), também exclusivamente composto por crianças e jovens do sexo feminino. Este é muito idêntico ao segundo LIJ, a estrutura e a decoração é muito próxima a de uma típica casa de família.

As zonas geográficas concretas de cada lar não foram divulgadas por uma questão de segurança e privacidade das crianças e jovens residentes.

## 5. Instrumentos de recolha de dados: a entrevista

Para dar início à realização das entrevistas, o processo começou pelo pedido de autorização via *e-mail*, uma vez que as áreas geográficas escolhidas são distantes. Foram enviados 38 *emails*, dos quais apenas 3 responderam não ter disponibilidade para a participação na investigação. Desses 38 *emails*, 4 responderam afirmativamente e após a autorização via *e-mail* ou telefone, foram agendadas datas para as entrevistas. Os restantes não devolveram qualquer resposta. De seguida foram elaborados dois guiões de entrevistas semiestruturadas, um destinado às crianças e jovens institucionalizados e outro aos adultos cuidadores, os guiões foram bastante próximos para que as questões fossem idênticas e pudessem ser comparadas.

A entrevista foi o instrumento selecionado para esta investigação, uma vez que permite “ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (Gogdan & Biklen, 1994, p.143). A entrevista semiestruturada foi a eleita, tendo em conta o objetivo de estudo este tipo de recolha de dados permite uma maior variedade na informação recolhida, permite o esclarecimento de novos tópicos relacionados com a questão, assim como a possibilidade de o entrevistado manifestar a sua opinião e orientando por vezes o rumo da entrevista, dando-lhe deste modo um maior enfoque. Desta forma o entrevistador pode, se achar necessário modificar a ordem das perguntas, acrescentar ou retirar questões, pedindo esclarecimentos adicionais. As entrevistas contaram com o apoio de um gravador o que ao início causou um pouco mais de constrangimento aos entrevistados, algo que se foi dissipando ao longo da conversa. O guião elaborado (ANEXO 1) foi idêntico para ambos os participantes do estudo em relação às crianças e jovens entrevistados, este

encontra-se dividido em seis blocos temáticos: (1) legitimação da entrevista (motivar o entrevistado e alertá-lo para confidencialidade da mesma); (2) instituição (analisar o seu percurso na instituição); (3) relação com os adultos (compreender o tipo de relacionamento existente com os adultos cuidadores); (4) funções dos adultos (analisar as funções dos adultos em geral e em relação aos jovens); (5) PSEI (Conhecer e compreender o conceito e a sua importância) e (6) Projeto de Vida (analisar a sua importância para o seu futuro).

Em relação ao guião de entrevista dos adultos cuidadores, este divide-se também em seis blocos temáticos: (1) legitimação da entrevista (motivar o entrevistado e alertá-lo para confidencialidade da mesma); (2) cargo desempenhado (conhecer a função do adulto cuidador); (3) instituição (conhecer o cargo desempenhado no LIJ); (4) relação com as crianças e jovens (analisar o tipo de relacionamento existente com as crianças e jovens institucionalizados); (5) PSEI (Conhecer a sua aplicação, revisão e importância) e por fim o (6) Projeto de Vida (analisar a importância do projeto de vida para o futuro destes jovens).

### 5.1. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo (ANEXO 2) é um instrumento que permite analisar o comportamento dos entrevistados através das suas comunicações. Segundo Machado (2008, citado Berelson in Silva e Pinto, 1999) “é uma técnica de tratamento de informação que permite a descrição sistemática, objetiva e qualitativa do conteúdo nas várias comunicações”. Foram elaboradas análises de conteúdo para cada uma das vinte e quatro entrevistas realizadas. A análise de conteúdo permitiu uma análise detalhada de cada entrevista, para tal foram definidas as seguintes categorias: relação; funções dos adultos, representação do adulto, PSEI: conhecimento, realização, revisão e importância para o futuro.

## **III PARTE**

### Capítulo 3 – Análise e Discussão dos Resultados

A análise dos resultados permite uma resposta mais clara e sucinta às questões de pesquisa elaboradas para esta investigação. Segundo Machado (2008, citado por Lakatos e Marconi, 2001) “a análise de resultados permite organizar os dados recolhidos de modo a que estes permitam responder aos problemas propostos pela investigação” (p.55).

Após terem sido recolhidos os dados necessários para a investigação procedeu-se à análise dos mesmos.

A análise das entrevistas (ANEXO 3) deu origem à análise de conteúdo (ANEXO 2). Esta análise é uma síntese de todas as entrevistas realizadas, focando-se apenas nas categorias definidas e com relevância para o objetivo da investigação e consequentes questões de pesquisa.

- 1) Como se caracteriza a relação entre adultos e crianças de acordo com ambas as representações

A primeira questão de pesquisa procurou analisar o tipo de relação que se forma entre a criança ou jovem institucionalizado e o adulto cuidador. Segundo Gomes (2010),

podemos considerar os recursos humanos, como um pilar fundamental para garantir a operacionalização de boas práticas, em todo o processo educativo e no processo de desenvolvimento das crianças e dos jovens, uma vez que os adultos cuidadores se apresentam como modelos relacionais de qualidade (p.115)

Desta forma foi fundamental analisar esta relação em ambas as perspetivas, primeiro a opinião das crianças e jovens e depois a mesma questão para os adultos cuidadores.

Começando pelos jovens, de acordo com a análise de conteúdo e com as 12 respostas a esta questão, não existiu uma resposta negativa, a maioria respondeu que a relação é “boa”, os restantes definiram esta relação como “normal” ou “mais ou menos”, existiu apenas uma resposta “ainda não é muito próxima”.

A mesma questão mas agora analisada na opinião dos adultos cuidadores revelou respostas muito idênticas às das crianças e jovens entrevistados. Através das entrevistas aos adultos cuidadores foram obtidas respostas muito positivas a esta questão e que vão ao encontro das respostas anteriormente analisadas. Deste modo, todos os adultos cuidadores afirmaram que mantêm ou tentam manter uma relação muito próxima com as crianças e jovens institucionalizados. É possível apresentar um exemplo de cada zona geográfica entrevistada:

Litoral urbano	“é muito próxima, é muito próxima e para mim não me faz sentido que seja o contrário” (linha 69)
Litoral Rural	”sim, tenho mas já não tão próxima porque como elas têm a sua, têm a educadora” (linha 48)
Interior Urbano	“tentamos estabelecer uma relação que estabelece um pai com um filho, ou uma mãe com um filho, ou seja, tentar criar relações de afeto, de proximidade, ser uma pessoa de referência para estes jovens” (linha 22)
Interior Rural	“uma relação de uma grande proximidade, (...) porque realmente sim, nos somos as doutoras como elas dizem, mas somos aquelas em quem elas confiam, com quem choram, com quem riem” (linha 52)

Analisando uma resposta de um dos cuidadores entrevistados de cada uma das zonas geográficas investigadas, poder-se-á afirmar que os adultos cuidadores procuram que a relação com as crianças e jovens institucionalizados seja a mais próxima possível, e que de algum modo seja idêntica à relação estabelecida em casa com um parente familiar, proporcionando assim uma base segura para a estadia no LIJ.

De forma a analisar mais detalhadamente esta primeira questão de pesquisa, tornou-se imprescindível examinar a última pergunta colocada às crianças e jovens institucionalizados. Terminada a entrevista, foi tempo de “dar” a voz aos entrevistados, foi o momento em que as crianças e jovens entrevistados puderam manifestar a sua opinião sobre o que achassem pertinente. As respostas a esta última questão foram mais uma confirmação da saudável relação existente entre os residentes e os adultos cuidadores.

Assim na zona Litoral urbana, o primeiro jovem respondeu que

“eles são uns magníficos, nos ajudam sempre, sempre estão cá, “tão” sempre aqui a ajudar-nos acho que com eles vamos conseguir sempre, conseguimos ter uma boa formação, “hum” “pa” nós termos o nosso futuro quando lá fora conseguimos ter a nossa vida, a nossa casa, termos um emprego. Acho “qu’eles” tão a fazer muito bem por nós, eles querem só o nosso bem também, e... acho que sim que tão muito bem” (Linha 81).

Na zona oposta, (Litoral rural), as repostas foram também direcionadas para os adultos cuidadores, como por exemplo a jovem II mencionou que “estes 6 meses que eu tenho “tado” cá tem sido os 6 meses melhores da minha vida, elas apoiam-me muito, a J. (educadora) para mim é uma segunda mãe” (Linha 55).

Na zona Interior rural as respostas foram também direcionadas neste sentido, as três jovens entrevistadas direcionaram as respostas para a relação com os adultos da casa, respondendo que:

J.I: “Tipo as doutoras são como eu já disse, fazem de tudo, tudo, tudo, “pa” que a gente “teja” bem, fazem tudo “pa” gente se sentir bem aqui, porque tipo isto aqui não é mau, além de muitas pessoas dizerem que isto é mau, e estar uma instituição isso é “bué” da mau, mas não é. Há pessoas que tem também de ver pelo lado positivo, no meu ver é que se a gente não tivesse aqui, onde é que a gente “tava”? por isso, e acho que isso aqui é bom, “tamos” aqui porque não temos mais nenhum sitio pra ir, por isso é bom” (Linha 49).

J.II: “Eu acho que tudo o que elas aqui fazem é para o nosso bem, elas só querem o nosso melhor e é verdade, por mais que às vezes ralhem com a gente é porque têm razão porque a gente faz muitas asneiras ao longo dos tempos, e elas só querem que a gente se torne umas mulheres e às vezes a gente não faz por isso” (Linha 61).

J.III: “Eu gosto muito de estar aqui na instituição eu tive uma infância má e quando vim para aqui fiquei com uma infância melhor e “tou” a crescer e já “tou” acostumada a “tar” aqui. A minha família queria que eu me fosse embora e eu não consigo, eu já “tou” tão habituada a isto, pode ser uma chatice, podemos não ter a liberdade que queremos, podemos não ter aquela liberdade de jovem, fazer o que queremos, sair à noite com os amigos e assim, mas isto é o nosso lar, é a nossa casa, temos de ter regras. Acho que já há muito tempo que não me sentia tão bem numa casa, como “tou” a sentir aqui, pronto retirando algumas confusões com as miúdas da minha idade mas isso é coisas da nossa idade” (Linha 68).

A única zona geográfica cujas respostas foram ligeiramente distintas foram as da zona Interior urbana, os entrevistados na questão livre manifestaram a ansiedade em sair do LIJ, revelando que:

J.II: “Que muita coisa aqui que não “tá” justa. E que tipo isto aqui “tá” bem feito para as pessoas que tipo passam fome e isso e que vêm para aqui dentro, mas por um lado tá injusto, porque há pessoas também aqui dentro que se calhar têm tudo de bem em casa e vieram para aqui.” (Linha 52)

J.III: “Eu acho que vir para a instituição mudou-me mas talvez já esteja mudado o suficiente, acho que já fiz os meus objetivos” (Linha 47).

A diferença encontrada em relação aos restantes LIJ, no que respeita à vontade de permanecer na instituição por parte dos jovens, suscita uma possível interpretação adicional, relacionada com o facto de ser composto unicamente por rapazes. No entanto, como a diferenciação entre LIJ femininos e masculinos não constituiu uma variável do estudo, não permite tirar conclusões.

Teria sido interessante analisar esta resposta tendo em conta a composição dos LIJ, uma vez que as respostas revelaram existir uma maior proximidade e afeto nos LIJ das zonas rurais (Interior e Litoral). Esta proximidade poderá ser justificada pela

composição dos lares (residentes de sexo feminino) ou pela zona geográfica rural, para uma resposta mais completa a esta questão teriam de ser entrevistados um maior número de LIJ.

2) Qual o papel e a importância do adulto durante o percurso no LIJ em ambas as perspetivas

A segunda questão de pesquisa debruçou-se sobre a importância que o adulto assume durante todo o percurso no lar de infância e juventude. Os entrevistados quando questionados sobre o que é que o adulto representa, manifestaram uma opinião bastante positiva, e analisando as quatro zonas geográficas entrevistadas, apenas uma jovem da zona Litoral rural respondeu nunca ter pensado nesta questão, já os restantes entrevistados revelaram o que sentem em relação ao adulto cuidador:

Litoral urbano	J.III: "Como se fosse um outro amigo, é assim tipo um amigo mais velho, aquele outro apoio" (Linha 24)
Litoral Rural	J.I: "Ela... (silêncio) dá-nos muito carinho e... presta atenção e depois "hummm" alguma coisa que eu queira desabar ela vem "pa" um sítio connosco e fala connosco e percebe-nos e ajuda-nos e acho que ela, ela é a que mais percebe e mais nos ouve" (Linha 25)  J.II: "Uma amizade muito grande, ela apoia-me em tudo" (Linha 22)  J.III: "Sinto que ela é protetora em relação a nós, trata-nos como filhas, e quer só o nosso bem" (Linha 30)
Interior Urbano	J.II: "É uma pessoa que quer saber de mim, que quer que eu seja alguém na vida e "mai" nada" (Linha 27)  J.III: "Sinto que lhe posso dizer algumas coisas que talvez não posso dizer aos outros, ou que não me sinto bem a dizer-lhes, sinto-me mais confiante com o meu encarregado de educação, quando é para resolver situações normalmente vou primeiro a ele depois vou aos outros" (Linha 19)

	J.III: “Vejo-o como não digo bem um pai, mas talvez um tio” (Linha 21)
Interior Rural	<p>J.I: “Ela é para mim, vá, a pessoa que “tá” a cuidar de mim, a pessoa que me diz tudo quando eu “tou” mal, diz que eu “tou” mal e tenta fazer com que eu esteja bem, é assim tipo uma segunda mãe “pá” gente todas” (Linha 19)</p> <p>J.II: “Elas todas, cá dentro elas todas nos andam a criar, elas é que nos tentam dar aquela educação né? Elas, as funcionárias para mim, são todas iguais, significam todas o mesmo, mas... como é que eu hei-de dizer? As doutoras tipo, conseguem significar um bocadinho mais para mim porque é sempre elas que eu sei que posso contar com tudo, com elas pra tudo né? “ (Linha 23)</p> <p>J.III: “As doutoras são como segundas mães, as funcionárias é basicamente o mesmo, porque são elas que “tão” cá quando nós precisamos, quando “tamos” mal, quando precisamos daquele carinho da nossa mãe e do nosso pai” (Linha 29)</p>

Analisando as respostas acima transcritas torna-se evidente que os residentes mantêm uma boa relação com os adultos cuidadores, revelando até sentimentos como carinho, amizade e confiança.

De forma a conseguir analisar o objetivo da investigação, esta segunda questão de pesquisa permitiu conhecer o que para os funcionários de um LIJ são as suas funções relativamente às crianças e jovens institucionalizados. O objetivo da investigação não pode ser apenas respondido com as opiniões dos adultos em relação à importância de cada Projeto de Vida, mas sim analisando todo o apoio que cada adulto presta a estas crianças, só assim a construção de um Projeto de Vida é elaborado de forma plena e segura.

As respostas dos adultos quanto a esta questão foram aproximadas, assistindo-se nas quatro zonas geográficas entrevistadas, a uma uniformidade quanto às questões da educação, saúde e higiene.

3) O que caracteriza o PSEI e qual o seu papel no percurso da criança e jovem institucionalizados (em ambas as perspetivas):

### 3.1 Na perspetiva das crianças e jovens

A terceira questão de pesquisa estava relacionada com o Plano Socioeducativo Individual, como já foi mencionado anteriormente é um plano que deve estar de acordo com o Projeto de Vida de cada criança e jovem institucionalizado. A partir do momento que a criança ou jovem é institucionalizado o PSEI deve ser elaborado com a criança e o seu educador ou psicólogo de forma a elaborar as competências necessárias para a concretização do seu Projeto de Vida. Assim, foi importante para esta investigação identificar quantas crianças e jovens tinham conhecimento do seu PSEI, ao que se concluiu que 13 dos entrevistados declararam não o conhecer, sendo que somente duas responderam positivamente, ainda que com pouca segurança.

Depois de explicado com pormenor o termo PSEI e com exemplos práticos de competências, as crianças e jovens foram questionados acerca da sua realização, e as respostas dividiram-se. Parte dos entrevistados responderam que o haviam feito, sendo que os restantes afirmaram que não o teriam realizado ou que não se lembravam.

Por fim, a última questão colocada às crianças e jovens entrevistados foi a opinião acerca da importância deste plano, quer no presente, quer para o seu futuro. A esta questão a resposta foi unânime, todos concordaram que este plano é importante tanto para o presente como o será para o futuro, dando exemplos práticos da sua utilidade, tais como: arranjar emprego, gerir dinheiro, arranjar casa, cozinhar.

Existiram contudo duas respostas surpreendentes. A primeira pela positiva, do jovem da zona Interior urbana: J.III: “Sim. Acho que sim. Como pai, como amigo, como tio, como tudo praticamente” (Linha 42). Esta resposta surpreendeu pela rapidez, segurança e confiança com que o jovem de 13 anos respondeu.

A outra resposta a destacar, surpreendeu pela negativa, foi de um jovem de 19 (zona litoral urbana):

J.III: “É tipo....Alertar um bocado mais do mundo lá fora, tipo contas e essas cenas assim, por acaso não sei nada mesmo” (Linha 66) esta foi a resposta obtida à última questão, a de resposta livre. Nesse contexto, é de facto um pouco inesperado e até um pouco preocupante, dado tratar-se de um jovem de 19 anos que refere necessitar de ajuda na gestão do dinheiro, algo que já deveria estar adquirido e integrado no seu

processo de autonomia. Esta conclusão poder ser sustentada com a afirmação de Gomes (2010),

Num processo de autonomia de vida estão sempre presentes noções como: saber fazer, saber decidir, assumir responsabilidade, ser capaz de realizar algo, capacidade de aceitar desafios, acreditar em si e nos outros, saber aceitar os insucessos, saber brindar às conquistas, saber lidar com as tristezas e as alegrias... todo este processo parece ser natural e comum ao crescimento e desenvolvimento da criança, mas o seu ritmo e eficácia iram também estar condicionados pela forma como os adultos estimulam e preparam a criança, para que mais tarde se torne um adulto independente e autónomo (p.198)

### 3.2 Na perspetiva dos adultos cuidadores

A terceira questão de pesquisa foi direcionada para os adultos cuidadores, e incidiu sobre o PSEI. A primeira pergunta feita aos adultos cuidadores foi acerca da realização do PSEI, se este era realizado com a criança ou jovem, e as repostas foram as seguintes:

Litoral urbano	<p>C.I: “Sim a criança e o técnico” (Linha 39)</p> <p>C.II: “Sim, após a entrada na instituição faz-se um levantamento de algumas informações da criança” (Linha 83)</p> <p>C.III: “Bem nos mais pequeninos é mais difícil não é? Mas tenta-se que seja sim” (Linha 61)</p>
Litoral Rural	<p>C.I: “Ah pois isso já não é nada comigo...” (Linha 110)</p> <p>C.II: “Sim, sim exatamente, era isso que ia dizer, essa parte da estipulação dos objetivos está mais ligada à equipa técnica, mas no entanto às vezes, “tamos” a par daquilo, das, daquilo que, foi estipulado, e dos objetivos que foram criados para cada uma para também ajudar a desenvolver isso” (Linha 67)</p>
Interior Urbano	<p>C.I: “Pensa-se com eles, em conjunto” (Linha 42)</p> <p>C.II: “Normalmente fazemos, nós também participamos na elaboração do PSEI, nós fazemos o preenchimento das fichas de acolhimento que constam do PSEI dos jovens, ou seja, nós acabamos também por ser um elemento ativo nesse PSEI, e depois vai ser feito</p>

	<p>aos bocadinhos, nós acabamos também por participar, ajudar a executar, à semelhança da gestora, da técnica, da assistente social ou da psicóloga” (Linha 52)</p> <p>C.II: “Os mais velhos sabem, inclusivamente ainda ontem iniciámos com um dos jovens, que até é meu educando que “tá” no 10º ano e tem 17 anos, uma vertente do PSEI que é o processo de autonomização, agora se questionar acerca dos mais novos eles não sabem que é, não fazem a mínima ideia do que é ou não é, assim como muitos daqueles jovens mais velhos que têm 15/16 anos falar-lhe no PSEI não sabem, mas se falar nalguns objetivos do PSEI ele sabe” (Linha 59)</p> <p>C.III: “Vai depender da idade da institucionalização, se é um educado mais tenro com 7 / 8 anos uma criança não tem muito bem a noção de que o PSEI é elaborado para que ele tenha de atingir determinadas competências ou capacidades” Linha 60</p>
Interior Rural	<p>C.I: “Nós primeiramente discutimos entre nós (...) É aberto, e é muito bom elas também terem esta noção porque promove a responsabilidade delas, e a própria autonomia, identificarem também o que está menos bem, e o que é que gostariam de trabalhar” (Linha 61)</p> <p>C.III: “Sim, nos definimos e temos sempre em consideração até às vezes as mínimas coisas (...) claro que há decisões que temos de ser nós a tomar, mas ela sabe o porquê, nos explicamos sempre o porquê” (Linha 63)</p>

De uma maneira geral, os adultos assumiram o PSEI como uma atividade realizada em conjunto com a criança ou jovem institucionalizado, na zona litoral urbana o adulto cuidador III alertou para a dificuldade de realização com as crianças mais pequenas, opinião idêntica aos cuidadores da zona geográfica da zona interior urbana.

Em relação à zona litoral rural as respostas foram inconclusivas, o que se deveu ao facto de não ter sido possível entrevistar nenhum educador, ou coordenador.

No que respeita ao acesso ao PSEI por parte da restante equipa, as repostas foram unânimes, todos os adultos cuidadores afirmaram que o PSEI está ao acesso da restante equipa, independentemente de ser em papel ou transmitido oralmente, como é possível confirmar na tabela abaixo:

Litoral urbano	<p>C.I: “Temos” (Linha 71)</p> <p>C.II: “Está, está acessível” (Linha 99)</p> <p>C.III: ”Sim, sim nós o ano passado ainda tentámos que as reuniões de equipa debatêssemos (...) e entretanto também ficaram disponíveis em formato de papel no dossier na sala de equipa educativa para que quem quisesse dar uma vista de olhos” (Linha 70)</p>
Litoral Rural	<p>C.II: “Humm”... Eu acho que sim! Temos acesso, mas como normalmente, sabemos assim mais de boca, não consultamos nada” (Linha 72)</p>
Interior Urbano	<p>C.I: “É assim ao acesso não está. O acesso está, é transmitido (...)” (Linha 60)</p> <p>C.II: “Todos sim, tentamos realmente como uma equipa, primeiro restrita que é a educativa e depois técnica-educativa” (Linha 67)</p>
Interior Rural	<p>C.I: “Sim, sim isto porque nós temos reuniões quinzenais com a equipa educativa e com as crianças temos uma vez por mês e nessas reuniões são sempre, é sempre dado esse feedback à equipa educativa” (Linha 72)</p> <p>C.III: “Sim, sim, sim. Nós fazemos reuniões quinzenais” (Linha 98)</p>

Ainda em relação à caracterização do PSEI é fundamental analisar quando é realizada a revisão dos mesmos nos Lares de Infância e Juventude entrevistados:

Litoral urbano	<p>C.I: Pois... é isso também um bocadinho...é... ainda estão a ser trabalhados, a ser revistos” (Linha 64)</p> <p>C.II: “De 3 em 3 meses” (Linha 122)</p> <p>C.III: “Pronto idealmente era trimestralmente, não se tá a conseguir com todos mas era esse o objetivo” (Linha 77)</p>
Interior Urbano	<p>C.I: “É assim o que está na prática, escrito na lei, a lei manda de 6 em 6 meses. De meio em meio ano, a revisão, mas não é, não é o que possa acontecer, em meio ano ou sempre que seja necessário e é revisto de ano a ano” (Linha 83)</p> <p>C.II: “Dependendo de cada jovem o que poderá ser imagine de meio em meio ano, poderá ser de 3 em 3 meses, depende muito também das situações que vem de fora” (Linha 75)</p>
Interior Rural	<p>C.I: “Não lhe sei dizer... é muito um bocadinho caso a caso” (Linha 89)</p> <p>C.III: “Quer dizer... pronto, existem sempre prazos para estar sempre tudo feito, agora na prática conforme cada caso, é conforme as alterações” (Linha 114)</p>

Em relação à revisão do PSEI, os LIJ apresentaram diferentes respostas como é possível analisar no quadro acima apresentado. No LIJ da zona litoral urbana as repostas recaíram no prazo trimestral de revisão do PSEI embora tenham assumido que esta revisão ainda não estava a ser possível de ser realizada.

No LIJ da zona interior rural esta questão não obteve resposta, como já foi anteriormente explicado, devido à impossibilidade de entrevistar educadores ou o diretor técnico.

Na zona interior urbana, as respostas foram um pouco contraditórias, demonstrando insegurança na resposta. O primeiro cuidador (professor de apoio/encarregado de

educação) respondeu de forma pouco clara mostrando que conhece o prazo legal de revisão, contudo na prática os prazos poderão ou não ser cumpridos.

Por último na zona interior urbana ambos os cuidadores manifestaram a intenção de rever o PSEI sempre que seja necessário, sempre que haja alterações significativas a apontar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminada a investigação este é o momento que permite uma análise de todo o processo. O grande objetivo desta investigação foi: analisar e compreender o papel do adulto na construção de um Projeto de Vida em crianças e jovens institucionalizados, deste modo foram formuladas três questões de pesquisa que orientaram toda a investigação. De uma maneira geral as respostas às questões elaboradas foram ao encontro do que era esperado.

Em relação à primeira questão: como se caracteriza a relação entre adultos e crianças de acordo com ambas as perspectivas, as respostas obtidas foram bastante positivas, todos os adultos entrevistados revelaram manter um relacionamento próximo com as crianças e jovens, justificando por exemplo que só assim é que faz sentido, ou ainda que tentam estabelecer a relação que se estabelece com um filho. Estas respostas foram ao encontro das dos jovens entrevistados a maioria revelou que se sente confortável com os adultos, que estes fazem de tudo para que os jovens se sintam em casa. Uma das respostas que causou maior impacto foi a de uma jovem na zona litoral rural “estes 6 meses que eu tenho “tado” cá tem sido os 6 melhores da minha vida, elas apoiam-me muito” (Linha 55).

No que respeita à segunda questão de investigação, esta incidiu sobre a importância e papel do adulto no LIJ, permitindo também conhecer as principais funções dos adultos cuidadores. Deste modo, os jovens entrevistados manifestaram opiniões muito positivas e até ternurentas em relação aos adultos, mencionando palavras como “amigo, carinho, amizade, filhas, tio, segundas mães”. Nas respostas obtidas pelos adultos assistiu-se a uma conformidade nas respostas, assente nas preocupações em relação a higiene, educação, saúde e futuro.

Por último, um dos objetivos desta investigação foi compreender como é que estas crianças e jovens olham para o seu futuro, que competências precisam de adquirir, para tal o PSEI torna-se um instrumento indispensável. Esta última questão foi a mais surpreendente, isto porque em comparação com o lar em que trabalhei, os jovens conheciam bem o seu PSEI, compreendiam o que era necessário trabalhar e adquirir, tudo lhes eram explicado abertamente tendo em conta a sua faixa etária. Nos lares entrevistados a situação revelou-se um pouco diferente: apenas dois dos treze jovens entrevistados afirmaram conhecer e saber o que é o PSEI, embora com alguma insegurança. Surgiu desta forma a necessidade de explicar o que significa, após este

momento as respostas dividiram-se, contudo ficou evidente que não é um termo que conhecem e que se sentem confortáveis. No que concerne aos adultos entrevistados a questão incidiu mais sobre a sua realização, revisão e conhecimento por parte da restante equipa.

Em suma, e realizando um balanço de todas as respostas, estas foram ao encontro do que era esperado, relativamente ao relacionamento entre jovens e adultos bem como a importância dos adultos nos lares as respostas não poderiam ter sido mais positivas o que faz com que possamos “descansar”. Apesar de estas crianças e jovens não estarem no seu meio natural (pais ou familiares), conseguem manter relações com os pares e com os seus adultos cuidadores.

Relativamente ao Plano Socioeducativo Individual, concluiu-se que ainda há algum trabalho a realizar, e apesar de conhecerem a sua importância no futuro destas crianças e jovens nem sempre é possível a sua realização e implementação.

Esta investigação permitiu-me obter uma evolução ao nível pessoal e profissional. Começando pelo desenvolvimento pessoal este trabalho fez-me crescer, fez-me não dar tanta importância a problemas pequenos que nos surgem no dia-a-dia comparando com as histórias de vida destas crianças e jovens. Tive o privilégio de conhecer mais crianças e jovens, mas também adultos cujo seu dia-a-dia é passado com estes jovens como se mães e pais se tratassem, que multiplicam o seu afeto e o seu amor pelo número de residentes do lar. Senti-me tão pequenina quando ouvi os seus relatos, quando conheci as suas tão curtas, mas intensas histórias de vida, mas senti também que com esta investigação consegui dar-lhes voz, não foram entrevistas somente para meu benefício. A maioria dos jovens que entrevistei manifestaram alívio, vontade de desabafar, partilhar a sua história, os seus medos, angústias e objetivos de vida. Esta investigação ensinou-me a não sentir pena destas crianças e jovens, porque não é disso que eles precisam, necessitam sim de estímulo, de incentivo, de pessoas que acreditem neles e que os incentivem a desenvolver-se e a ser alguém.

Relativamente ao desenvolvimento profissional, como futura educadora fez-me repensar sobre todo o meu percurso, sempre preferi a educação pré-escolar, e neste momento trabalho numa creche e projetei o meu futuro nesta área, e sim é uma área que me dá prazer, acordo todos os dias com vontade de trabalhar. Contudo, a experiência no LIJ foi marcante, e um dos meus objetivos futuros é sem dúvida voltar a trabalhar num lar de acolhimento, pois é gratificante trabalhar com estas crianças e jovens, compreender e tentar ajudá-las nas suas decisões, e tentar repor o défice de amor e

carinho que trazem. Quando comecei a trabalhar no lar de infância e juventude, achei que não aguentaria a primeira semana e que este tipo de função não me era destinado, contudo, a vontade de conseguir foi maior e compreendi qual era o meu verdadeiro papel. Quando saí a minha opinião mudou, senti que foi dos papéis mais importantes que tive no meu percurso profissional, criei laços com estas crianças e passaram a fazer parte da minha vida. O mais gratificante que trouxe desta “viagem” foi saber que quase todos os residentes deste lar o reconheciam como o “seu lar” a “sua casa” preferindo realizar atividades com os funcionários do lar, a passar esse tempo com os seus familiares ou amigos do exterior. Quando isso acontece é sinal que enquanto adultos cuidadores, estamos no bom caminho, não é possível dizer a tudo que sim, é preciso dizer que não, comprar discussões com eles, mas acima de tudo que essas discussões os façam crescer e compreender como se desenrola a vida fora de quatro paredes.

Foi assim um trabalho em que acima de tudo foram privilegiadas as vozes das crianças e jovens institucionalizados, em que estes puderam ter um momento para expressar o que sentiam sem medo de qualquer represália. Aproveitaram também, para contar um pouco da sua história, e para mim esta já seria uma razão que justificava toda esta investigação. Existiram muitas mais razões para que esta investigação se tornasse tão importante para mim, permitiu dar a voz a mulheres e homens que fazem do seu dia-a-dia uma luta constante pelos direitos destas crianças e jovens, disponibilizando não só o seu tempo, mas o seu colo, o seu abraço, dedicação e amor. Tenho plena noção que não é possível generalizar, tendo em conta a reduzida amostra, contudo, nos lares em que passei “respirava-se” paz.

Antes de terminar as considerações finais não poderia deixar de propor novos objetivos de investigação em relação a este tema, por exemplo analisar as mesmas questões mas só em lares femininos ou masculinos, ou ainda analisar consoante a capacidade do lar. Penso que esta é uma temática pouco explorada e espero que a presente investigação suscite o interesse futuro para novas investigações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto, I. (2008). *Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de crianças e adolescentes em risco*. In Carla Machado e Rui Gonçalves, *Violência e vítimas de crimes: Crianças* (pp.209 a 228). Coimbra: Quarteto Editora
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora
- Carvalho, M. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Costa, A., et al (2014). *Direitos da Criança Institucionalizada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no futuro*. Lisboa: Texto Editores
- Leandro, A., Alvarez, D., Cordeiro, M., & Carvalho, R. (2003). *Manual de Boas Práticas: Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social
- Tomás, C. (2011). *Há muitos mundos no mundo... Direitos das Crianças, Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento
- Veiga, S., Cardoso, D. (2011, 15 de outubro). O Profissional de educação social num lar de infância e juventude. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e educación*, vol. 19, 21-24

## FONTES

### a) Legislação

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (aprovada pela Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, a que foram introduzidas alterações pela Lei n.º 31/2003, de 22 de agosto)

Decreto de lei n.º 2/86. Recuperado a 2 de janeiro de 2016, de <http://www.oasrn.org/upload/apoio/legislacao/pdf/menores286.pdf>

### b) Relatórios e outros documentos

Camara Municipal de Lisboa. Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. Recuperado a 30 de janeiro de 2016, de <http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social/familias/comissao-de-protecao-de-criancas-e-jovens>

Comité para os Direitos da criança. Recuperado a 2 de janeiro de 2016, de <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/onu-proteccao-dh/orgaos-onu-estudos-ca-dc.html#IA>

Instituto da Segurança Social. (2006). *Plano de Intervenção Imediata: Relatório de Caracterização Sumária*. Recuperado a 2 de janeiro de 2016, de [http://www.cnpcjr.pt/preview\\_documentos.asp?r=1117&m=PDF](http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1117&m=PDF)

Instituto da Segurança Social. (2012). *Plano DOM - Desafios, Oportunidades e Mudanças*. Recuperado em 30 setembro 2015, de <http://www4.seg-social.pt/plano-dom-desafios-oportunidades-e-mudancas>

Instituto da Segurança Social. (2014). *Guia Prático Apoios Sociais Crianças e jovens em situações de perigo*. Recuperado em 26 setembro 2015

Instituto da Segurança Social. (2014). *Plano de Intervenção Imediata*. Recuperado a 3 de janeiro de 2016, de (<http://www.seg-social.pt/plano-de-intervencao-imediata>

Machado, H. (2008). *A Intervenção dos técnicos com famílias de crianças e jovens institucionalizados: Haverá (ou não) conflito?* Porto: Universidade Fernando Pessoa da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Nogueira, S. (2013). *A Participação das Crianças em Lares de Infância e Juventude: Representações e Práticas. Um estudo de Caso.* Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa

Pinheiro, M. (2012). *O acompanhamento a crianças e às suas famílias nos Centros de Acolhimento Temporário: A perspectiva dos técnicos de serviço social.* Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa

Quintãs, C. (2009). *Era uma vez a instituição onde cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização.* Braga: Universidade do Minho

Santos, A. M. (2010). *O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco – a experiência passada de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos adultos.* Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

UNICEF. (1990). *Convenção dos Direitos da Criança.* Recuperado em 28 setembro 2015 [http://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)

## ANEXO 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS JOVENS

Blocos Temáticos	Objetivos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	Motivar o entrevistado;  Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista;  Assegurar o carácter confidencial e anónimo dos dados. Pedir autorização para gravação áudio.
Instituição	Analisar o seu percurso na instituição	Há quanto tempo estás institucionalizado?  É a primeira instituição? Ou já tinhas estado noutra?
Relação com os adultos	Compreender o tipo de relacionamento existente com os adultos cuidadores	Conheces os adultos que trabalham cá?
Funções dos adultos	Analisar as funções dos adultos em geral e em relação aos jovens	Conheces as funções que desempenham?  Qual a relação que tens com os adultos da casa?  Há alguém com quem te dêes melhor?
PSEI	Conhecer e compreender o conceito e a sua importância	Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?  Lembraste se fizeste algo parecido?
Projeto de Vida	Analisar a sua importância para o seu futuro	Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que

		consigas alcançar os teus objetivos?
--	--	--------------------------------------

## GUIÃO DE ENTREVISTA AOS ADULTOS

Blocos Temáticos	Objetivos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	Motivar o entrevistado;  Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista;  Assegurar o carácter confidencial e anónimo dos dados Pedir autorização para gravação áudio.
Cargo desempenhado	Conhecer a função do adulto cuidador	Qual o cargo que desempenha no LIJ?  Há quanto tempo desempenha funções nesta área?
Instituição	Conhecer o cargo desempenhado no LIJ	Quais as suas principais funções no LIJ?  Quais as suas funções em relação às crianças e jovens?
Relação com as crianças e jovens	Analisar o tipo de relacionamento existente com as crianças e jovens institucionalizados	Que tipo de relação mantém com os residentes?
PSEI	Conhecer a sua aplicação, revisão e importância	O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?  Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

		Com que regularidade o PSEI é revisto?
Projeto de Vida	Analisar a importância do projeto de vida para o futuro destes jovens	Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?

## ANEXO 2 – ANÁLISE DE CONTEÚDO (SÍNTESE)

### Analisar a relação entre adultos e crianças e jovens em ambas as perspetivas

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Relação	Perspetiva das crianças e jovens face à relação com os adultos cuidadores	Litoral urbano	J.I: “Ham” é sim, é mais ou menos boa, mas pronto.” (Linha 19)  J.II: (Silêncio)” normal” (Silêncio) (Linha 13)  J.III: “É razoável temos os nossos altos e baixos normalmente né? Mas é tranquilo.” (Linha 11)
		Litoral Rural	J.II: “Ainda não é muito próxima.” (Linha 14)  J.III: “Dou-me bem com elas.” (Linha 19)  J.IV: “Em geral acho que tenho uma boa relação.” (Linha 13)
		Interior Urbano	J.I: “Oh! Às vezes maus, às vezes bons, é assim...” (Linha 12)  J.II: “É boa, não me dou mal com ninguém, há uns melhores que outros, e sobre o meu encarregado de educação também me dou bem com ele.” (Linha 20)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			J.III: “Boa”. (Linha 13)
		Interior Rural	J.I: “É boa.” (Linha 15)  J.II: “É boa, tenho confiança neles todos, mais aqui nas técnicas, dou-me bem com umas funcionárias mas um bocado melhor com outras, mas pronto a relação é sempre boa.” (Linha 14)  J.III: “Às vezes pode não ser a melhor, também isso depende do dia e do nosso bom humor, mas é boa normalmente, é boa.” (Linha 20)

**Analisar a relação entre adultos e crianças e jovens em ambas as perspetivas**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Relação	Perspetiva dos adultos cuidadores face à relação com as crianças e jovens	Litoral urbano	<p>C.I: “É uma relação próxima como todas elas, acaba por ser até porque temos mais empatia com uns do que com outros, evidentemente não se faz distinções mas há, mas portanto acaba por ser com todos.” (Linha 35)</p> <p>C.II:”É muito próxima, é muito próxima e para mim não me faz sentido que seja o contrário, portanto, na verdade se eu fui educadora agora “tu” aqui, eu vivo isto completamente não é? Porque é muito difícil fazer até uma separação que é, devia ser necessária fazer, mas isto mexe emocionalmente com qualquer pessoa “eeee”, eu vivo muito todas as, todos os problemas destes miúdos, tudo, tudo.” (Linha 68)</p> <p>C.III: ”Já é muito próxima, e isso consegue-se facilmente não digo que seja logo na primeira semana como é obvio mas, é muito fácil ficar próxima destes miúdos, sim, e depois ganha-se uma proximidade e uma afetividade muito grande sim, e é reciproca porque sinto muito isso também e procuram, e nós a certa altura é um bocado difícil desligar o que também se torna mau quando eles saem, ou quando nós saímos.” (Linha 39)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		Litoral Rural	C.I: "Sim, tenho mas já não tão próxima porque como elas têm a sua, têm a educadora com a parte dos estudos, e depois têm outra senhora que está como...não me vem agora o nome... é... é engraçado porque elas dizem "é a minha senhora", porque há o grupo de quatro colegas que têm um x de meninas para cada uma, "tão" divididas e então, aí já não... não me meto tanto porque há aquela colega que tem aquela função." (Linha 47)
		Interior Urbano	C.I: "Nós tentamos que seja o mais próxima possível, mas claro sempre... depende...depende também dos objetivos que eles tenham, mas é assim quando uma criança aceita a institucionalização é uma coisa, nós conseguimos manter uma relação com eles empática e criar alguns laços, e quando por exemplo nos temos um bom relacionamento com as famílias ajuda imenso, que até aqui, já pensando no futuro, até aqui tem se conseguido sempre isso, porque até aqui o nosso papel a nível de família é acompanhamento mas a nível institucional, portanto vamos a visitas domiciliarias quando a criança está lá, mas agora daqui para o futuro o papel vai mudar um bocadinho, (grande não é?), ainda estamos, está em fase de reestruturação, mas até aqui tem se conseguido criar uma boa relação com as famílias, sabem distinguir qual é o papel do técnico em contexto institucional e qual o papel do técnico por exemplo que acompanha o processo a nível da EMAT. Existem sempre o acompanhamento exterior, e eles fazem muito essa distinção. Criando, havendo um bom relacionamento com a família também

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>se consegue com os miúdos.” (Linha 26)</p> <p>C.II: “Nós tentamos, não quer dizer que seja possível porque eles não querem, tentamos estabelecer uma relação que estabelece um pai com um filho, ou uma mãe com um filho, ou seja, tentar criar relações de afeto, de proximidade, ser uma pessoa de referência para estes jovens, eles ao fim ao cabo têm a família biológica mas que acaba por não estar presente, está ausente.” (Linha 21)</p>
	Interior Rural	<p>C.I: “aqui existe uma grande proximidade, chegam da escola a primeira coisa que fazem é nos cumprimentar e acho que isso transmite muito como é que nós funcionamos não é? A nossa porta do gabinete está sempre fechada mas “tá” sempre aberta pra elas e somos muito, muito próximas e acho que só assim é que nós conseguimos por limites, transmitir o exemplo e de existir aqui muitos momentos de partilha, porque se não houvesse esta proximidade não conseguiríamos aqui manter esta relação tão próxima delas, se tivermos que sentar no sofá para vermos um filme vimos, se tivermos que ir com elas a determinado sitio ao médico ou que seja, nós também vamos e esta relação é muito transparente, ou seja nessas pequenas coisas é muito transparente aquilo que fazemos para a proximidade que temos com elas, temos que ajustar sempre, os jovens apesar de quererem mas nem sempre assume que querem o solinho, é claro que as mais novas procuram mais essa proximidade mais física mas tentamos ser muito próximas.” (Linha 28)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>C.II: "Boa, eu descrevo que é boa, eu acho que tenho uma boa relação com elas." (Linha 18)</p> <p>C.III: "uma relação de uma grande proximidade, quando a minha colega veio para cá, que ela está cá há menos tempo que eu, e que já tinha estado noutra CAT, penso que foi num CAT que ela esteve, dizia que isso só aqui é que acontece esta relação de proximidade, porque realmente sim, nos somos as doutoras como elas dizem, mas somos aquelas em quem elas confiam, com quem choram, com quem riem, com quem fazemos palhaçada, com quem brincamos, com quem falam do namorado, com quem falam do sofrimento que estão a passar, portanto existe tudo, existe tudo, uma relação de grande proximidade eu acho, e penso que elas confiam em nos também para isso." (Linha 51)</p>
--	--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

Categorias	Subcategorias	Zona geográfica	Indicadores/ Transcrição
Funções dos adultos	Análise das funções dos adultos em relação às crianças e jovens	Litoral urbano	<p>C.I: “Eu sou auxiliar de ação educativa, mas estamos como educadoras de referência. Somos educadoras de referência de algumas jovens, pronto são distribuídas os jovens pelo numero de adultos e somos responsáveis pela, pelo percurso delas aqui dentro, tratamos de tudo, a nível da saúde, da escola, da... tudo o que elas tem de fazer tem de vir ter connosco para falar e para e para ter autorizações e pronto.” (Linha 3)</p> <p>C.II: “Eu gosto é aquilo que envolve os miúdos portanto e é aqui assegurar que os PSEI’S estejam bem orientados portanto tenho o apoio também da estagiária de psicomotricidade que está com essa função definida e eu dou um apoio, e asseguro que os PSEI’S são, são construídos são assegurados que ...são avaliados, “hum” e que sejam obviamente implementados não é? Em concordância com o que o educador de referência e o técnico têm relativamente a determinada cada criança.” (Linha 20)</p> <p>C.III: “Sim de uma maneira geral, tentar manter o equilíbrio e o equilíbrio social e socio afetivo deles.” (Linha 33)</p>
		Litoral Rural	C.I: “A encarregada geral dos serviços gerais, acompanha, “tou” com a parte dos

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>produtos alimentares, fazer as ementas, e de comprar os produtos e bens essenciais para a instituição para que nada falte, tomo conta da dispensa na parte de carnes, peixe e fazer a ementa relacionado com aquilo que nós temos...</p> <p>Depois durante o dia, as meninas estão na escola e já não me ocupo tanto também com elas, mas para isso também “tão” cá as educadoras, mas já houve o tempo que no início eramos nós que fazíamos tudo, eram menos crianças e também havia, a educação delas era diferente, eu já passei assim por tantas... tenho de me adaptar à época de agora, tem de haver essa adaptação.” (Linha 32)</p> <p>C.II: “Passa no acompanhamento delas, da vida delas, da vida diária, da rotina diária aqui na casa, que é desde, normalmente entro sempre à 1h ou às 3:30h até as 8h ou 10:30h da noite, portanto acompanho aquilo que... raramente elas estão aqui a essa hora no tempo de escola, mas quando não estão, quando estão de férias pronto é o acompanhamento de refeições, depois incentivar para a escovagem dos dentes, aquelas coisas práticas que elas se esquecem, que as vezes não fazem e falham, têm de ser ajudadas, e lembradas e depois mais no caso da altura escolar depois é ir à escola buscá-las, as pequenas porque nós vamos buscar os do jardim-infantil que temos neste momento e da escola primária, as outras que já estão no ciclo e no liceu regressam sozinhas.” (Linha 9)</p>
--	--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		Interior Urbano	<p>C.I: “Ao nível familiar... mais diretamente é ao nível familiar, com os miúdos é mais ao nível familiar e ao nível interno não é? Também fazemos... é assim nos somos mais ou menos, ora bem, como é que eu hei de dizer, o símbolo que os liga a tudo o que está lá fora e que tem a ver com eles. Por exemplo eles sabem que as informações que passam para o tribunal passam...somos nós que as fornecemos, eles sabem que as informações e o trabalho que é feito com a família é por nós que passa, no fundo nos somos mesmo aquele elo não é? E o que nós fazemos diretamente com eles é isso ligá-los a tudo o que eles não têm contacto aqui dentro, é mais ou menos isso.” (Linha 25)</p> <p>C.II: “Nós aqui enquanto encarregados de educação temos funções na área da educação, fazemos a ligação LIJ-escola, somos os representantes dos jovens nas escolas, fazemos o acompanhamento na escola como qualquer pai ou qualquer mãe, vamos às reuniões da escola, acompanhamos nos trabalhos de casa, prestamos-lhes o apoio escolar todo ele em contexto lar, para além disso, para além destas funções da escola também vamos co os jovens às consultas médicas, fazemos também o acompanhamento a nível de roupa, calçado, higiene pessoal, dentista, ou seja fazemos exatamente o que faz um pai e uma mãe em casa, só não estamos com eles é durante o período da noite, ainda.” (Linha 12)</p>
--	--	-----------------	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>C.III: “As funções que um encarregado de educação tem nesta instituição, é as funções que um pai ou que uma mãe têm na...na vida de uma criança dita normal ou numa criança numa família normal ou bem estruturada, é o acompanhar e incentivar à higiene, sensibilizar para a boa alimentação, sensibilizar para o estudo, estimula-los e incentiva-los a que se sintam bem que façam bem e que acima de tudo que andem bem, são...são aquilo que, ou melhor, serão todas as funções inerentes aquilo que um pai faz, acompanhar ao médico fazer o acompanhamento nas especialidades médicas, fazer o acompanhamento nas escolas, o acompanhar nos trabalhos de casa sempre que possível, o fazer as intervenções junto dos outros pares quando é necessário também fazemos intervenção com alguns no sentido de eles se sentirem protegidos pela nossa figura de referencia.” (Linha 14)</p>
		Interior Rural	<p>C.I: “Todo o trabalho a nível de encarregada de educação, tudo o que é a ponte com as escolas sou eu e a minha colega, normalmente tentamos sempre estar as duas, somos as duas que fazemos parte da equipa técnica nas reuniões, mas cada uma de nós, nós temos 12 vagas e cada uma de nós tem 6 casos e dividimos mais ou menos e tentamos sempre “tar” principalmente nas nossas, mas quando podemos “tamos” em todas as reuniões esta articulação com a escola é uma das nossas funções. Depois a nível de acompanhamento com a maior parte delas tenho acompanhamento semanal a nível psicológico e há uma ou outra situação que</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>temos quinzenal conforme a situação onde é ponderado sempre o plano de intervenção e o que é que são as necessidades de cada uma delas e depois intervenho em cada uma dessas áreas. Com elas é o que faço e depois toda a gestão da casa eu não “tou” como diretora técnica, tá a minha colega mas acabamos por dividir muito as tarefas e tudo o que é necessário comprar para elas e de ir ver de roupa, sapatos, de higiene.“ (Linha 12)</p> <p>C.II: “Temos, temos atelieres para fazer com elas, fazemos muitas vezes, também saímos com elas, fazer caminhadas e coisas assim do género, quando é festas saímos às festas, quando há bailes, pelo exemplo pelo carnaval, pelas festas vamos com as meninas aos bailes para não “tarem” sempre metidas em casa. “Linha 14</p> <p>“Depois existe a outra parte, que sou tudo, portanto sou a brincalhona que faz as brincadeiras, que paramos e brincamos e jogamos ao uno, e bebemos cafezinho na cozinha com as mais pequeninas na cozinha delas, tudo isso, portanto existe aqui um papel de varias funções, é o que eu costumo dizer, aqui não há uma função existem várias, e as várias que nós podemos encontrar, como eu estava a dizer nós, como muitas delas não têm família que as possam visitar e tudo mais, por isso nos temos de ser um bocadinho isso, somos o colo (todas as pequenas quando chegam saltam-nos para o colo com beijinhos, beijinhos no pescoço, beijinhos na cara) e portanto isso faz parte das funções, faz parte daquilo e da forma como nos</p>
--	--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			entregamos aqui à casa, que tem uma vertente que não dá para desligar, isso não é possível.” (Linha 22)
--	--	--	---

**Analisar o papel e a importância do adulto de referência (educador de referência/ encarregado de educação)**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Educador de referência/ Encarregado de educação	Relacionamento	Litoral urbano	J.I: ”Mais algum especial, “qué” a minha educadora de referência.” (Linha 22)  J.II: “Oh... às vezes pronto...temos discussões mas é normal né?” (Linha 17)  <b>“E: Há algum adulto com quem te dás melhor?”</b> J.III: “Sim há o meu educador mesmo.” (Linha 17)
		Litoral Rural	J.III: “É...ela diz que nós somos as suas meninas e trata-nos bem.” (Linha 28)  J.IV: “hummm” é uma boa relação, somos e não somos próximas, eu não sou muito dada às pessoas, andar sempre atrás e quando tem de ser tem, quando não tem também não vou fazer por ser.” (Linha 18)
		Interior Urbano	J.I: “É boa.” (Linha 21)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			J.II: “Sim, digo mais coisas ao meu encarregado que aos outros.” (Linha 23)  J.III: “Sim, é mais profunda.” (Linha 17)
		Interior Rural	J.III: “É um bocado diferente porque com as doutoras nós conseguimos abrimo-nos mais, vá falar mais de coisas que se calhar com as funcionárias não temos tanto, tanta liberdade para fazer. Eu acho que a nossa relação, a minha relação com a doutora, com as duas, é muito mais chegada do que uma relação que eu tenha com uma funcionária.” (Linha 20)

**Relacionamento do educador de referência/ encarregado de educação**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Educador de referência/ Encarregado de educação	Representação do adulto	Litoral urbano	J.III: “Como se fosse um outro amigo, é assim tipo um amigo mais velho, aquele outro apoio.” (Linha 24)
		Litoral Rural	J.I: “Ela... (silêncio) dá-nos muito carinho e... presta atenção e depois “hummm” alguma coisa que eu queira desabar ela vem “pa” um sítio connosco e fala connosco e percebe-nos e ajuda-nos e acho que ela, ela é a que mais percebe e mais nos ouve.” (Linha 25)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>J.II: “Uma amizade muito grande, ela apoia-me em tudo.” (Linha 22)</p> <p>J.III: ”Sinto que ela é protetora em relação a nós, trata-nos como filhas, e quer só o nosso bem” (Linha 30)</p> <p>J.IV: ”Sinceramente nunca pensei sobre isso!” (Linha 26)</p>
		Interior Urbano	<p>J.II: “É uma pessoa que quer saber de mim, que quer que eu seja alguém na vida e “mai” nada.” (Linha 27)</p> <p>J.III: “Sinto que lhe posso dizer algumas coisas que talvez não posso dizer aos outros, ou que não me sinta bem a dizer-lhes, sinto-me mais confiante com o meu encarregado de educação, quando é para resolver situações normalmente vou primeiro a ele depois vou aos outros.” (Linha 19)</p> <p>J.III: “Vejo-o como não digo bem um pai, mas talvez um tio.” (Linha 21)</p>
		Interior Rural	<p>J.I: “Ela é para mim, vá, a pessoa que “tá” a cuidar de mim, a pessoa que me diz tudo quando eu “tou” mal, diz que eu “tou” mal e tenta fazer com que eu esteja bem, é assim tipo uma segunda mãe “pá” gente todas.” (Linha 19)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>J.II: “Elas todas, cá dentro elas todas nos andam a criar, elas é que nos tentam dar aquela educação né? Elas, as funcionárias para mim, são todas iguais, significam todas o mesmo, mas... como é que eu hei-de dizer? As doutoras tipo, conseguem significar um bocadinho mais para mim porque é sempre elas que eu sei que posso contar com tudo, com elas pra tudo né?” (Linha 23)</p> <p>J.III: “As doutoras são como segundas mães, as funcionárias é basicamente o mesmo, porque são elas que “tão” cá quando nós precisamos, quando “tamos” mal, quando precisamos daquele carinho da nossa mãe e do nosso pai.” (Linha 29)</p>
--	--	--	--

**O PSEI: conhecimento, realização, revisão na perspectiva das crianças e jovens e dos adultos cuidadores**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
PSEI: Conhecimento, realização e importância para as crianças e jovens	Conhecimento	Litoral urbano	J.I: “Como não me lembro, acho que não.” (Linha 34) J.II: (Abana a cabeça negativamente). (Linha 33) J.III: “Não, nunca tinha ouvido falar.” (Linha 27)
		Litoral Rural	J.I: “Não “tou” a ver.” (Linha 31) J.II: “Não.” (Linha 27) J.III: “Não.” (Linha 35) J.IV: “Não...” (Linha 35)
		Interior Urbano	J.II: (abana a cabeça negativamente) (Linha 30) J.III: “Nunca ouvi falar...” (Linha 26)
		Interior Rural	J.I: Abana a cabeça negativamente. (Linha 28) J.II: “Não...” (Linha 29) J.III: “É as atividades?” (Linha 33)
	Realização	Litoral urbano	J.I: “Sim... Acho que sim, acho que me lembro.” (Linha 45) J.II: “Ainda não fiz mas vou fazer.” (Linha 43) J.III: “Algumas atividades sim.” (Linha 38)
		Litoral Rural	J.I: “Não me lembro de ter feito.” (Linha 41) J.II: “Sim, fiz no primeiro mês cá em casa.” (Linha 37)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			J.III: “Foi com a psicóloga cá de casa, acho que foi isso.” (Linha 45)
		Interior Urbano	J.I: “Não.” (Linha 38) J.II: “Acho que não, que eu saiba não.” (Linha 40)
		Interior Rural	J.I: “Sinceramente não me lembro.” (Linha 38) J.III: “As doutoras participam mais nessas coisas, quando “tamos” de férias, eu por acaso tenho andado sempre a ir de férias em casa dos meus familiares portanto acho que só aconteceu isso uma vez no natal comigo, porque as doutoras fazem isso sempre em férias, mas com as funcionárias fazemos normalmente.” (Linha 45)
	Importância para o presente e futuro	Litoral urbano	J.I: “Hum”, a ter uma vida nova, a arranjar trabalho, a arranjar emprego, e ter uma casa também.” (Linha 77) J.II: “Como é obvio que sim.” (Linha 57)
		Litoral Rural	J.I: “Sim... elas ensinam-nos a gerir o dinheiro e várias coisas que são importantes para o futuro.” (Linha 48) J.III: “Acho que sim, depois como já aqui não estamos vamos ter, vai ser tipo um mundo novo e acho que vamos ter de saber gerir as nossas coisas e se nos aprendêssemos isso aqui já seria muito mais fácil lá fora.” (Linha 54)
		Interior Urbano	J.I: “Pode, um dia mais tarde posso perceber que aquilo que eu fiz foi errado.” (Linha 45) J.III: “Sim. Acho que sim. Como pai, como amigo, como tio, como tudo

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			praticamente.” (Linha 42)
		Interior Rural	J.I: “Agora e caminhando, agora, amanhã, sempre.” (Linha 42) J.II: “Sim porque a gente quando formos mais velhas, vamos precisar de um bocadinho de tudo, de saber cozinhar, de saber costurar, disto tudo e então acho que é bom fazermos isso.” (Linha 46)

**O PSEI: conhecimento, realização, revisão na perspetiva das crianças e jovens e dos adultos cuidadores**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
PSEI: Realização, conhecimento e revisão.	Realização e conhecimento da criança e jovem	Litoral urbano	C.I: “Sim a criança e o técnico.” (Linha 39)  C.I: “Tem, tem, tem, é ele que, que preenche praticamente, ele é que diz o que é que consegue o que é que não consegue, onde é que sente mais dificuldade, em que área é que sente mais dificuldades, e depois nós ou concordamos ou não concordamos e falamos não é? Por isso é que é feito a 3, o técnico, o educador e o jovem.” (Linha 59)  C.II: “Sim, após a entrada na instituição faz-se um levantamento de algumas informações da criança com base em alguns documentos que estão, “hummm”, que são orientados pela Segurança Social, ficheiros que já estão pré-construídos em

		<p>que o educador que vai ficar com esta criança, portanto, o educador de referencia, vai tirando esses dados, ainda leva algum tempo a tirar esses dados , a informação e aqui tamos a falar em duas coisas, portanto o PSEI “hummm”, estes são alguns diagnósticos que se fazem quando a criança entra , o PSEI é... pretende-se logo , para se fazer um PSEI precisa-se de conhecer a criança não é? Portanto e aquilo que ele, portanto,” eeeee” e há aqui muitos dados que precisam de ser, de serem em cima da mesa para se poder fazer não é? Portanto a nós faz-nos sentido a construção de um PSEI quando uma criança entra, passado 2, 3 meses “hummm”, mesmo que isso mexa um bocado com o calendário que nós temos pré-definidos para a construção e implementação e avaliação dos PSEI’S “hummm”, portanto, é isso.” (Linha 83)</p> <p>C.III: “Bem nos mais pequeninos é mais difícil não é? Mas tenta-se que seja sim. Essa ficha só começamos a usar o ano passado foi ideia até da coordenadora da equipa e lá está, dar uma forma e não ser só conversa os miúdos é que escreveram mesmo e tivemos respostas muito interessantes que às vezes oralmente é mais difícil e eles escreveram as dificuldades que sentiam e foi muito interessante ver isso porque também, vamos nós definir, nós achamos que é aquela dificuldade da criança, mas se calhar para ele não é aquilo que é mais importante e que ele sente mais falta no dia-a-dia então, vamos tentar balançar isso.” (Linha 61)</p>
--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		Litoral Rural	<p>C.I: “Ah pois isso já não é nada comigo...” (Linha 110)</p> <p>C.II: “Sim, sim exatamente, era isso que ia dizer, essa parte da estipulação dos objetivos está mais ligada à equipa técnica, mas no entanto às vezes, “tamos” a par daquilo, das, daquilo que, foi estipulado, e dos objetivos que foram criados para cada uma para também ajudar a desenvolver isso.” (Linha 67)</p>
		Interior Urbano	<p>C.I: “Pensa-se com eles, em conjunto, por exemplo qual é a atividade lúdica ou até pedagógica e sei lá... quais são as dificuldades que têm, e o que eles gostam, e à partida, o projeto de vida que eles próprios vislumbram para eles, não é assim uma coisa que é sentada lado a lado com o miúdo e vamos lá agora fazer... não é isso! A participação deles é fundamental eles dizerem o que eles gostam o que não gostam.” (Linha 42)</p> <p>C.II: “Normalmente fazemos nós também participamos na elaboração do PSEI, nós fazemos o preenchimento das fichas de acolhimento que constam do PSEI dos jovens, ou seja, nós acabamos também por ser um elemento ativo nesse PSEI, e depois vai ser feito aos bocadinhos, nós acabamos também por participar, ajudar a executar, à semelhança da gestora, da técnica, da assistente social ou da psicóloga.” (Linha 52)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>C.II: “Os mais velhos sabem, inclusivamente ainda ontem iniciamos com um dos jovens, que até é meu educando que “tá” no 10º ano e tem 17 anos, uma vertente do PSEI que é o processo de autonomização, agora se questionar acerca dos mais novos eles não sabem o que é, não fazem a mínima ideia do que é ou não é, assim como muitos daqueles jovens mais velhos que têm 15/16 anos falar-lhe no PSEI não sabem, mas se falar nalguns objetivos do PSEI ele sabe.” (Linha 59)</p> <p>C.III: “Vai depender da idade da institucionalização, se é um educado mais tenro com 7 / 8 anos uma criança não tem muito bem a noção de que o PSEI é elaborado para que ele tenha de atingir determinadas competências ou capacidades, se é um jovem, quer dizer, como ele também depois é reformulado, ele vai sendo reformulado em função das competências que já foram adquiridas, a próxima reformulação já serão acrescentadas mais competências adquiridas ou a adquirir por aquele jovem, agora, ele tem conhecimento? Tem. Se tem consciência que isso é importante para ele, se calhar não terá na idade tenra, na idade mais adulta ou na idade da adolescência já é capaz e vai evoluindo.” (Linha 60)</p>
		Interior Rural	<p>C.I: “Nós primeiramente discutimos entre nós, é verdade que nós estamos um bocadinho mais descuradas disso, mas isto porque o trabalho tem sido muito e tem sido complicado, apesar delas todas exigem muito de nós e assim é que é suposto, e tem sido complicado de cumprirmos tudo à risca a nível de prazos e este ano</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>letivo ainda não conseguimos por tudo em ordem, mas primeiro discutimos nós e pensamos em várias alternativas e depois então transmitimos a elas, obviamente que é uma discussão sempre aberta com elas. É aberto, e é muito bom elas também terem esta noção porque promove a responsabilidade delas, e a própria autonomia, identificarem também o que está menos bem, e o que é que gostariam de trabalhar.” (Linha 61)</p> <p>C.III: “Sim, nos definimos e temos sempre em consideração até às vezes as mínimas coisas, imaginemos estamos a fazer um relatório que temos de enviar para tribunal sobre aquela criança, muitas vezes paramos para pensar com ela, o que ela quer, é muito importante para nós sabermos o que ela pensa sobre o seu projeto de vida, o projeto de vida... a vida é delas, portanto não faz sentido que eu o defina sozinha e que nem lhe dê como se costuma dizer cavaco de nada, não, nós aqui definimos sempre com elas, claro que há decisões que temos de ser nós a tomar, mas ela sabe o porquê, nos explicamos sempre o porquê, quer dizer, pode acontecer até que, por exemplo agora estou aqui a lembrar de um caso, o projeto de vida era a reintegração num agregado familiar da mãe, isto teve uma alteração que até a própria jovem nos disse “não, eu não estou preparada para ir para a minha mãe, eu acho que faria mais sentido com a minha irmã” pronto e nós avaliámos percebemos as razões dela, porque até aquela data não tínhamos</p>
--	--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>percebido que havia ali, pronto, uns aspetos que as coisas podiam não correr tão bem, e ela realmente tem essa abertura connosco “oiçam lá “tamos” a ir por aqui, mas afinal não, não é isto que eu quero” portanto existe abertura a nós conversamos sempre, atenção é isto, isto, isto, definimos bem os pontos a serem trabalhados com cada uma, elas sabem perfeitamente, por exemplo como temos as pequenas e as grandes quer dizer não e trabalha as mesmas coisas, elas têm tarefas aqui, nós aqui tentamos trabalhar muito a autonomia delas, porque a maior parte delas, mesmo que regressem para casa de familiares ou qualquer coisa, quer dizer é importante terem esta autonomia trabalhada porque são famílias que à partida tiveram um período de desorganização e quanto mais estas crianças e jovens forem preparadas para uma autonomia melhor, mais preparadas para a vida estão. “ (Linha 63)</p>
	Conhecimento por parte da equipa	Litoral urbano	<p>C.I: “Temos.” (Linha 71)</p> <p>C.II: “Está, está acessível se bem que quando eu cá cheguei esta questão dos PSEI’S estava muito pouco trabalhada, “hummm”, não estavam a ser construídos PSEI’S, pronto, havia aqui uma falha, que não, não há um erro específico de alguém, dos técnicos ou direção que seja, mas é como é óbvio, há tanta coisa para se resolver e muita coisa ficou...pronto.” (Linha 99)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			C.III: "Sim, sim nós o ano passado ainda tentámos que as reuniões de equipa debatêssemos, porque pronto o educador de referência é que discutia diretamente com o técnico "aahh" o que é que ia trabalhar depois tentámos em reunião também que todos os educadores soubessem por alto o que é que se ia trabalhar com essa criança ou jovem e entretanto também ficaram disponíveis em formato de papel no dossier na sala de equipa educativa para que quem quisesse dar uma vista de olhos." (Linha 70)
		Litoral Rural	C.II: "Humm"... Eu acho que sim! Temos acesso, mas como normalmente, sabemos assim mais de boca, não consultamos nada e dizemos "olha ou isto, ou estimula mais isto", tentar as mais velhas dos 18 e isso tentarem elas irem às consultas sozinhas, algumas até gostam e isso, mas às vezes querem sempre o nosso acompanhamento mas algumas não se importam que a gente entre, eu deixo-as sempre à vontade, outras preferem que a gente fique cá fora e elas próprias fazem a consulta sozinhas e depois tem de me dar o feedback, ou eu falo com a médica e a medica também diz e isso, pronto mas mais nisso e tentá-las e fazer com que elas se responsabilizem por marcar as consultas ou tratar de coisas assim simples que depois no dia-a-dia são necessárias." (Linha 72)
		Interior Urbano	C.I: "É assim ao acesso não está. O acesso está, é transmitido. O acesso não "tá" vedado, atenção, o acesso não está vedado, o que nos tentamos salvaguardar é que quando esse acesso seja solicitado nós estejamos para poder explicar não é?"

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>“Tamos” a falar da equipa de apoio educativa certo? Ou da equipa educativa? Para nós é diferente! A equipa educativa são os encarregados de educação é quem à partida mais envolvido está nos PSEI’S, é feito em conjunto com eles, são que executa a grande maioria das atividades previstas. A grande maioria de atividades previstas no PSEI são executadas pela equipa educativa já a equipa de apoio educativo não há tanta necessidade de ter conhecimento e acesso porque não tem tanta execução a nível prático com as crianças. Agora poderão ter acesso, podem, o acesso não “tá” vedado a ninguém. Os próprios miúdos têm acesso ao processo, as próprias crianças, não é uma coisa que eles solicitem, deve é ser acompanhado preferencialmente pelas técnicas para podermos explicar não é? Em caso em que surjam dúvidas porque a nossa equipa de apoio educativa tem pessoas que possivelmente pela sua formação não conseguiriam perceber certo número de objetivos que foram traçados para algumas crianças, portanto convém que seja a equipa de apoio educativo que é diferente da equipa educativa.” (Linha 60)</p> <p>C.II: “Todos sim, tentamos realmente como uma equipa, primeiro restrita que é a educativa e depois técnica-educativa como geral que temos a equipa de apoio, tentar naquelas vertentes que dê mais a equipa de apoio, não têm acesso como tem a equipa educativa, já que somos encarregados de educação temos que ter acesso a tudo tentamos realmente que todos eles tenham conhecimento desse PSEI. Que</p>
--	--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			têm de também ajudar, de colaborar para que seja exequível, e que seja posto em prática, se não, não vale a pena terem.” (Linha 67)
		Interior Rural	<p>C.I: “Sim, sim isto porque nós temos reuniões quinzenais com a equipa educativa e com as crianças temos uma vez por mês e nessas reuniões são sempre, é sempre dado esse feedback á equipa educativa para também terem noção do que é que podem contar, normalmente é, isso tipo de notícias, imagine às vezes há processos, imagine processo de adoção e sabemos com muito mais antecedência, já estava estipulada esta medida mas não se sabia quando, contamos primeiro à equipa educativa para estar preparada e depois contamos propriamente às crianças e jovens o que é suposto, normalmente jovens adotados não são muitos mas fazemos sempre neste registo, e claro que sim não sabem do papel, não é uma coisa formal mas a nível informal é claro que sabem e nos informamos isso. Aproveitamos esses momentos das reuniões para transmitir isso mesmo, se houver coisas que aconteçam durante essa quinzena nós também comunicamos à equipa. É discutido e falado com a equipa e também para ajudarmos aqui a nível de estratégias, com o que é que podemos contar, o que é que esperamos da própria equipa, para que a linha de trabalho seja igual entre todas não é? Seja a equipa técnica e a equipa educativa.” (Linha 72)</p> <p>C.II: “Sim mais ou menos toda a equipa faz isso, todas ensinamos a fazer isto ou a</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>fazer aquilo, apesar de haver meninas que às vezes não querem aprender, pronto, porque por vezes não querem, mas muitas vezes querem, portanto há umas que querem e outras que não. E todas temos mais ou menos essa função, ensinar e preparar para quando um dia saírem daqui.” (Linha 27)</p> <p>C.III: “Sim, sim, sim. Nós fazemos reuniões quinzenais, desde que eu estou como diretora técnica desta casa que considere importante que estas reuniões estivessem marcadas, portanto em janeiro do ano passado eu marquei todas as reuniões até ao final do ano, de 15 em 15 dias há uma reunião, salvo rara exceção, raríssimas, acho que aconteceu uma ou duas vezes que não houve reunião, porque fomos chamadas de outro lado, uma reunião de emergência, mas de resto não, nós reunimo-nos sempre a equipa técnica e a equipa educativa, falamos sobre os diversos casos, “como é que está esta criança agora, está a adaptar-se bem a esta nova realidade, não está, vamos trabalhar então isto, é importante ter mais atenção a isto” elas dando o feedback, são as primeiras que nos dão aqui as orientações, aqui muitas vezes necessárias e também estão muito tempo com elas. Portanto é muito importante este feedback de um lado e de outro e têm perfeita consciência daquilo que estamos a trabalhar, e quer dizer, estamos regularmente em conversa sobre cada caso, mesmo no dia-a-dia, todos os dias.” (Linha 98)</p>
	Revisão	Litoral urbano	C.I: Pois... é isso também um bocadinho...é... ainda estão a ser trabalhados, a ser

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>revistos, porque aquilo não é muito prático. Mas é suposto que seja “comó”, “comó” o ano escolar não é? Tipo de 3 em 3 meses ou de 4 em 4 meses. Acho que é isso que é suposto que vá acontecer agora.” (Linha 64)</p> <p>C.II: “De 3 em 3 meses.” (Linha 122)</p> <p><b>E: E é feito em conjunto com o jovem?</b></p> <p>C.II: “Não se fez, mas é o que se pretende, é fazer precisamente com o educador de referência, com a criança e com o técnico.” (Linha 121)</p> <p>C.III: “Pronto idealmente era trimestralmente, não se tá a conseguir com todos mas era esse o objetivo e coincidia também com os períodos escolares, o primeiro período, segundo período e terceiro para dar também...” (Linha 77)</p>
	Litoral Rural	-
	Interior Urbano	<p>C.I: “É assim o que está na prática, escrito na lei, a lei manda de 6 em 6 meses. De meio em meio ano, a revisão, mas não é, não é o que possa acontecer, até pode acontecer passar, depende dos objetivos traçados, até mais em termos do timing letivo, ano escolar. De meio em meio ano à partida é avaliado, e revisto de ano a ano, depende de cada criança e depende dos objetivos que são traçados, porque pode haver objetivos que tenham de ser concretizados em 3 meses e outros num</p>

			<p>mês, mas regularmente é avaliado de meio em meio ano ou sempre que seja necessário e é revisto de ano a ano.” (Linha 83)</p> <p>C.II: “Dependendo de cada jovem o que poderá ser imagine de meio em meio ano, poderá ser de 3 em 3 meses, depende muito também das situações que vem de fora, imagine que há um jovem que tem um PSEI delineado de uma vertente mas que de repente muda, por exemplo há um jovem que se calhar de um momento para o outro vai para a adoção e aí tem de ser completamente reformulado. Há outros que à partida nós sabemos que é a autonomização ou o regresso à família e é trabalhado o PSEI nesse sentido.” (Linha 75)</p> <p><b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b></p> <p>C.III: “Ele deveria ser revisto a cada 6 meses, a cada 6 meses para que fosse acrescentada mais alguma informação. Se é um PSEI duma criança mais jovem não justifica estar a fazer uma avaliação a cada 6 meses, se ele está no primeiro ciclo vai continuar no primeiro ciclo, se há uma transição de ciclo, ai já outra valorização do seu PSEI, depois vai depender de todas as outras atividades que o PSEI também envolve, se é um jovem com 7 anos se calhar ainda não participa nas atividades desportivas fora da instituição, se tiver 12, 13, 14 ,15, já começa a participar nessas, ai à a reformulação porque depois o PSEI tem informações sobre o comportamento, sobre as atitudes, sobre valores que ele também apresenta</p>
--	--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>na entidade ou na instituição onde está a trabalhar, e faz com que haja esta atualização do PSEI, a cada 6 meses devia ser feito mas 7, 8, vai depender também da necessidade das alterações que vão surgindo.” (Linha 82)</p>
		Interior Rural	<p>C.I: “Não lhe sei dizer... é muito um bocadinho caso a caso, ou seja nós vamos ter as reuniões com a segurança social de acompanhamento e depois temos também com a equipa da EMAT com o que vamos discutir daqui muitos aspetos dos processos delas, não lhe sei dizer com que regularidade, tentamos o máximo possível cada vez que existe uma alteração na vida delas e que é necessário aqui redefinir, mas não lhe consigo dizer um prazo de cumprimento. É consoante os processos delas, claro que assim que entram é logo definido e depois conforme as coisas foram correndo, e em todos os contextos escolares, familiares, tudo isto interfere.” (Linha 89)</p> <p>C.III: “Quer dizer... pronto, existem sempre prazos para estar sempre tudo feito, agora na prática conforme cada caso, é conforme as alterações, ah esta jovem de repente diz “não, existe... o meu projeto de vida não pode ir por aqui, eu acho que deve ir por aqui” e isto vai parar, espera não vamos seguir aquilo até ao fim, que já tínhamos programado exatamente porque existe aqui uma alteração. Ou até por exemplo existe situações em que as jovens possam ficar em casa e não irem mais à escola por decisão do tribunal, porque chumbaram por faltas, por qualquer coisa</p>

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>assim, e então temos de readaptar tudo, se antes tínhamos um plano de formação a nível escolar passamos a ter um plano de formação cá em casa, isto é fundamental estar em constante mudança sempre que necessário, não é possível nós definirmos uma coisa para um ano, ou para seis meses, que é que é suposto não é, temos que o definir conforme as necessidades, por exemplo temos aqui a mais nova das mais velhas tem 12 anos, existe diversas coisas que quando veio para cá não fazia, entretanto foi adquirindo competências, e sim já faz sentido que cozinhe com as outras, tem a mesma responsabilidade, assim estamos a perceber, não, estás na altura certa “bora” lá, não vamos esperar que tínhamos definido até Janeiro não ias fazer, não podemos estar à espera as vezes existem momentos certos para o fazer, e se perdemos esse momento perdemos aqui vários meses.” (Linha 114)</p>
--	--	--	---

### A importância de um Projeto de Vida

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Zona geográfica</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Projeto de Vida	Importância para a criança e jovem da construção do seu	Litoral urbano	C.I: “Muita! E é uma coisa que eles acabam por não pensar muito enquanto estão aqui não é? Mas depois quando saem... (risos) dão valor, mas tem muita importância por quer dizer, todos temos de pensar um bocadinho o que é que

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Projeto de Vida		<p> vamos fazer amanhã, e eles tem que ser muito apoiados nesse aspeto e é o que nós tentamos fazer e conversar com eles, quais são as ideias, o que é que eles gostavam, não gostavam, “ahh” porque pronto eles de hoje para amanhã saem daqui e tão... e têm que se virar.” (Linha 75)</p> <p>C.II: “Para mim faz todo o sentido que a criança ou jovem tenha noção que estão ou estão... que existem pessoas envolvidas “hummm”, no seu projeto de vida e que, muita coisa se está a construir para o seu futuro e que a criança não tenha noção disto, eu acho que é grave.” (Linha 127)</p>
		Litoral Rural	-
			Interior Urbano

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>autonomização, tem de trabalhar a vertente que lhe permita ter ferramentas para sozinho seguir.</p> <p>E isso é muito bom porque realmente já criamos aqui ferramentas que lhe permitem realmente, quando sair ele possa realmente continuar. E isso é muito bom! Agora se ele realmente nós trabalhássemos só aquela vertente escolar que foi a inicial, que inicialmente foi só a vertente escolar aquilo que nós centrámos a nossa atenção, só realmente essa vertente é que era trabalhada. Neste sentido tentamos abranger tudo o que é possível de forma a dar autonomia a estes jovens, para serem cidadãos no domínio total da palavra, o que às vezes é muito difícil, porque mesmo aqueles que têm 15/16/17 anos já sabemos que à partida a trabalhar hoje, a trabalhar amanhã, é muito difícil porque eles não conseguem. É muito benéfico, é muito bom, independentemente de eles saírem e depois se perderem um bocadinho lá fora, porque aqui estão demasiado protegidos.“ (Linha 83)</p>
		Interior Rural	<p>C.I: “Nós tentamos ao máximo que seja o tribunal ou seja a CPCJ, onde poderão estar os processos ou num sítio ou noutro, que vão de acordo com aquilo que nós achamos, isto por uma razão, não depende de nós... que vão de acordo com aquilo que nós temos pensado, porque nós é que conhecemos a criança e o jovem, nós é que temos essa ligação e sabemos como é que elas funcionam na realidade não é?” (Linha 98)</p> <p>C.II: “Sim tem, acho que sim e acho que sim porque por vezes há meninas que</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>estão cá e depois saem, ainda não há muito tempo, foi agora no fim de semana, há meninas que saem daqui e depois, quando saem não “tão” logo a telefonar ao fim de pouco tempo, mas ao fim de algum tempo quando nós pensamos que até elas já “tão” esquecidas e elas nos telefonam e lembram-se de coisas que nós lhes ensinámos, foi o caso que se passou agora domingo com uma menina que teve na casa, ela teve aqui muito tempo e ela telefonou que tinha saudades e disse-me que não telefonava há mais tempo porque não sabia do meu número, e por acaso naquele dia encontrou e ela contou que se lembra de muitas coisas que nós aqui lhe ensinávamos e que vai tentando fazer como nós lhe ensinávamos e que tá feliz e pronto e pediu para lhe telefonar também e pronto eu acho que sim que elas ficam com alguma coisa incutida.” (Linha 39)</p> <p>C.III: “Eu acho que é importantíssimo nós termos definido o que nos estamos a trabalhar, porque se nós simplesmente estamos aqui para dar comer, dar banho, e dar roupinha, pois não, não estamos a caminhar no sentido certo, não é, portanto é muito importante e eu com a Liliana Psicóloga parámos varias vezes, às vezes uma vez por semana, as vezes duas vezes por semana, também conforme as situações, mas parámos e pensamos, “calma!, O que é que tu estás a trabalhar com ela? É isto, isto e isto. Como é que tá a correr? Está a correr desta forma então vamos...muito bem não está a correr bem por isto assim, assim, então vamos</p>
--	--	--

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>tentar por aqui, tenho reparado que ela anda assim, se calhar é importante começamos a trabalhar isto... portanto eu acho que é muito importante quem está a trabalhar com crianças e jovens ter bem definido o que tá a trabalhar, porque não podemos só dizer que estamos aqui a passar o tempo, nós somos técnicas, portanto nos temos de saber muito bem para onde é o caminho, porque se nós não soubermos muito menos elas o vão saber, e às vezes é isso que é importante, para onde é a direção” Linha 132 (...) “portanto eu acho claro que sim ter definido muito bem o que é, qual é o PSEI, qual é o projeto de vida desta criança, desta jovem neste caso, para se poder trabalhar, e também avaliarmos aquilo que se está a construir se foi no caminho certo ou não, ou se aquilo que fizemos foi correto ou não, porque é que correu mal?, porque é que o nosso caminho era este e de repente desviamo-nos completamente sem nos apercebermos não é, isto é fundamental pararmos e pensarmos e avaliarmos, não pode se levar tudo a eito, porque aí estamos a lidar com maquinas e não com pessoas” (Linha 168)</p>
--	--	--	--

**Opinião Livre das crianças e jovens**

Categorias	Subcategorias	Zona geográfica	Indicadores/ Transcrição
Opinião livre das crianças e jovens	LIJ e adultos cuidadores	Litoral urbano	<p>J.I: “Hum.... Acho que sim, porque eles são uns magníficos, nos ajudam sempre, sempre estão cá, “tão” sempre aqui a ajudar-nos acho que com eles vamos conseguir sempre, conseguimos ter uma boa formação, “hum” “pa” nós termos o nosso futuro quando lá fora conseguimos ter a nossa vida, a nossa casa, termos um emprego. Acho “qu’eles” tão a fazer muito bem por nós, eles querem só o nosso bem também, e... acho que sim que tão muito bem.” (Linha 81)</p> <p>J.II: “Oh, eu nunca tive numa instituição é um bocado difícil, há sempre uma primeira vez “pa” tudo.</p> <p><b>E: E o que é que estás a sentir?</b></p> <p>J.II: Quando entrei para a casa X (nome da casa) foi muito difícil de aceitar que vinha “pa” uma instituição mas... com o tempo habitua-se.” (Linha 65)</p> <p>J.III: “É tipo....Alertar um bocado mais do mundo lá fora, tipo contas e essas cenas assim, por acaso não sei nada mesmo.” (Linha 66)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		Litoral Rural	<p>J.II: “Que estes 6 meses que eu tenho “tado” cá tem sido os 6 meses melhores da minha vida, elas apoiam-me muito, a J. (educadora) para mim é uma segunda mãe.</p> <p><b>E: E algo que aprendeste aqui?</b></p> <p>J.II: Conseguir concentrar-me coisa que nunca consegui, “tar” a dar-me bem com toda a gente, eu “tava” ao pé de uma pessoa muito tempo e começava a brigar, a bater as pessoas, agora já “tou” mais calma.” (Linha 52)</p> <p>J.III: “É uma experiencia nova porque lá na outra não tinha aquilo que tenho aqui, não tinha as tarefas definidas, e aqui “hummm” fazem várias coisas connosco é assim um mundo diferente.” (Linha 64)</p> <p>J.IV: “Não... não “tou” a ver, acho que “prontos” eu não sabia como era uma instituição, e agora “tou” aqui e acho que é uma vida normal, há instituições diferentes como é lógico, há injustiças como é lógico, há justiça, há castigos a mais, há castigos a menos como tudo na vida há o lado bom e há o lado mau.” (Linha 89)</p>
--	--	---------------	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>Interior Urbano</p>	<p>J.II: “Que muita coisa aqui que não “tá” justa. E que tipo isto aqui “tá” bem feito para as pessoas que tipo passam fome e isso e que vêm para aqui dentro, mas por um lado tá injusto, porque há pessoas também aqui dentro que se calhar têm tudo de bem em casa e vieram para aqui.” (Linha 52)</p> <p>J.III: “Eu acho que vir para a instituição mudou-me mas talvez já esteja mudado o suficiente, acho que já fiz os meus objetivos.” (Linha 47)</p>
		<p>Interior Rural</p>	<p>J.I: “Tipo as doutoras são como eu já disse, fazem de tudo, tudo, tudo, “pa” que a gente “teja” bem, fazem tudo “pa” gente se sentir bem aqui, porque tipo isto aqui não é mau, além de muitas pessoas dizerem que isto é mau, e estar uma instituição isso é “bué” da mau, mas não é. Há pessoas que tem também de ver pelo lado positivo, no meu ver é que se a gente não tivesse aqui, onde é que a gente “tava”? por isso, e acho que isso aqui é bom, “tarmos” aqui porque não temos mais nenhum sitio pra ir, por isso é bom.” (Linha 49)</p> <p>J.II: “Eu acho que tudo o que elas aqui fazem é para o nosso bem, elas só querem o nosso melhor e é verdade, por mais que às vezes ralhem com a gente é porque têm razão porque a gente faz muitas asneiras ao longo dos tempos, e elas só querem que a gente se torne umas mulheres e às vezes a gente não faz por isso.” (Linha 61)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

			<p>J.III: “Eu gosto muito de estar aqui na instituição eu tive uma infância má e quando vi para aqui fiquei com uma infância melhor e “tou” a crescer e já “tou” acostumada a “tar” aqui. A minha família queria que eu me fosse embora e eu não consigo, eu já “tou” tão habituada a isto, pode ser uma chatice, podemos não ter a liberdade que queremos, podemos não ter aquela liberdade de jovem, fazer o que queremos, sair à noite com os amigos e assim, mas isto é o nosso lar, é a nossa casa, temos de ter regras. Acho que já há muito tempo que não me sentia tão bem numa casa, como “tou” a sentir aqui, pronto retirando algumas confusões com as miúdas da minha idade mas isso é coisas da nossa idade.” (Linha 68)</p>
--	--	--	---

## **ANEXO 3 – ENTREVISTAS**

### **Entrevista ao LIJ na zona Litoral urbana**

#### **Transcrição da entrevista ao jovem I**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 16 anos

**E: Há quanto tempo estás institucionalizado?**

J.I: “Tou” aqui há 3 anos entrei em 14 de junho em 2012.

**E: É a primeira instituição? Ou já tinhas estado noutra?**

J.I: Não, é a primeira instituição, eu vim de casa.

**E: Sei que este é um lar muito grande, mas em relação aos adultos que trabalham cá, conhece-los todos?**

J.I: Não percebi....

**E: Em relação aos adultos que trabalham cá, professores, educadores, auxiliares, conheces todos? Ou é muita gente?**

J.I: “Ham”.... Eu conheço mais as pessoas aqui em casa, mais nesta zona.

**E: E nesta zona, conheces todos? Dás-te bem com todos?**

J.I: Dou-me bem com todos.

**E: Então sabes qual a função que cada um desempenha, ou seja o que cada um faz, se um trata mais da vossa educação, da vossa saúde.**

J.I: Sim mais ou menos.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.I: “Ham” é sim, é mais ou menos boa, mas pronto

**E: Mas são pessoas que tu sentes que podes confiar?**

J.I: Sim. Sim.

**E: Dás-te bem com eles, mais com algum em especial? (Fica um pouco retraída...)  
Não precisas de dizer nomes.**

J.I: Mais algum especial, “qué” a minha educadora de referência.

**E: Cada jovem tem uma educadora de referência?**

J.I: Cada jovem, há... cada dois meninos tem um educador de referência, pronto.

**E: Está contigo desde que tu entraste aqui?**

J.I: Não! Não..., Tinha mais uma monitora, mas a minha monitora saiu, e ela veio “pa” mim, “pa” mim e “pa” outro menino.

**E: E o educador de referência, é ele que te ajuda por exemplo nos processos da escola, ou em algum problema de saúde?**

J.I: Sim, sim.

**E: Diz-me uma coisa, sabes o que é o PSEI? Ou o teu Projeto de Vida? Fizeste o teu PSEI com o teu educador de referência?**

J.I: Como não me lembro, acho que não.

**O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste algo parecido?**

J.I: Sim... Acho que sim, acho que me lembro.

**E: E fizeste em conjunto com o teu educador de referência?**

J.I: Sim, sim com o meu educador de referência.

**E: E lembraste de algum objetivo, alguma coisa que tu trabalhes no dia-a-dia que seja importante para ti, para quando saíres da fundação?**

J.I. “Hum”... Como assim? Não percebi...

**E: Alguma coisa, por exemplo tens uma tarefa diária aqui? Como por exemplo arrumar o teu quarto, fazer alguma refeição...**

J.I: Ai, sim, arrumamos o nosso quarto, a refeição é lá em baixo no refeitório “hum”... fazemos limpeza geral também.

**E: E em relação por exemplo à gestão do dinheiro, têm alguma mesada ou semanada?**

J.I. Nós recebemos mesada, a partir dos 16 anos já recebemos mesada, mas recebemos as mesadas todas as sextas-feiras.

**E: E são vocês que gerem? Como é que gastam esse dinheiro? Ou têm algum apoio por parte do educador**

J.I: Hum... acho que temos por parte do educador.

**E: Ainda não começaste a receber é isso?**

J.I: Ah eu já comecei a receber a semanada, “haa” ... sim, a semanada.

**E: E quem é que guarda? Tu ou o educador?**

J.I: Ou um técnico guarda, ou nós pedimos o dinheiro para nós guardarmos.

**E: E quando precisas de comprar alguma coisa?**

J.I: É sempre com o educador de referência.

**E: Voltando ao PSEI, e ao teu Projeto de Vida, neste momento há algum educador que fale contigo sobre os objetivos que tens de adquirir? Que tente trabalhar contigo as tuas competências?**

J.I: Sim... Acho... sim...

**E: Achas que este tipo de projetos, as competências a atingir, ou por exemplo ensinarem-te a cozinhar (estou apenas a dar-te exemplos) é importante para quando tu saíres daqui?**

J.I: Sim é importante.

**E: Em que é que achas que te vai ajudar?**

J.I: “Hum”, a ter uma vida nova, a arranjar trabalho, a arranjar emprego, e ter uma casa também.

**E: Então achas que o apoio que te dão aqui vai ser útil no futuro?**

J.I: Sim vai ser.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.I: Hum.... Acho que sim, porque eles são uns magníficos, nos ajudam sempre, sempre estão cá, “tão” sempre aqui a ajudar-nos acho que com eles vamos conseguir sempre, conseguimos ter uma boa formação, “hum” “pa” nós termos o nosso futuro quando lá fora conseguimos ter a nossa vida, a nossa casa, termos um emprego. Acho “qu’eles” tão a fazer muito bem por nós, eles querem só o nosso bem também, e... acho que sim que tão muito bem.

### **Transcrição da entrevista ao jovem II**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 15 anos

**E: Há quanto tempo estás institucionalizado?**

J.II: Há 4 meses.

**E: Já tinhas estado antes noutra lar?**

J.II: Não.

**E: Apesar de estares aqui há pouco tempo, conheces os adultos que trabalham no lar?**

J.II: Sim.

**E: Sabes quais as funções que desempenham?**

J.II: “Hum”... sim... há três técnicos, e a diretora da casa, e acho que são “prái” 6 ou 7 educadores.

**E: Diz-me uma coisa, como é a relação que tens com esses adultos?**

J.II: (Silêncio) normal (Silêncio).

**E: Mas dás-te bem, assim-assim, existem pessoas com que tens mais afinidade?**

J.II: Assim-assim.

**E: Tens alguma educadora de referência?**

J.II: Sim.

**E: Estás com ela desde que entraste aqui?**

J.II: Sim.

**E: E como é a relação com ela?**

J.II: Oh... às vezes pronto...temos discussões mas é normal né?

**E: Achas que ela te está a ajudar neste processo?**

J.II: Sim.

**E: Há algum outro adulto com quem tu te dê melhor?**

J.II: Não. Dou-me bem com todos da mesma forma.

**E: Sentes que podes confiar nos adultos?**

J.II: Por vezes sim, por vezes não.

**E: Dá-me algum exemplo do porquê de às vezes não**

J.II: Oh! Mais das minhas coisas íntimas, não me sinto muito confiante “pa” falar disso com eles.

**E: Sabes o que é o PSEI ou um Projeto de vida?**

J.II: (Abana a cabeça negativamente).

**O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Fizeste algum plano destes quando entraste?**

J.II: Ainda não fiz mas vou fazer.

**E: Quais as competências, os objetivos que gostavas de colocar neste plano**

J.II: Oh! Ter uma vida normal, ter a minha própria casa, não depender das outras pessoas.

**E: Achas que este plano poderá ser útil para quando saíres do lar?**

J.II: Sim.

**E: Em relação às tarefas que têm aqui, já sei que mudam a cama fazem limpeza e fazem mais alguma tarefa?**

J.II: Temos tarefas, pronto cada dia cada menina da casa tem a sua tarefa, ou é varrer as escadas há vários tipos de tarefas até ao 9. Pronto há varrer as escadas ou as salas, ou ir ao lixo, ou tirar o ecoponto. Há tarefas semanais também, cada menina tem o seu dia de semana que faz 2 tarefas e pronto.

**E: E achas que estas tarefas te vão preparar para quando saíres daqui?**

J.II: (silêncio) “Pa” ser sincera já sabia tudo o que elas puseram como tarefas mas pronto.

**E: Mas achas que serão úteis para o teu futuro?**

J.II: Como é obvio que sim.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer, em relação à instituição ou à tua relação com os adultos?**

J.II: Oh, eu nunca tive numa instituição é um bocado difícil, há sempre uma primeira vez “pa” tudo.

**E: E o que é que estás a sentir?**

J.II: Quando entrei para a casa X (nome da casa) foi muito difícil de aceitar que vinha “pa” uma instituição mas... com o tempo habitua-se.

### **Transcrição da entrevista ao jovem III**

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 19 anos

**E: Há quanto tempo estás institucionalizado?**

J.III: Desde os meus 5 anos.

**E: Sempre nesta instituição?**

J.III: Sim.

**E: Quais os adultos que trabalham cá? Tu conhece-los bem?**

J.III: Sim, uns vieram mais recentemente mas já conheço minimamente.

**E: Conheces as funções que desempenham? De todos?**

J.III: Sim, tudo, todos.

**E: Quais as funções dos adultos que achas mais relevante?**

J.III: É o apoio que nos dão naquilo que queremos alcançar.

**E: Estás a falar só do teu educador de referência ou de todos?**

J.III: Eu acho que todos fazem isso.

**E: Como é a tua relação com os adultos da casa?**

J.III: É razoável temos os nossos altos e baixos normalmente né? Mas é tranquilo.

**E: Há algum adulto com quem te dás melhor?**

J.III: Sim há o meu educador mesmo.

**E: Está contigo há muito tempo?**

J.III: Ele está aqui desde os meus 12 anos.

**E: E com os outros educadores?**

J.III: Não é igual.

**E: O que é que o teu educador representa para ti?**

J.III: Como se fosse um outro amigo, é assim tipo um amigo mais velho, aquele outro apoio.

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.III: Não, nunca tinha ouvido falar.

**O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Após a explicação achas que fizeste?**

J.III: Algumas atividades sim.

**E: Como por exemplo? Algumas tarefas que trabalhem essas competências?**

J.III: As tarefas fazemos sempre, sim. Mas sim já houve aqui um projeto que é o “bootcamp” que tem a ver com isso da autonomia, tivemos sessões tipo como “tar” numa entrevista de emprego, como fazer... “tá” me a faltar a palavra...

**E: Um currículo será?**

J.III: Sim o currículo, mas havia outros que é tipo “pa” fazeres contas da casa e isso.

**E: E participaste nessas atividades porque quiseste ou porque te foi imposto aqui na casa?**

J.III: Eles tipo, vá propuseram se queríamos ou não.

**E: E tu achaste que era útil para ti?**

J.III: Sim.

**E: E que outras coisas aprendeste lá?**

J.III: Nós ainda fizemos mais coisinhas...tipo.... Meter as redes sociais em privado, eu não sabia meter essas coisas.

**E: E isso também achas que foi útil?**

J.III: Claro é melhor “pa” tipo...não ser “pa” toda a gente, tipo pessoas que nós não conhecemos.

**E: E achas que esses ensinamentos foram úteis só aqui em casa ou para daqui em diante?**

J.III: Não, é “pá” vida.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam aqui em casa para vos preparar para o futuro, como por exemplo essas atividades que acabámos de falar?**

J.III: Claro, “tão” vai me ajudar tipo, a passar a mensagem ao próximo, exemplo se um dia for pai vai me ajudar a tipo... ensinar, dar, passar essa mensagem deles “pa” o mais novo.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer, em relação à instituição ou à tua relação com os adultos? Ou algo que possam fazer mais para ajudar os jovens?**

J.III: É tipo....Alertar um bocado mais do mundo lá fora, tipo contas e essas cenas assim, por acaso não sei nada mesmo.

**E: Sentes dificuldade na gestão do dinheiro? Poderia ser uma das competências a trabalhar contigo?**

J.III: Sim

**E: E fora isso, por exemplo cozinhar?**

J.III: Cozinhar já ouve aqui atividades também.

**E: Mas não são atividades diárias?**

J.III: Não.

**E: E não achas que era útil se fosse mais frequente?**

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

J.III: Eu por acaso já sei cozinhar mas, há pessoas que “ya”, tipo por exemplo há pessoas que são mais reservadas que não gostam muito de fazer parte dessas atividades

**E: Não gostam de se expor?**

J.III: E não sabem cozinhar.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer, em relação à instituição ou à tua relação com os adultos?**

J.III: Não.

## **Transcrição da entrevista ao cuidador I**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.I: Eu sou auxiliar de ação educativa, mas estamos como educadoras de referência, somos educadoras de referência de algumas jovens, pronto são distribuídas os jovens pelo numero de adultos e somos responsáveis pela, pelo percurso delas aqui dentro, tratamos de tudo, a nível da saúde, da escola, da... tudo o que elas tem de fazer tem de vir ter connosco para falar e para e para ter autorizações e pronto.

**E: Tem quantos a seu cargo?**

C.I: Agora 4.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.I: Há um ano.

**E: E neste LIJ?**

C.I: Não eu aqui, eu tive no pré-escolar e na creche durante 12 anos, depois houve a oportunidade de ir para os lares que também sempre foi uma coisa que eu gostei e “tou” lá há 1 ano.

**E: É diferente?**

C.I: É muito diferente, muito, muito.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ? Já me falou da educação da higiene quer explicar melhor?**

C.I: É... é... como se faz em casa, é como se estivéssemos em casa, o que fazemos com os nossos filhos fazemos com eles, e ... tentar dar o melhor de nós para que eles se sintam seguros, vamos às reuniões da escola.

**E: São os encarregados de educação certo?**

C.I: Exatamente, somos a pessoa de referência cá dentro para eles, embora os outros educadores também desempenhem as mesmas funções.

**E: Mas acha mais fácil para eles só terem um educador de referência?**

C.I: Exato, até porque depois eles têm de pedir autorizações ou “pa” sair ou querem ir a um cinema, ou querem ir ter com uns amigos, ou a uma festa e não, e assim tá tudo muito mais organizado, e sabem a quem é que têm de pedir.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes? Pode haver diferença entre a relação que tem com os 4 jovens que tem a seu cargo em relação aos outros?**

C.I: A única diferença é das papeladas que nós tratamos e das autorizações e dessas coisas todas.

**E: Mas considera uma relação próxima?**

C.I: É uma relação próxima como todas elas, acaba por ser até porque temos mais empatia com uns do que com outros, evidentemente não se faz distinções mas há, mas portanto acaba por ser com todos.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.I: Sim a criança e o técnico.

**E: Já realizou algum?**

C.I: Sim, já, já.

**E: Considera produtivo para a criança e para o educador?**

C.I: É, é, porque é importante nós estarmos a par das coisas que eles vão alcançando ao longo que aqui estão e eles quando entram.... Imagine não sabem fazer uma cama, não é? Nós vamos trabalhar ali aquilo com eles para eles começarem a ter noção que tem de fazer a cama, e como se faz a cama, e se calhar a primeira semana fazemos a cama com elas, pronto na semana a seguir são elas que fazem sozinhas é uma coisa alcançada não é? E com tudo não é? A nível de relacionamentos com os pais, com os adultos, e isso é tudo avaliado, no início, passado um mês de elas cá estarem. Há um mês de adaptação, passado um mês faz-se o primeiro diagnóstico ou o primeiro PSEI e depois vimos o que é que há mais a trabalhar, o que é que ela consegue fazer o que não consegue, o que é

que temos de trabalhar com ela e a partir daí começamos a trabalhar os aspetos que estão menos...(pausa).

**E: Que é necessário atingir?**

C.I: Exatamente que são necessários elas atingirem e pronto e depois que vai-se revendo elas porque todos os dias alcançam algo.

**E: A criança ou jovem tem sempre conhecimento do seu PSEI?**

C.I: Tem, tem, tem, é ele que, que preenche praticamente, ele é que diz o que é que consegue o que é que não consegue, onde é que sente mais dificuldade, em que área é que sente mais dificuldades, e depois nós ou concordamos ou não concordamos e falamos não é? Por isso é que é feito a 3, o técnico, o educador e o jovem.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.I: Pois... é isso também um bocadinho...é... ainda estão a ser trabalhados, a ser revistos, porque aquilo não é muito prático. Mas é suposto que seja “comó”,” comó” o ano escolar não é? Tipo de 3 em 3 meses ou de 4 em 4 meses. Acho que é isso que é suposto que vá acontecer agora.

**E: Vão tentar implementar agora?**

C.I: Exato.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento do PSEI de cada jovem?**

C.I: Temos.

**E: É de fácil acesso?**

C.I: Sim.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.I: Muita! E é uma coisa que eles acabam por não pensar muito enquanto estão aqui não é? Mas depois quando saem... (risos) dão valor, mas tem muita importância por quer dizer, todos temos de pensar um bocadinho o que é que vamos fazer amanhã, e eles tem que ser muito apoiados nesse aspeto e é o que nós tentamos fazer e conversar com

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

eles, quais são as ideias, o que é que eles gostavam, não gostavam, “ahh” porque pronto eles de hoje para amanhã saem daqui e tão... e têm que se virar.

**E: O que é que acha mais importante trabalhar com estes jovens?**

C.I: É a autonomia, em tudo, em tudo! Saberem ir a uma segurança social, tratar de papeladas que precisam, ir às finanças, fazer o IRS, saberem estar numa entrevista de trabalho, saberem fazer um currículo.

**E: Tudo isso é trabalhado aqui?**

C.I: Exatamente.

**E: Até saírem?**

C.I: Sim, claro e antes disso, marcar uma consulta se for preciso, e depois dependendo da idade não é? Dependendo da idade, vai-se dando tarefas, marcarem uma consulta, se é ao centro de saúde é aqui perto, não sei, vai só ver, não sei... tem uma gripe uma miúda com 16/17 anos vai sozinha.

**E: Sítios mais próximos certo?**

C.I: Sim e que não esteja muito doente ou assim que não precise do apoio do adulto. Tanto que a maior parte já vai sozinho para a escola, só os mais pequeninos é que não, mas as outras sim.

## **Transcrição da entrevista ao cuidador II**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.II: Comecei, é, é a primeira vez que o lar tem esta função de coordenação e eu fui educadora durante 2 anos e meio e agora “tou” a cumprir funções como coordenadora da equipa educativa, portanto é uma nova função na casa, “tá” a ser tudo muito novo ainda. É essencialmente uma adaptação por parte do resto da equipa, mas faz-me sentido este papel, tendo em conta os objetivos que ele tem relativamente a este trabalho direto com estes miúdos portanto ainda tenho margem para trabalhar outro tipo de coisas que como educadora me limitava bastante.

**E: É educadora social?**

C.II: Não, a minha formação base, sou professora de 1º ciclo e estou agora a finalizar o meu mestrado em educação especial e não sou propriamente... a minha formação base não é na área social.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.II: Há 5 meses mais ou menos que desempenho estas funções.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.II: Eu asseguro o horário da equipa, portanto faço a gestão dos 10 elementos que tenho na equipa, isto tira-me muito do meu tempo, portanto é a parte “maisssss”, é a parte do trabalho que eu não tenho tanto prazer em fazer, porque o que eu gosto é aquilo que envolve os miúdos portanto e é aqui assegurar que os PSEI’S estejam bem orientados portanto tenho o apoio também da estagiária de psicomotricidade que está com essa função definida e eu dou um apoio, e asseguro que os PSEI’S são, são construídos são assegurados que ...são avaliados, “hum” e que sejam obviamente implementados não é? Em concordância com o que o educador de referência e o técnico têm relativamente a determinada cada criança, os PSEI’S, o meu trabalho também passa por e essencialmente trabalhar em equipa de educadores que é realmente aquilo que mexe aqui um bocado não é? portanto a questão de trabalhar em equipa como elemento construtivo e que assegura , assegurar que eles cumprem as funções a que tão destinados

e trabalhar em equipa como num todo, portanto há muitos problemas que existem em qualquer equipa, por isso é trabalhar estas questões de conflitos e de...

**E: Caminhar todos no mesmo sentido?**

C.II: Exatamente, são pessoas diferentes, com formações completamente diferentes e díspares e então eu tenho que assegurar que as coisas funcionam, “hummm” faço este balanço, faço esta ponte entre a equipa educativa e a informação passa da equipa educativa para a direção neste caso para a X (nome da diretora técnica da casa), “hummm” e tudo o que é decidido em reunião eu tenho que fazer o fazer cumprir no terreno, portanto “hummm” que era uma coisa que falhava, era a informação que ficava “hummm”, tudo aquilo que era decidido em reunião, à partida é decidido por todos na prática, ficava ali...isto era aquilo que era necessário, e para além disso “hummm” portanto era a questão de assegurar a formação também dos educadores ao longo do ano, assegurar que existem formações acessíveis e eu própria facultar essas formações com base nos contactos que eu tenho e... e pronto, e depois especificamente já o horário por si só me tira muito, mas sim especificamente é o... é precisamente fazer o balanço entre, a ponte entre as duas partes, os dois extremos e que no terreno as coisas sejam asseguradas e que os miúdos estejam em... funcionem em benefício deles.

**E: E em relação às crianças e jovens quais são as suas funções? Ainda consegue ter tempo para estar com eles?**

C.II: Não, consigo porque o meu horário está dividido em trabalho técnico e trabalho direto nos “timings” mais difíceis que é horas de estudo que eu estou a assegurar, “tou” a assegurar a parte do estudo precisamente pela formação que eu também tenho e “tou” a assegurar a hora de estudo e assegurar a... que vai entrar agora, iniciei o ano passado um projeto que é o “projeto da caminhada” que é uma adaptação do projeto de escalada da fundação António Luís de Oliveira, apliquei aqui o ano passado e funcionou e correu muito bem e agora vai começar nesta 4ª feira a segunda, portanto a versão da caminhada, portanto este é também um dos tópicos das minhas funções, como coordenadora é assegurar que o projeto continua e que envolve tudo, o projeto envolve toda a dinâmica da casa, envolve as tarefas dos miúdos, a escola, “aaahhh” portanto e aqui uma parte, uma dinâmica de valorização pessoal, que é os contributos, aquilo que eles fazem pelo bem-estar da casa, é tudo isto, a arrumação do quarto, o

comportamento, tudo é avaliado, isto é, isto já se faz naturalmente só que isto envolve, envolvemos tudo isto e outros tópicos, outros domínios, “hummm” todos num jogo, para cativar os miúdos portanto, e então temos miúdos muito pequenos aqui e outros mais velhos que de uma forma diferente lidam com este jogo, e implica trabalho de equipa porque cada quarto é uma equipa, portanto eu tenho que assegurar que o projeto funciona, ah relativamente ao tempo, tenho tempo, tenho precisamente o tempo que eles tão precisamente quando chegam da escola e quando se deitam, portanto eu tenho este horário.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.II: É muito próxima, é muito próxima e para mim não me faz sentido que seja o contrário, portanto, na verdade se eu fui educadora agora “tu” aqui, eu vivo isto completamente não é? Porque é muito difícil fazer até uma separação que é, devia ser necessária fazer, mas isto mexe emocionalmente com qualquer pessoa “eeee”, eu vivo muito todas as, todos os problemas destes miúdos, tudo, tudo, temos aqui 24 miúdos, é muito complicado fazer esta gestão, mas lá está os miúdos tendo uma estrutura que é o que faz sentido, portanto terem pessoas de referência, e estruturas pelo menos ao longo da semana que sejam contínuas, é isto que eles precisam não é? Uma rotina e estruturas de referência de adultos também “hummm”, lá está, eu estou sempre a dizer que eles são uns heróis que é muita difícil, estes miúdos realmente são, passaram, e são muitas pessoas novas a passar aqui por casa e lá está o papel do educador de referência tem muita importância aqui também.

**E: Cada educador tem a seu cargo 2 jovens?**

C.II: É o que se tenta, mas há um que tem 3 ou... mas sim, sim é o que se deve.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.II: Sim, após a entrada na instituição faz-se um levantamento de algumas informações da criança com base em alguns documentos que estão, “hummm”, que são orientados pela Segurança Social, ficheiros que já estão pré-construídos em que o educador que vai ficar com esta criança, portanto, o educador de referencia, vai tirando esses dados , ainda leva algum tempo a tirar esses dados , a informação e aqui tamos a falar em duas coisas,

portanto o PSEI “hummm”, estes são alguns diagnósticos que se fazem quando a criança entra , o PSEI é... pretende-se logo , para se fazer um PSEI precisa-se de conhecer a criança não é? Portanto e aquilo que ele, portanto,” eeeee” e há aqui muitos dados que precisam de ser, de serem em cima da mesa para se poder fazer não é? Portanto a nós faz-nos sentido a construção de um PSEI quando uma criança entra, passado 2, 3 meses “hummm”, mesmo que isso mexa um bocado com o calendário que nós temos pré-definidos para a construção e implementação e avaliação dos PSEI’S “hummm”, portanto, é isso.

### **E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.II: Está, está acessível se bem que quando eu cá cheguei esta questão dos PSEI’S estava muito pouco trabalhada, “hummm”, não estavam a ser construídos PSEI’S, pronto, havia aqui uma falha, que não, não há um erro específico de alguém, dos técnicos ou direção que seja, mas é como é óbvio, há tanta coisa para se resolver e muita coisa ficou...pronto. E foi uma prioridade, a partir de há um ano e meio, dois atrás que obviamente fez sentido, tendo em conta, também a questão das fases de desenvolvimento que estavam a ser estipuladas para cada criança, portanto, o PSEI tem de “tar” naturalmente de acordo com a fase de desenvolvimento, com as competências que se querem desenvolver, portanto, temos aqui, foi necessariamente uma coisa que tinha obrigatoriamente que ser cumprida e esteve acessível, no ano passado só para ter noção só 8 das crianças é que tiveram PSEI, de 24, porque necessariamente não havia ninguém diretamente que pudesse realizar esta questão e estamos aqui falar que existem algumas pessoas com, alguns educadores com dificuldades em colocara no papel as ideias que se calhar têm sobre cada educando, e daí o papel, o meu papel em termos de fazer com que isto aconteça, mas não só para 8 crianças mas para todas, independentemente do objetivo ser mínimo é necessário atingir, e este ano pela primeira vez vamos ter os PSEI’S de todas as crianças, até mesmo a de quem está prestes a sair ou quem está prestes a entrar e que já calculamos que venha, portanto, já se está a trabalhar, por acaso não acontece agora mas vamos ter uma saída, portanto vamos projetar uma entrada, portanto logo ai fazemos, e é isto que se pretende, e é isto que não foi conseguido anteriormente mas estamos, este é o ano em que estas coisas vou funcionar.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.II: De 3 em 3 meses.

**E: E é feito em conjunto com o jovem?**

C.II: Não se fez, mas é o que se pretende, é fazer precisamente com o educador de referência, com a criança e com o técnico.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.II: Para mim faz todo o sentido que a criança ou jovem tenha noção que estão ou estão... que existem pessoas envolvidas “hummm”, no seu projeto de vida e que, muita coisa se está a construir para o seu futuro e que a criança não tenha noção disto, eu acho que é grave. Ele tem de ser participativo, tem que ter noção do que é que está a ser feito, “hummm”, desde as coisas mais pequenas aos assuntos mais sérios, acho que faz parte, obviamente tendo em conta a idade da criança “hummm”, para mim, faz todo o sentido que isto aconteça acho que é o ideal que todos os lares devam ter o projeto de vida organizados e estipulados e projetados e que os educadores tenham um papel fundamental, não só os técnicos mas também os educadores e que todos os outros educadores, mesmo que não sejam de referência, tenham noção do que é trabalhado para a criança, para todos terem, para saberem exatamente o que se pretende, e ajudar a criança nessa perspetiva, nesse projeto, mas como deve calcular é muito difícil, temos mesmo muitas crianças e muitas pessoas a trabalhar aqui, e ainda por cima os que se calhar já trabalham há mais tempo e que já tem alguma dificuldade em perceber que importância é que isto tem, portanto é mexer muito, com muita coisa aqui, muita, mas para mim faz todo o sentido na verdade é tudo o que faz sentido a estes miúdos, não posso desenvolver mais porque é mesmo isto. As vezes verbalizar isto é mesmo difícil.

**E: Tem alguma dúvida ou sugestão que me possa dar para a construção deste meu trabalho?**

C.II: Acho que acima de tudo, não é uma sugestão, mas se calhar uma observação, acho que vai passar por lares em que os PSEI'S têm um papel fundamental, têm, muitos deles estão no papel mas na prática não estão, não fazem qualquer sentido e depois há aqueles em que necessariamente, “hummm”, há bom, boa vontade e acontece mas os frutos não são aqueles que se pretende, é isto que eu não quero que aconteça aqui, na casa, eu

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

quero que seja uma coisa que esteja no papel, que seja praticado por todos os educadores, que os educadores tenham conhecimento, “hummm” e que os técnicos também tenham um papel importante, porque parece-me que depois de feito um PSEI perde-se muito o papel do técnico, e passa a ser só função do educador de referência juntamente com os outros educadores de se fazer cumprir um PSEI, eu estou a dizer isto porque a pessoas que vais entrevistar a seguir, está encarregue de construir os PSEI’S. Se não existir uma pessoa encarregue que isto aconteça, ou um coordenador que assegure isto, um lar sem uma estrutura destas e que lá está ajude a equipa técnica que tem imenso trabalho, na prática isto não vai acontecer e acho que falha também nalguns estabelecimentos e falo por nós também, que os miúdos o ano passado não sabiam, só 8 é que sabiam o que é que tinha para ser trabalhado, e outros perguntavam porque é que não tinham PSEI e a resposta era “ah” pois mas isso são os monitores, os educadores é que não foram para a frente e levaram isso avante e os restantes miúdos perderam durante um ano a possibilidade de trabalharem as competências. O que vai perceber é que há miúdos que não têm sequer conhecimento dos seus projetos de vida e que perdem-se, estão perdidos e eu fico muito contente e mesmo entusiasmada por saber qual é o seu resultado, até porque eu pesquisei alguma coisa nesta área e relativamente aos PSEI’S e os resultados na prática, depois de um jovem sair, o que influencia, ou que impacto é que isso tem.

### **Transcrição da entrevista ao cuidador III**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.III: Eu sou estagiária de reabilitação psicomotora estou cá... posso contar só assim brevemente para perceber, eu fiz o meu estágio curricular cá do mestrado em reabilitação psicomotora e entretanto depois fiquei cá a dar um apoio à equipa educativa e entretanto houve a possibilidade de entrar como estágio profissional que eu quis porque também me agradou muito esta área e atualmente tenho como cargo, faço dois tipos de trabalho: um trabalho mais de apoio à equipa educativa em que estou com os miúdos nas rotinas deles, no dia-a-dia e faço o apoio na questão da higiene, das refeições, da hora de estudo, e tenho também o apoio à equipa técnica que estou precisamente responsável pela definição e elaboração dos PSEI'S com os educadores de referência e com os técnicos de cada criança e jovem.

**E: Há quanto tempo está neste LIJ?**

C.III: Bem se contabilizarmos desde o tempo em que fiz o estágio curricular foi em setembro de 2013, portanto mas depois o estágio profissional desde abril deste ano, sim.

**E: Foi a primeira vez que desempenhou funções em lares de infância e juventude?**

C.III: Sim.

**E: Já me disse algumas das suas principais funções no LIJ, mas se puder especificar um pouco mais.**

C.III: Ok, neste momento nós tínhamos, usávamos um formulário que estamos a tentar readaptar vá lá porque ele tava um pouco descritivo na fase inicial e depois temos, os PSEI'S que estão organizados em duas partes, uma parte mais de caracterização da criança, e uma parte dos projetos propriamente ditos que nós queremos desenvolver com essa criança ou jovem, “ahhh” neste momento estamos a tentar então que haja uma uniformidade aqui na fundação, que nós temos dois lares não é? Então que haja uma uniformidade nesse formulário para conseguir que os projetos sejam concretizáveis e mais facilmente avaliados para que haja uma avaliação também mais recorrente dos mesmos “hummm” e pronto, “tou” agora em fase de reunião com os diferentes

educadores de referência de cada criança e os técnicos para conseguirmos elaborar os PSEI'S para cada criança e jovem.

**E: E em relação às crianças e jovens já me disse que dá apoio à higiene, ao estudo...**

C.III: Sim de uma maneira geral, tentar manter o equilíbrio e o equilíbrio social e socio afetivo deles e também da própria equipa para que hajamos todos da mesma forma, eu também “tou” sempre em contacto direto com a coordenação, com a diretora do lar que também me orienta, sou estagiária mas também tenho essa tarefa, vá de que todos façamos igual.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.III: Já é muito próxima, e isso consegue-se facilmente não digo que seja logo na primeira semana como é obvio mas, é muito fácil ficar próxima destes miúdos, sim, e depois ganha-se uma proximidade e uma afetividade muito grande sim, e é reciproca porque sinto muito isso também e procuram, e nós a certa altura é um bocado difícil desligar o que também se torna mau quando eles saem, ou quando nós saímos.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.III: Quando eles entram nós temos uma ficha que nós utilizamos de avaliação diagnostica que também é sugerida pela segurança social, há um manual que trás todos esses documentos que foi adaptado também aqui à casa em que preenchemos logo as características da criança e as dificuldades que à primeira vista ela apresenta, posteriormente dependendo da idade também o ano passado fizemos isso: entregamos uma ficha à criança para que ela própria nos dissesse quais eram as dificuldades que sentiam em diferentes domínios, a questão da autonomia, de higiene ou de mesmo escolar pronto quais são as dificuldades que sentia e depois então é feito o projeto propriamente dito em que “tá” essa ficha de caracterização e depois os projetos que tenha a ver com autonomia ou estudo, pronto.

**E: Ou seja dentro deste PSEI existem depois as categorias que é preciso trabalhar com cada jovem?**

C.III: Sim sim, as áreas mais problemáticas digamos assim, é sobre essas que vamos trabalhar na primeira linha do que se vai alcançado e passado para as outras.

**E: É sempre feito com a criança ou jovem certo?**

C.III: Bem nos mais pequeninos é mais difícil não é? Mas tenta-se que seja sim. Essa ficha só começamos a usar o ano passado foi ideia até da coordenadora da equipa e lá está, dar uma forma e não ser só conversa os miúdos é que escreveram mesmo e tivemos respostas muito interessantes que às vezes oralmente é mais difícil e eles escreveram as dificuldades que sentiam e foi muito interessante ver isso porque também, vamos nós definir, nós achamos que é aquela dificuldade da criança, mas se calhar para ele não é aquilo que é mais importante e que ele sente mais falta no dia-a-dia então, vamos tentar balançar isso.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.III: Sim, sim nós o ano passado ainda tentámos que as reuniões de equipa debatêssemos, porque pronto o educador de referência é que discutia diretamente com o técnico “aahh” o que é que ia trabalhar depois tentámos em reunião também que todos os educadores soubessem por alto o que é que se ia trabalhar com essa criança ou jovem e entretanto também ficaram disponíveis em formato de papel no dossier na sala de equipa educativa para que quem quisesse dar uma vista de olhos.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.III: Pronto idealmente, era trimestralmente, não se tá a conseguir com todos mas era esse o objetivo e coincidia também com os períodos escolares, o primeiro período, segundo período e terceiro para dar também...

**E: Nas férias também é uma fase com mais tempo é isso?**

C.III: É diferente sim.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.III: Oh é fundamental mesmo porque eu acho que muita gente, e eu se calhar também tinha essa ideia antes de entrar neste meio que, ok são umas casas os miúdos são colocados aqui têm comer, dormir e pronto, mas não! Se eles vem para aqui então que seja tudo feito por forma a que eles tenham todas as oportunidades o mais individualizado possível sendo que é difícil numa casa com 24, por vezes é muito difícil individualizar, mas os PSEI'S são uma forma de eles terem o espaço deles e que se trabalhe especificamente o que eles precisam já que não tem um pai ou uma mãe que olhem para essa criança, então têm uma equipa que “tá” focada nas necessidades deles por isso é que é fundamental que seja organizado e definido com.... Mas que não seja um coisa obrigatória e que se faça por obrigatoriedade eu acho que devia ser uma coisa, ou mesmo que não seja só para preencher um papel, eu acho que tem mesmo que ser pensado como cada miúdo, não sei se posso apontar isso como uma falha mas é uma dificuldade ainda... que se tenha tempo para pensar em cada miúdo, o que é que vamos fazer com este miúdo? mas acho que está a ser feito um esforço pelo menos aqui em casa está.

**E: Tem alguma dúvida ou sugestão que me possa dar para a construção deste meu trabalho?**

C.III: Não eu penso que faz sentido sim, até porque os PSEI'S tem de ser feitos com o Projeto de Vida de cada miúdo, de uma maneira geral acho que os 2 projetos de vida essenciais serão a autonomização quando a criança já não há previsão que volte à família de origem não é? Ou então a própria reintegração são os dois caminhos mais ou a adoção em caso que ainda seja essa idade pronto. Portanto acho que os projetos têm de ser feitos de acordo com isso, se estamos a pensar num miúdo que com 15 anos e que o projeto de vida seja a autonomia então os PSEI'S têm de ir de acordo com isso não é? Trabalhar o quê? Se calhar a economia, a gestão do dinheiro “aah” a higiene mas isso também é uma coisa geral, se for a reintegração na família se calhar os laços afetivos e que têm de ser mais trabalhados, a família essa relação, não sei acho que tem tudo a ver.

**Entrevista ao LIJ na zona Litoral rural**

### **Transcrição da entrevista à jovem I**

**Sexo:** Feminino

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

**Idade:** 18 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.I: “Ahhh”...”prái” há 5 anos

**E: E foi a primeira instituição em que estiveste ou já estiveste noutra?**

J.I: Não...sim.

**E: E durante quanto tempo?**

J.I: Foi...acho que 4 anos.

**E: Desde que idade é que estás em instituição?**

J.I: Desde os 9 anos.

**E: Conheces os adultos que trabalham cá?**

J.I: Sim.

**E: Conheces as funções que desempenham?**

J.I: Conheço sim...

**E: São muitos?**

J.I: São alguns, tão há uma cozinheira, há várias educadoras são algumas do estudo, outras são da parte de ... não sei bem...há umas que ajudam mais as meninas.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.I: “Ééé” boa, elas são simpáticas e dão-nos carinho e tudo.

**E: Há alguém com quem te dê melhor?**

J.I: Sim, tão é uma das educadoras que pronto, dá mais atenção às meninas mas que agora neste momento, tá grávida e saiu. Depois há várias que eu também gosto mas não é assim...

**E: O que é que por exemplo a educadora que me falaste agora representa para ti?**

J.I: Ela... (silêncio) dá-nos muito carinho e... presta atenção e depois “hummm” alguma coisa que eu queira desabar ela vem “pa” um sítio connosco e fala connosco e percebe-nos e ajuda-nos e acho que ela, ela é a que mais percebe e mais nos ouve.

**E: É muito importante para ti?**

J.I: É! (grande sorriso)

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.I: Não “tou” a ver.

**E: O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste algo parecido?**

J.I: Não me lembro de ter feito.

**E: Lembraste de só terem falado sobre alguns objetivos que tenhas de atingir?**

J.I: Não...

**E: Embora não o tenhas feito, mas achas que as competências que te falei, os exemplos que te dei, poderão ser úteis no teu futuro?**

J.I: Sim, elas tão a ajudar assim, não sei bem explicar...

**E: Por exemplo achas útil um apoio na gestão do dinheiro por exemplo?**

J.I: Sim... elas ensinam-nos a gerir o dinheiro e várias coisas que são importantes para o futuro.

**E: Achas que te dão apoio necessário?**

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

J.I: Sim.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.I: É para aprender por exemplo a lavar a loiça, a cozinhar, tudo.

**E: É importante para ti?**

J.I: Sim para depois quando tivermos uma casa sabermos

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.I: Não.

## **Transcrição da entrevista à jovem II**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 14 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.II: Há 6 meses.

**E: É a primeira instituição em que estás?**

J.II: Sim.

**E: Conheces os adultos que trabalham cá?**

J.II: Sim mais ou menos.

**E: Quais as funções que desempenham? Por exemplo da tua educadora.**

J.II: Ah sim, a J. (educadora) ajuda-me sempre nos trabalhos de casa, problemas que a gente tenha, é muito protetora da gente.

**E: Também recorres aos outros educadores se for necessário?**

J.II: Sim, sim.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.II: Ainda não é muito próxima.

**E: Porque é que achas que ainda não é muito?**

J.II: Porque...sei lá! “Tamos” sempre... eu sou uma menina que “tou” sempre a gritar, a brincar, e elas de vez em quando começam a gritar muito e irritam-se e pronto...

**E: E achas que também pode ser porque ainda não te conhecem bem?**

J.II: Pois! Se calhar... não! Elas conhecem-me bem, só que eu é que muitas das vezes corto as conversas.

**E: Em relação à tua educadora, o que é que sentes em relação a ela?**

J.II: Uma amizade muito grande, ela apoia-me em tudo.

**E: Sentiste-te apoiada na tua entrada aqui?**

J.II: Muito!

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.II: Não.

**E: O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste algo parecido?**

J.II: Sim, fiz no primeiro mês cá em casa.

**E: Fizeste em conjunto com quem?**

J.II: Com a A. é a psicóloga.

**E: Então participaste no teu PSEI?**

J.II: Sim.

**E: Lembraste de alguma competência?**

J.II: Sim...Crescer mais um bocadinho, aprender a cozinhar uma delas, ser independente.

**E: Achas que os objetivos presentes no PSEI serão úteis para o teu futuro?**

J.II: Sim.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.II: Sim.

**E: O que é que consideras mais importante?**

J.II: É ajudarmo-nos umas às outras e darmos-nos todas bem.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer?**

J.II: Não reclamarem tanto com a gente...

**E: Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.II: Que estes 6 meses que eu tenho “tado” cá tem sido os 6 meses melhores da minha vida, elas apoiam-me muito, a J. (educadora) para mim é uma segunda mãe.

**E: E algo que aprendeste aqui?**

J.II: Conseguir concentrar-me coisa que nunca consegui, “tar” a dar-me bem com toda a gente, eu “tava” ao pé de uma pessoa muito tempo e começava a brigar, a bater as pessoas, agora já “tou” mais calma.

**E: E achas que essa calma está relacionada com o apoio que a J. te dá?**

J.II: Sim, a J. nos apoia muito!

### **Transcrição da entrevista à jovem III**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 16 anos

**E: Há quanto tempo nesta instituição?**

J.III: Vai fazer 5 meses na quinta-feira.

**E: É a primeira instituição em que estás?**

J.III: (abana a cabeça negativamente)

**E: Já estiveste noutra?**

J.III: Já.

**E: Desde que idade é que estás em instituição?**

J.III: Desde os 15.

**E: Então na outra instituição foi pouco tempo?**

J.III: Foi uns 6 meses.

**E: Conheces os adultos que trabalham cá?**

J.III: Sim conheço.

**E: Que funções, ou melhor que profissões têm esses adultos?**

J.III: Há uma psicóloga, várias educadoras, uma cozinheira, a diretora, e depois há mais umas duas funcionárias na rouparia que nos lavam a roupa e tudo mais, e há uma funcionária que nos dá os... tipo, os shampoos e isso, os nossos produtos de higiene.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.III: Dou-me bem com elas.

**E: Achas que é uma relação próxima?**

J.III: É pelo menos elas tentam que seja.

**E: Achas que o tempo que estás aqui pode influenciar essa relação?**

J.III: Talvez, porque como já “tive” noutra instituição, e tive lá mais tempo ganhei mais um carinho especial pelas outras pessoas e agora como “tou” cá há pouco tempo, vou ganhando aos poucos.

**E em relação à tua educadora, a relação é mais próxima?**

J.III: É...ela diz que nós somos as suas meninas e trata-nos bem.

**E: O que é que sentes em relação a ela?**

J.III: Sinto que ela é protetora em relação a nós, trata-nos como filhas, e quer só o nosso bem.

**E: É uma pessoa que tu sentes que podes confiar?**

J.III: Sim... em certos aspetos sim.

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.III: Não.

**E: O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste algo parecido?**

J.III: Foi com a psicóloga cá de casa, acho que foi isso.

**E: E lembraste se fizeste isto com ela imagina, por exemplo teres alguma competência como aprender a cozinhar, a fazer um currículo...**

J.III: “Nah” isso temos tarefas, tipo no inicio do ano, definimos tarefas para cada uma então todas temos tarefas, ou vamos para a cozinha, umas limpam os corredores, as casas de banho, temos estas tarefas para podermos aprender.

**E: Imaginando agora que ias fazer um plano destes que competências é que querias colocar? Algo que não saibas ainda fazer, ou fazer bem, mas que aches importante para quando saíres daqui teres a tua independência.**

J.III: Talvez, gerir o meu dinheiro... tipo... não sei...

**E: Por exemplo para ires a uma entrevista de trabalho...**

J.III: Acho que sim, depois como já aqui não estamos vamos ter, vai ser tipo um mundo novo e acho que vamos ter de saber gerir as nossas coisas e se nos aprendêssemos isso aqui já seria muito mais fácil lá fora.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.III: Sim é importante e está bem feita porque assim podemos aprender como fazer as coisas para podermos ter a nossa própria casa lá podermos fazer e já não ser tao complicado.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.III: É uma experiencia nova porque lá outra não tinha aquilo que tenho aqui, não tinha as tarefas definidas, e aqui “hummm” fazem várias coisas connosco é assim um mundo diferente.

**E: Sentes-te confortável nesta casa?**

J.III: Por vezes sim, sim.

### **Transcrição da entrevista à jovem IV**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 18 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.IV: Há quase dois anos, faz dois anos agora em fevereiro

**E: É a primeira instituição?**

J.IV: A primeira.

**E: Conheces todos os adultos que trabalham cá?**

J.IV: Sim, é fácil.

**E: Consegues dizer quantos e as funções que desempenham?**

J.IV: Educadoras...vá, monitoras umas 4, diretora 1, psicóloga 1, ah educadoras a nível do estudo 2, assistente social 1, e depois da equipa técnica do apoio “prái” umas 4 ou 5.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.IV: Em geral acho que tenho uma boa relação.

**E: Achas que é próxima ou nem por isso?**

J.IV: É como tudo, né? Vá, algumas são mais próximas, outras são um bocado mais distantes.

**E: E em relação à tua educadora?**

J.IV: “hummm” é uma boa relação, somos e não somos próximas, eu não sou muito dada às pessoas, andar sempre atrás e quando tem de ser tem, quando não tem também não vou fazer por ser.

**E: Mas sentes que se precisares de algo?**

J.IV: Ah! Sim, sim, sim! Alguma coisa “tão” lá.

**E: Sentes essa disponibilidade?**

J.IV: Da maior parte, umas sim, outras nem tanto. Mas sei com quem posso contar.

**E: O que é que a tua educadora representa para ti?**

J.IV: Sinceramente nunca pensei sobre isso!

**E: Imagina que precisas de falar sobre algum assunto sério, algo teu...**

J.IV: Não é com ela que eu falo, é mais com a psicóloga. Porque eu primeiro tento comigo, tento até ver se consigo. Quando chego à conclusão que não consigo mesmo, vou na psicóloga e falo, porque... porque não sei, acho que a monitora é mais...consultas e coisas assim.

**E: Então podemos dizer que a pessoa com quem tens mais afinidade é a psicóloga?**

Sim, que saiba assim as coisas mais a pormenor, sim talvez a psicóloga.

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.IV: Não...

**E: O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste algo parecido?**

J.IV: Acho que esse plano ainda decorre aqui não sei...porque eu fiz só que...prontos né? Cada uma “tá” aqui por várias razões e... e eu “tou” aqui mas...por saber vá demais

talvez, vamos assim dizer, é talvez a razão por eu “tar” aqui dentro, por isso ter de marcar consultas, gerir dinheiro, fiz! Mas deixei a metade e não é uma coisa que me preocupe porque sei como fazer.

**E: Então fizeste o PSEI quando entraste?**

J.IV: Fiz porque me pediram para fazer. E eu fui, mas o tema que falámos mais foi a escola, o curso que eu queria seguir. Por nós, pronto, há vários temas é o da cozinha, da casa, de gerir dinheiro, pronto, entre outros, mas eu quis começar pela escola nem sei porquê na altura, porque é isso na altura não achei assim muito importante.

**E: Achas que os objetivos presentes no PSEI serão úteis para o teu futuro?**

J.IV: Sim, de certa forma, por exemplo, ainda na semana passada tive, não foi, foi há 2 semanas, assim uma questão de pouco tempo, “tive” de ir à Segurança Social, e não sabia como havia de fazer, então fui à assistente social daqui, perguntei e ela disse “prontos”, como eu tinha que fazer eu e fiz porque isso eu nunca tinha feito. Se precisar de ir às finanças e assim também não mas em termos de bancos e isso assim, mas sim é importante.

**E: Achas que é importante os adultos explicarem o que te explicaram às outras jovens da casa?**

J.IV: Acho que sim, porque há muitas que não sabem... vá... umas sabem mais que outras, outras sabem menos, vá... eu acho que sim! “Pra” mim vá o pouco é essencial, há uma que necessite mais que outra. Talvez seja necessário a elas, que saibam aproveitar e que seja bom “pra” elas.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.IV: Das tarefas eu acho que sim porque vamos criando hábitos não é? E um dia mais tarde podemos aplicar na nossa vida futura ou diária, “hummm” e dos planos também, eu não falo por mim porque eu “tu” aqui, mas sou mais eu, mas por exemplo para os meninos pequeninos que nós temos é sempre bom ter um plano de fim de semana ou durante a semana, ou férias porque quando eu era pequena também gostava de ter com que me entreter e divertir. E também de terem aquele entusiasmo ah vem aí o fim de

semana e vamos ao cinema, por exemplo. Acho que é bom, falo por eles, por mim já não é tão...já foi mais! Tenho as minhas saídas, tenho durante a semana como não estudo cá, estudo fora também acabo por me divertir o que tenho a divertir então chega.

**E: E por exemplo em relação às tabelas das tarefas achas que se não existissem conseguiam realizá-las à mesma?**

J.IV: Não, porque elas são um bocado preguiçosas, e elas é tipo” ah como não sou eu eu não faço!” ou se não há é porque não é “pra” fazer. Para algumas sim, porque às vezes até com tabela e nome elas não fazem, por isso sem tabela então... devia ser uma festa!

**E: Esta organização dos adultos é útil?**

J.IV: Sim de certa forma, porque elas de certa forma tentam organizar o ambiente né? Elas de certa forma não estão presentes e têm de arranjar um jeito de tudo encaixar e se elas próprias não conseguirem, nós né? Conseguirmos fazer com que o nosso ambiente que nos rodeia ser confortável que é que o vai fazer?

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.IV: Não... não “tou” a ver, acho que “prontos” eu não sabia como era uma instituição, e agora “tou” aqui e acho que é uma vida normal, há instituições diferentes como é lógico, há injustiças como é lógico, há justiça, há castigos a mais, há castigos a menos como tudo na vida há o lado bom e há o lado mau.

**E: Mas estás a conseguir adaptar-te?**

J.IV: Ah! Sim já me adaptei! Já chorei muito, já ri muito, já tive muitas dúvidas, já fiz muitas escolhas por isso já é muito mais fácil, é diferente.

## **Transcrição da entrevista ao cuidador I**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.I: Eu sou encarregada geral de serviços gerais.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.I: Há 23 anos.

Sempre neste lar, eu vim para aqui há 23 anos.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.I: A encarregada geral dos serviços gerais, acompanha, “tou” com a parte dos produtos alimentares, fazer as ementas, e de comprar os produtos e bens essenciais para a instituição para que nada falte, tomo conta da dispensa na parte de carnes, peixe e fazer a ementa relacionado com aquilo que nós temos, com aquilo que vamos depois mandar vir, e a parte das ementas o que... faço também.... Peço ajuda às meninas para... qual é o prato preferido delas, o que é que elas gostam mais de comer, claro que é sempre os bifes com as batatas fritas não é? E então temos que evitar assim um bocadinho, mas ter também aquele cuidado com a ementa, com a alimentação porque não pode ser só... por exemplo batata frita ser uma vez por semana e por vezes vai escondida no bacalhau à brás, já foi outra vez batatas fritas, mas está escondido. O peixe onde não pegam tanto ter que haver assim uma maneira mais harmoniosa de o colocar, ou assado no forno que por vezes gostam mais ou dele grelhado que também faz muito bem ou então vá vamos para os empadões, vamos para uma massada, portanto disfarçamos assim. Depois eu durante estes anos todos já passei por ter de acompanhar as meninas à escola, ainda hoje acontece, ainda hoje os fui levar ali à escola primária de manhã, e depois portanto dar, “hummm” a parte com as crianças é mais isso e ver por exemplo, por vezes passar por um quarto e “olha isto não “tá” aqui bem” ou eles não estão cá dar uma mãozinha e fazer um bocadinho de tudo. E as minhas colegas da costura, da lavandaria, da cozinha, é comigo que se dirigem para os bens que precisam, para alguma coisa que não esteja em condições, e agora também temos muita

burocracia, na parte da papelada, de preencher, compra-se... veem os fornecedores entregar os produtos, o peixe ou carne por exemplo, os congelados e tem de se ver temperaturas, tem de se fazer o registo, tem que se ver se o produto vem bem condicionado ou não, e tudo isso temos tabelas para preencher e ocupa trabalho e tempo nisto. Depois durante o dia, as meninas estão na escola e já não me ocupo tanto também com elas, mas para isso também “tão” cá as educadoras, mas já houve o tempo que no início eramos nós que fazíamos tudo, eram menos crianças e também havia, a educação delas era diferente, eu já passei assim por tantas... tenho de me adaptar à época de agora, tem de haver essa adaptação.

**E: Já me falou um pouco das funções em relação às crianças e jovens, no fundo é dar o apoio que me falou certo?**

C.I: Sim, sim, eles por exemplo, pedir... hoje é quarta-feira, não têm aulas de tarde, já sei que vou ter enchente na dispensa para virem buscar o shampoo, escovas de dentes, material que elas necessitam para a higiene delas, porque para a alimentação não é preciso nada, porque elas também têm as coisinhas delas, as bolachinhas, coisas... aqueles miminhos que os pais dão, ou familiares quando cá veem, e está guardado na salinha, e eles próprios “olhe posso vir aqui buscar as minhas coisas?” e vão lá buscar aquilo que é deles. Na dispensa já na parte da alimentação não, mas produtos para a higiene, isso é comigo.

**E: Acaba por ter uma relação muito próxima por já estar cá há algum tempo?**

C.I: Sim, tenho mas já não tão próxima porque como elas têm a sua, têm a educadora com a parte dos estudos, e depois têm outra senhora que está como... não me vem agora o nome... é... é engraçado porque elas dizem “é a minha senhora”, porque há o grupo de quatro colegas que têm um x de meninas para cada uma, “tão” divididas e então, aí já não... não me meto tanto porque há aquela colega que tem aquela função. Por vezes “olhe estão aqui estes sapatos” ou isto assim, “prontos”, dirijo-me à colega, com a criança já não há aquele tanto contacto como havia dantes, há mais nas férias quando se tira, “tão” cá o dia todo e que se brinca mais com os pequeninos porque é preciso mesmo dar, brincar com eles e as mais velhinhas vão se chegando conforme elas assim entendem e para se abrirem né? Para conversarem, que eu costumo dizer, quando a porta da minha dispensa se fecha e dizem assim “preciso muito de falar consigo” Ai!

Que aqui há bronca da grande! Mas depois pronto, tudo se resolve, porque sempre tive esse hábito de dar conhecimento à diretora, jogarmos as duas para não perder a confiança da criança mas também para me sentir bem porque há certas responsabilidades e situações mais graves que eu tinha de dar conhecimento, mas pronto a diretora é espetacular também, não faz ... “hummm”, não divulga não é? E eu conforme vou sabendo, vou transmitindo, e assim se passa depois para a outra colega psicóloga ou assim e vai se tratando sem a menina se aperceber, que aqui de facto trabalhamos muito em equipa, em conjunto, muito bom é espetacular mesmo, cada vez há mais ânimo. É mesmo espetacular.

**E: O ambiente influência muito não é?**

C.I: Há dias... mas depois tento às vezes perceber, ela deu-me aquela resposta, mas não tinha razões para isso, mas porque é que seria? E depois se calhar passado um, dois dias venho a descobrir se calhar até tinha razão, acabou de discutir com um familiar, mãe, pai, já me aconteceu essa situação e eu assim: “pronto, já descobri porque razão é que foi aquilo!” A primeira que aparecesse tinha que se desbobinar não é? E nestas instituições tem de haver sempre uma pessoa pelo menos é o que a minha experiencia me diz, uma pessoa que seja sempre a má também é... e eu por vezes faço muito esse papel (risos) e brinco às vezes com isso, mas acho que às vezes elas têm muita razão não é? Eu custa-me muito compreender como é que se consegue tirar os filhos a uma mãe, ou aos pais, porque eu acredito que eles amam os filhos à maneira deles não é? Mas amam-nos e é bom que estas casas existam, seria com que não existissem mas também se estas crianças fossem acompanhadas em casa dos familiares já não havia aquela separação que eu acho que é uma separação horrível, acho que ... aí custa-me muito, mas também há, é engraçado nestes anos todos que eu “tou” aqui, “hummm!”, só duas crianças, duas meninas pequeninas é que choraram pela mãe, a partir do momento que entram cá dentro para elas é um mundo novo, é um mundo diferente, e “tá” tudo numa boa, nem dizem nada e... só houve duas que pequeninas, com 4 aninhos, mas mesmo assim pequeninas não...pronto chegam aqui... olhe eu já vi tanto desde crianças que nunca tinham dormido numa cama, nunca tinham dormido com lençóis, e de dizerem-me que “foi a primeira vez que dormi dentro de lençóis”, de um grupo que teve aqui as 4 irmãs, e quando veio a mais pequenina, a dar-lhe banho e ela dentro do chuveiro, sai-me disparada do chuveiro vem de dançar para o corredor, entrava-me

dentro da casa de banho, entrava dentro do chuveiro, dava dois saltos lá dentro e eu fiquei estática eu não sabia o que é que havia de fazer, e então ela tava tão feliz porque nunca tinha tomado um banho assim de chuveiro. Depois vim a saber que a própria casa deles nem chão tinha, era terra batida, mas isto já lá vão uma data de anos e depois olhe estas coisitas marcam, eu parece-me que “tou” a ver a menina a dançar ali no meio, a fugir, e essa já tinha os seus 12 aninhos ou mais talvez. Ela o chuveiro “tava-lhe” a fazer cócegas, aquilo foi uma festa! Mas quando eu a vejo a sair e a fugir pensei, bem eu só a vou apanhar na rua, mas não, ela entrava, chegava ao corredor, dava dois saltos e voltava a entrar outra vez lá para dentro, tenho muitas boas recordações de facto.

**E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)? Acho que já me respondeu a esta questão, já me disse que está sempre disponível para elas...**

C.I: Sim, sim...mas também não sou das mais próximas, porque eles têm os seus grupinhos, as senhoras e depois têm as educadoras, a psicóloga também, e a Dra. X (diretora técnica que também é psicóloga) pronto para eles é como uma mãe, uma mãe, uma colega, olhe é....

**E: Uma relação muito próxima?**

C.I: Sim, muito, muito mesmo! E assim como é com as crianças é como é com as funcionárias, se há qualquer coisa que ela...“Oiça lá não tem nada para me dizer? Você não anda bem!” (risos) é muito amiga mesmo!

**E: A próxima questão é sobre o PSEI...**

C.I: Ah pois isso já não é nada comigo...

**E: Mas já que aqui estamos, eu vou lhe só explicar para ver a sua opinião, o PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas**

**de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

C.I: Ah olhe há assim coisinhas engraçadas. Por exemplo na dispensa, agora de momentos temos muito mais velhinhas e depois é só pequeninos, já não houve esse caso, mas houve um ano que notámos que as meninas não conheciam bem o dinheiro, e fazer os trocos, e então o que é que colocaram? Na dispensa que é o meu local de trabalho, tudo tinha preços, a pasta de dentes tinha o preço e tinha a tabela cá fora e então fizeram, as educadoras, dinheiro, notas e moedas em papel fotocopiado e eu tinha esse dinheiro e elas iam todas as sextas-feiras, à assistente social, buscar a mesada delas desse dinheiro falso, que a gente falava mesmo que era o dinheiro falso, e era com esse dinheiro que elas iam gerir a comprar a pasta de dentes, o chapéu de chuva, essas coisinhas assim. E acho que ajudou muito as meninas, porque elas aquele contacto, elas faziam as contas, e eu dizia é X, e ela dava-me o dinheiro e eu dava-lhe o troco, e fazia ela “tar” a contar, olha era tanto com mais este fica tanto, havia as outras mais espertalhonas e chegavam ao pé de mim e diziam-me assim, este 1.20€ é da pasta de dentes, este 1.50€ é de não sei o quê, para não fazerem as contas!

**E: Essa é uma boa estratégia, e acha que será importante para quando elas saírem daqui?**

C.I: É, é...mas também elas, aquela menina que quer sair e quer continuar lá fora né? Elas ficam sempre por aqui na zona, e procuram-nos, veem cá à casa várias vezes, e portanto a instituição não diz “vais te embora e acabou” ela como se vai embora são os próprios da instituição que vão saber para onde vai, como é, houve uma pequena que saiu daqui e que foi trabalhar para outra terra aqui perto, a instituição alugou lá uma casa, pôs-lhe os produtos, eletrodomésticos, e então iam lá todas as semanas, a assistente social mais uma colega aqui da casa, da instituição e iam ver se as coisas “tavam” lavadinhas, “tavam” em ordem, portanto para a apoiarem. Portanto aqui em casa as meninas quando se levantam têm uma tabela de tarefas, “tá” ali afixado, e sabem que à segunda-feira é lavado uma casa de banho, fazem todas as casas de banho, os quartos, as camas, varrem o quarto, e depois há uma que põe a mesa, a outra que faz o pequeno-almoço, há outra que lava a loiça, outra que deixa a mesa posta para o almoço, e é tudo feito assim, claro que as limpezas, o corredor, varrer os corredores, elas fazem

todos os dias de manhã, essas coisinhas. Os mais pequeninos, até são eles próprios que às vezes querem ajudar e então é na sala das brincadeiras que eles arrumam os bonecos ou varrem, mas já é dois a dois para um arrumar os bonecos e outro varrer, e então depois na lavandaria é mais no verão que vai uma menina lá para cima para ver dobrar as roupas, ver como é que se faz, e na cozinha vai todos os dias à noite, há duas meninas que vão para a cozinha, embora a cozinheira já deixa tudo, por exemplo os tabuleiros, os tachos, elas por exemplo é só por no forno ou aquecer, gostam muito de fazer o seu arroz, cozer a massinha, “hummm” fazer a salada, que isso são impecáveis em comer assim salada, não há nada que não tenha de levar salada, até às vezes comida que eu na ementa não ponho salada, porque não há necessidade, elas é salada e acompanham com salada! Mas é giro! E elas assim vão se habituando, a fazer... pronto... a prepararem-se para a vida, tal e qual como se estivessem nas casinhas com a família, com a família entre aspas porque há alguns que não faziam nada disto.

**E: Então considera esta preparação importante?**

C.I: É, é muito importante! É pena é quando é aquelas meninas que chegam aos 18 anos e dizem “pronto vou me embora, eu não quero “tar” aqui mais” tenta-se saber para que lado vai, mas depois a partia daí já não se põe...

**E: Perde-se o contacto não é?**

C.I: E não é só isso, já não se tem aquela mão nela, aqueles conselhos que se podem dar, porque acham-se...pronto “agora eu já sou maior e vou fazer o que eu quiser” por vezes o dinheirinho que aqui juntam e que tá no banco, se calhar passado um mês já não têm la nada e depois a partir daí “se eu soubesse não saia”, “se eu soubesse não tinha saído” e aí é que tomam noção...

Quando elas de facto começam a preparar a saída, a própria instituição vai vendo e vai procurar para depois poder dar os seus próprios conselhos, “olha se calhar não é bem por ai” mas depois há umas que aceitam e outras que não...

## **Transcrição da entrevista ao cuidador II**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.II: Sou monitora, auxiliar social.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.II: “humm” 15 anos.

**E: E neste lar?**

C.II: Sempre neste lar sim.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.II: Passa no acompanhamento delas, da vida delas, da vida diária, da rotina diária aqui na casa, que é desde, normalmente entro sempre à 1h ou às 3:30h até as 8h ou 10:30h da noite, portanto acompanho aquilo que... raramente elas estão aqui a essa hora no tempo de escola, mas quando não estão, quando estão de férias pronto é o acompanhamento de refeições, depois incentivar para a escovagem dos dentes, aquelas coisas práticas que elas se esquecem, que as vezes não fazem e falham, têm de ser ajudadas, e lembradas e depois mais no caso da altura escolar depois é ir à escola buscá-las, as pequenas porque nós vamos buscar os do jardim-infantil que temos neste momento e da escola primária, as outras que já estão no ciclo e no liceu regressam sozinhas.

“Humm” pronto é isso acompanhamento de consultas, estamos divididas e eu por exemplo tenho 9 crianças que estão a meu cargo que eu tomo conta delas e que as acompanho e vou acompanhando as consultas no médico, as roupas se precisam ou não precisam o que é que “tá” bom e o que é que não “tá” e arrumação delas, verifico a arrumação delas dos lotes, que elas têm no quarto delas e como cada quarto tem quatro camas cada uma tem um espaço na parede que nós chamamos de lotes que é tipo um roupeiro e tento incentivá-las para organizarem as roupas como deve ser e manterem aquilo arrumado.

**E: É um contacto muito direto com elas não é?**

C.II: É, é. E depois acompanhamos sempre na... e “tamos” sempre em cima na educação, na saúde, e tentar que elas cumpram as regras, depois acompanhamos nas refeições à noite, no deitar, pronto basicamente é isto assim.

**E: O foco das suas funções é nas crianças e jovens é isso?**

C.II: É, é basicamente. Somos quatro da equipa educativa e o que fazemos basicamente é o acompanhamento assim mais direto com os jovens.

**E: Nota que existe alguma diferença entre os “seus” 9 educandos em relação às outras crianças e jovens?**

C.II: Não, não. Não, é claro que aqueles 9 são meus, e quando vejo alguma coisa penso, “olha dá para esta, ou dá para aquela” e tento preocupar-me com isso mas também às vezes acontece eu achar que não é o perfil daquela, que é o perfil de outra e ou por exemplo quando acompanhamos nos banhos, os mais pequenos quando não está a colega que a quem o outro pequeno pertence e dou eu e acompanho o outro e às vezes até mesmo o outro prefere-me e eu vou e dou banho e pronto, “tou” agora a referir-me aos mais pequeninos da primária e do jardim que nós acompanhamos no banho e isso, pronto é isso ou às vezes quando uma colega não tá, “humm”, acompanhamos, acompanho também nas consultas, e daí que há também sempre uma boa relação com as outras e...

**E: Não acha que isso influencie...**

C.II: Não, não há distinção. Eu pelo menos não faço distinção. Aquelas são minhas, mas no fundo são todas “né”? No fundo são todas isso é que é mesmo, e criamos sempre laços com as restantes também.

**E: A divisão é mais uma questão de organização?**

C.II: É mais para responsabilidade para que não falhe nada.

**E: Nota que para eles é mais fácil terem uma educadora de referência?**

C.II: Sim porque quando querem alguma coisa pedem, veem logo ter com ela, apesar que eu reparo que há algumas que querem e veem ter comigo, mas eu pronto, às vezes se a minha colega a quem ela pertence “tá” eu digo “olha vai ter com a tua educadora” mas quando não tá, pronto, faço isso também.

**E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?**

C.II: Ahhh alguns vêm como mãe, é, alguns até já chamam mãe e tudo é... têm muito esse laço, depois outras arranjam outros nomes para nos chamarem, ou irmã ou tia, “hummm” mesmo de todas as que por cá passaram ao longo destes anos é, dantes era o dona que chamavam sempre, chamavam o dona, mas eu acho que isso é assim um pouco frio e digo “não é dona, é X (nome próprio) e mais nada. Mas quando vejo que eles chamam ó mana, ou tia, ou mãe ou assim, não, não há qualquer problema.

**E: Nota que estes jovens sentem que podem confiar em si?**

C.II: Ah, sim! Sim e no entanto eles vêm-nos com uma imagem materna não é? Como uma mãe, estamos a fazer esse papel, exatamente.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem? E segundo percebi com as jovens é feito com a psicóloga, correto?**

C.II: Sim, sim exatamente, era isso que ia dizer, essa parte da estipulação dos objetivos está mais ligada à equipa técnica, mas no entanto às vezes, “tamos” a par daquilo, das, daquilo que, foi estipulado, e dos objetivos que foram criados para cada uma para também ajudar a desenvolver isso.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.II: “Hummm”... Eu acho que sim! Temos acesso, mas como normalmente, sabemos assim mais de boca, não consultamos nada e dizemos “olha ou isto, ou estimula mais isto”, tentar as mais velhas dos 18 e isso tentarem elas irem às consultas sozinhas, algumas até gostam e isso, mas às vezes querem sempre o nosso acompanhamento mas algumas não se importam que a gente entre, eu deixo-as sempre à vontade, outras preferem que a gente fique cá fora e elas próprias fazem a consulta sozinhas e depois tem de me dar o feedback, ou eu falo com a médica e a medica também diz e isso,

pronto mas mais nisso e tentá-las e fazer com que elas se responsabilizem por marcar as consultas ou tratar de coisas assim simples que depois no dia-a-dia são necessárias.

**E: Considera as estratégias que utilizam aqui (as tabelas, dinheiro na dispensa) será útil no futuro das jovens?**

C.II: Eu acho que em algumas...depende de cada uma, nalguns casos elas interiorizam isso e depois serão capazes de por isso, de aplicar isso na vida prática quando saírem daqui, outras penso que não, não é isso que as faz lá ir, depende mesmo de cada uma. eu acho que elas vêm aquilo mesmo como uma regra , não vêm aquilo como sendo uma formação ou um apoio, uma ajuda que lhes estamos a dar para o futuro não é? Eu acho que não, que elas vêm como uma regra e uma obrigação e está ali escrito, e têm que se cumprir e acabam às vezes por não dar valor, eu acho que elas depois só dão mesmo valor a isso é depois de saírem daqui, aí algumas acabam por reconhecer que era bom e aprenderam muita coisa cá, outras nem chegam lá, nem chegam a isso, mas é a tal coisa depende muito de cada uma, daquilo que elas interiorizam e que depois aplicam.

**E: A preparação para a saída ocorre gradualmente ou apenas mais perto da data de saída?**

C.II: Não, eu acho que é ao longo de todo o tempo, temos o X e a X que são os de 3 e 4 anos que já têm tarefas e o nome deles está nas tabelas. É claro que não vamos exigir grande coisa, mas é para criar aquele hábito, mas temos que ajudar sempre, mas já consta para... eu penso que é sempre ao longo, vamos criando não é só naquela altura que “tão” para sair ou isso, vai-se criando consoante as idades e aquilo que é necessário né?

**Entrevista ao LIJ na zona Interior urbana**

**Transcrição da entrevista ao jovem I**

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 13 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.I: Há 2 anos.

**E: E foi a primeira, ou já estiveste noutra?**

J.I: A primeira.

**E: Conheces bem os adultos que trabalham cá?**

J.I: Mais ou menos.

**E: Quais as funções que desempenham?**

J.I: Alguns ajudam-me no estudo e outros ajudam-me lá fora.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa? O que é que sentes em relação a eles?**

J.I: Oh! Às vezes maus, às vezes bons, é assim...

**E: Depende das atitudes deles é isso?**

J.I: Sim.

**E: O que é que para ti é uma boa atitude?**

J.I: É não me chatearem muito a cabeça!

**E: E quando te chateiam o que é que te acontece?**

J.I: Metem-me de castigo.

**E: Como é a tua relação com o teu educador/encarregado de educação?**

J.I: É boa.

**E: Notas que é mais próxima em relação aos outros adultos?**

J.I: Sim.

**E: Sentes que podes confiar nele?**

J.I: Às vezes.

**E: E que está cá para te ajudar?**

J.I: “Tá”.

**E: A segunda parte da entrevista digamos assim é sobre o PSEI, é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste o teu PSEI?**

J.I: Não.

**E: Pensa nas tarefas que vocês têm cá, elas são importantes para vocês aprenderem e treinarem algumas competências, achas isso útil?**

J.I: Às vezes.

**E: Achas que é importante para quê?**

J.I: Para nós todos.

**E: E achas que pode ser útil?**

J.I: Pode, um dia mais tarde posso perceber que aquilo que eu fiz foi errado.

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

**E: Tu achas que não fizeste o PSEL, se pudesses fazer agora que objetivos ou competências gostarias de lá colocar? Alguma coisa que gostasses de trabalhar, de praticar...**

J.I: Não...não sei.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.I: Não.

## **Transcrição da entrevista ao jovem II**

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 13 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.II: Há um ano e meio por aí.

**E: E foi a primeira, ou já estiveste noutra?**

J.II: Foi a primeira.

**E: Conheces bem os adultos que trabalham cá?**

J.II: Sim.

**E: Quais as funções que desempenham?**

J.II: Uns que... “coisam” mais para os nossos, para quando nós “tamos” tipo, temos um salão de convívio e quando “tamos” lá, dividido em duas partes uma mais velhos e outra mais novos e temos um para cada lado, tipo quando nós nos portamos mal eles fazem os castigos e depois registam na avaliação e outros que é, e dos mais novos também que é para... para ver também as cenas que eles fazem e isso...outros é mais para o nosso desempenho escolar, que até “tão” no salão de estudo e isso e outro... e há um superior, também temos aqui duas técnicas da segurança social que é “pa” verem e falarem connosco às vezes, para nós ligarmos para os nossos pais e isso, e temos um coronel que manda nisto tudo.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.II: É boa, não me dou mal com ninguém, há uns melhores que outros, e sobre o meu encarregado de educação também me dou bem com ele.

**E: É diferente a relação que tens com o teu encarregado de educação?**

J.II: Sim, digo mais coisas ao meu encarregado que aos outros.

**E: Sentes que podes confiar nele?**

J.II: Sim.

**E: O que é que o teu encarregado de educação representa para ti?**

J.II: É uma pessoa que quer saber de mim, que quer que eu seja alguém na vida e “mai” nada.

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.II: (abana a cabeça negativamente)

**E: Então o PSEI, é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste? Ou alguma coisa parecida?**

J.II: Acho que não, que eu saiba não.

**E: Imagina que agora terias a oportunidade de fazer o teu PSEI, achas que seria útil?**

J.II: Era porque se estudássemos e ligássemos aos estudos podíamos ser alguém na vida.

**E: E se agora te propusessem aprender a cozinhar, ou a gerir o teu dinheiro, achas que teria alguma importância só para agora ou também para o teu futuro?**

J.II: Era útil, aprendermos a gerir agora quando somos mais novos, quando fossemos mais velhos fazíamos isso.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos? (as tabelas, as avaliações, as reuniões)**

J.II: É, porque assim também tipo quando formos para a rua, não vamos “tar” lá descumprir com as leis lá de fora e aqui dentro cumprimos isso.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.II: Que muita coisa aqui que não “tá” justa. E que tipo isto aqui “tá” bem feito para as pessoas que tipo passam fome e isso e que veem para aqui dentro, mas por um lado tá injusto, porque há pessoas também aqui dentro que se calhar têm tudo de bem em casa e vieram para aqui.

**E: Sentes que foi isso que te aconteceu?**

J.II: Mais ou menos.

### **Transcrição da entrevista ao jovem III**

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 12 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.III: Há 7 meses, vai fazer 8 na sexta-feira.

**E: É a primeira instituição?**

J.III: Sim.

**E: Conheces bem os adultos que trabalham cá?**

J.III: Mais ou menos, são muitos.

**E: Quais as funções que desempenham?**

J.III: Eles ensinam-nos regras, também nos ajudam nesse tipo de coisas, também ajudam-nos a resolver os nossos problemas, falam connosco, esse tipo de coisas.

**E: Como é a relação que tens com os adultos da casa?**

J.III: Boa.

**E: Com todos?**

J.III: Com todos.

**E: E com o teu encarregado de educação?**

J.III: Sim, é mais profunda.

**E: O que é que sentes em relação a ele?**

J.III: Sinto que lhe posso dizer algumas coisas que talvez não posso dizer aos outros, ou que não me sinta bem a dizer-lhes, sinto-me mais confiante com o meu encarregado de

educação, quando é para resolver situações normalmente vou primeiro a ele depois vou aos outros.

**E: O que é que ele representa para ti?**

J.III: Vejo-o como não digo bem um pai, mas talvez um tio.

**E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?**

J.III: Nunca ouvi falar...

**E: Então o PSEI, é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste? Ou alguma coisa parecida?**

J.III: Com o encarregado de educação eu acabei por aprender mais coisas, por exemplo antes não sabia atar por acaso, mas agora já sei, sei fazer melhor a cama, arrumar o armário também já está melhorado, antes não fazia desporto agora já faço muito mais.

**E: E notas que tem sido o encarregado de educação que te tem incentivado mais?**

J.III: Sim por acaso.

**E: Achas que os objetivos que estão presentes no PSEI podem ser úteis para o teu futuro?**

J.III: Sim. Acho que sim. Como pai, como amigo, como tio, como tudo praticamente.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos? (as tabelas, as avaliações, as reuniões)**

J.III: É útil.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.III: Eu acho que vir para a instituição mudou-me mas talvez já esteja mudado o suficiente, acho que já fiz os meus objetivos.

### **Transcrição da entrevista ao cuidador I**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenham no LIJ?**

C.I: Assistente social.

**E: Há quanto tempo desempenham funções nesta área?**

C.I: Portanto eu há 10 anos, e eu “tou” cá há 15, fez anteontem 15 anos.

**E: Neste lar?**

C.I: Sim.

**E: Quais as vossas principais funções no LIJ?**

C.I: É assim todo o trabalho social é feito por nós, “humm” fazemos a gestão do processo, ou seja, tudo o que tem a ver com o processo individual da criança tem de passar por nós obrigatoriamente porque nós fazemos a ponte entre os serviços externos, a rede de suporte social que temos, segurança social, tribunal, ou seja interna e externa, e fazemos a... há e a nível familiar que é o mais importante no fundo é isso “né”?somos a mediação e aponte de ligação destas crianças com o exterior. Por isso é que somos as gestoras dos processos individuais da criança.

**E: Bom quase que já me responderam à próxima pergunta, em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?**

C.I: Ao nível familiar... mais diretamente é ao nível familiar, com os miúdos é mais ao nível familiar e ao nível interno não é? Também fazemos... é assim nos somos mais ou menos, ora bem, como é que eu hei de dizer, o simbolo que os liga a tudo o que está lá fora e que tem a ver com eles. Por exemplo eles sabem que as informações que passam para o tribunal passam...somos nós que as fornecemos, eles sabem que as informações e o trabalho que é feito com a família é por nós que passa, no fundo nos somos mesmo

aquele elo não é? E o que nós fazemos diretamente com eles é isso ligá-los a tudo o que eles não tem contacto aqui dentro, é mais ou menos isso.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.I: Nós tentamos que seja o mais próxima possível, mas claro sempre... depende...depende também dos objetivos que eles tenham, mas é assim quando uma criança aceita a institucionalização é uma coisa, nós conseguimos manter uma relação com eles empática e criar alguns laços, e quando por exemplo nos temos um bom relacionamento com as famílias ajuda imenso, que até aqui, já pensando no futuro, até aqui tem se conseguido sempre isso, porque até aqui o nosso papel a nível de família é acompanhamento mas a nível institucional, portanto vamos a visitas domiciliarias quando a criança está lá, mas agora daqui para o futuro o papel vai mudar um bocadinho, (grande não é?), ainda estamos, está em fase de reestruturação, mas até aqui tem se conseguido criar uma boa relação com as famílias, sabem distinguir qual é o papel do técnico em contexto institucional e qual o papel do técnico por exemplo que acompanha o processo a nível da EMAT. Existem sempre o acompanhamento exterior, e eles fazem muito essa distinção. Criando, havendo um bom relacionamento com a família também se consegue com os miúdos.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.I: Pensa-se com eles, em conjunto, por exemplo qual é a atividade lúdica ou até pedagógica e sei lá... quais são as dificuldades que têm, e o que eles gostam, e à partida, o projeto de vida que eles próprios vislumbram para eles, não é assim uma coisa que é sentada lado a lado com o miúdo e vamos lá agora fazer... não é isso! A participação deles é fundamental, eles dizerem o que eles gostam o que não gostam.

**E: Era isso, se eles têm voz neste assunto...**

C.I: Ah sim e eles dizem logo, vamos supor, uma atividade externa, vá ténis de mesa na escola se não quiserem não vão, se não gostarem, mas se gostarem eles próprios vem também pedir. Ah sei lá, estou a lembrar-me do basket, da viola, sei lá estas atividades assim e eles vem e pedem ou seja é sempre pensada de acordo com as necessidades deles não é? Mas também com as características e competências de cada um, depois ao

nível de escolar, nível da saúde, depois ao nível escolar há todos os apoios e mais algum não é? Isso já não são eles que vem dizer “olha eu quero ter este apoio” não isso já é uma necessidade identificada pelos adultos, pela equipa.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.I: Existe um processo individual, o PSEI é a parte fundamental do processo, e é individual e como é individual tem de estar no processo individual de cada criança.

**E: Mas está ao acesso de todos os cuidadores?**

C.I: É assim ao acesso não está. O acesso está, é transmitido. O acesso não “tá” vedado, atenção, o acesso não está vedado, o que nos tentamos salvaguardar é que quando esse acesso seja solicitado nós estejamos para poder explicar não é? “Tamos” a falar da equipa de apoio educativa certo? Ou da equipa educativa? Para nós é diferente! A equipa educativa são os encarregados de educação é quem à partida mais envolvido está nos PSEI’S, é feito em conjunto com eles, são que executa a grande maioria das atividades previstas. A grande maioria de atividades previstas no PSEI são executadas pela equipa educativa já a equipa de apoio educativo não há tanta necessidade de ter conhecimento e acesso porque não tem tanta execução a nível prático com as crianças. Agora poderão ter acesso, podem, o acesso não “tá” vedado a ninguém. Os próprios miúdos têm acesso ao processo, as próprias crianças, não é uma coisa que eles solicitem, deve é ser acompanhado preferencialmente pelas técnicas para podermos explicar não é? Em caso em que surjam dúvidas porque a nossa equipa de apoio educativa tem pessoas que possivelmente pela sua formação não conseguiriam perceber certo número de objetivos que foram traçados para algumas crianças, portanto convém que seja a equipa de apoio educativo que é diferente da equipa educativa.

**E: Mas os encarregados de educação apesar de terem os “seus” educandos têm acesso aos PSEI’S dos educandos dos outros encarregados de educação?**

C.I: Sim, é global, geral, trabalhamos muito em equipa, toda a gente sabe o que aquele miúdo... o que é fundamental todos temos conhecimento. Claro que há pormenores que o gestor ou encarregado de educação saberão melhor mas todos nós temos acesso.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

C.I: É assim o que está na prática, escrito na lei, a lei manda de 6 em 6 meses. De meio em meio ano, a revisão, mas não é, não é o que possa acontecer, até pode acontecer passar, depende dos objetivos traçados, até mais em termos do timing letivo, ano escolar. De meio em meio ano à partida é avaliado, e revisto de ano a ano, depende de cada criança e depende dos objetivos que são traçados, porque pode haver objetivos que tenham de ser concretizados em 3 meses e outros num mês, mas regularmente é avaliado de meio em meio ano ou sempre que seja necessário e é revisto de ano a ano.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.I: Faz toda a diferença, miúdos com 17 e 18 anos que já estão a atingir o salto para sair, faz toda a diferença, mas também faz toda a diferença em miúdos de 12 por exemplo. Inclusivamente para as crianças de 6 anos porque normalmente eles quando chegam trazem poucas competências e embora os objetivos delineados sejam diferentes mas todas as competências que são desenvolvidas a partir do momento que eles aqui entram vão ser importantes na sua vida futura, pelo menos é isso que nós...

## **Transcrição da entrevista ao cuidador II**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenham no LIJ?**

C.II: Sou professora de apoio e encarregada de educação, encarregada de educação de 10 jovens que estão diretamente ligados a mim mas de mais 39 que são dos outros colegas, mas que ao fim ao cabo na ausência deles nós também somos responsáveis.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.II: “Tou” aqui a desempenhar funções de apoio desde 2006 destacada pelo Ministério da Educação.

**E: Há quanto tempo está neste LIJ?**

C.II: Desde 2006 neste LIJ. É a primeira vez que eu trabalho nesta área, nesta casa e com esta problemática.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.II: Nós aqui enquanto encarregados de educação temos funções na área da educação, fazemos a ligação LIJ-escola, somos os representantes dos jovens nas escolas, fazemos o acompanhamento na escola como qualquer pai ou qualquer mãe, vamos às reuniões da escola, acompanhamos nos trabalhos de casa, prestamos-lhes o apoio escolar todo ele em contexto lar, para além disso, para além destas funções da escola também vamos com os jovens às consultas médicas, fazemos também o acompanhamento a nível de roupa, calçado, higiene pessoal, dentista, ou seja fazemos exatamente o que faz um pai e uma mãe em casa, só não estamos com eles é durante o período da noite, ainda.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.II: Nós tentamos, não quer dizer que seja possível porque eles não querem, tentamos estabelecer uma relação que estabelece um pai com um filho, ou uma mãe com um filho, ou seja, tentar criar relações de afeto, de proximidade, ser uma pessoa de referência para estes jovens, eles ao fim ao cabo têm a família biológica mas que acaba por não estar presente, está ausente.

**E: Nota que pode haver diferença entre os “seus” 10 educandos e os restantes?**

C.II: Tento não fazer essa diferenciação, assim como os que estão mais diretamente ligados comigo, há aqueles com quem os jovens têm mais proximidade e chegam e desabafam, e falam e há outros que não, daí que nós tentemos não fazer a diferenciação. Tentamos... realmente representantes legais somos daqueles mas em todo o caso qualquer problema nós tentamos resolver, qualquer um de nós, somos 4 e tentamos realmente articular muito bem toda a informação de forma a que o trabalho seja consistente e coerente entre todos.

**E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?**

C.II: Se calhar para alguns sou uma referência, sou aquela pessoa que está presente, que os ajuda nos trabalhos de casa, que realmente quando precisam sabem que podem vir ter comigo que eu tento resolver, as vezes não é possível mas tentamos, né? Porque há a parte dos afetos e aquilo que realmente devia vir da infância, eles já não têm e é difícil neste momento... tento se calhar... alguns veem outros não, outros sou mais uma pessoa que está aqui para ditar regras e para impor castigos e fazer cumprir certas coisas.

**E: Poderá estar ligado à idade das crianças?**

C.II: Não, eu acho que também tem... eu falo por mim, tem muita a ver também pelo facto de estarmos ou não quando eles chegam à instituição. Se calhar já me aconteceu alguns jovem que nem eram para mim como educandos, mas criaram ali um elo de ligação e acabamos por aceitar e se calhar depois continuamos a fazer esse acompanhamento, há outros porque realmente eu própria também sinto que ainda não tenho uma relação de proximidade porque não estive no acolhimento. Porque nós ao fim ao cabo somos aquela pessoa de referência quando entram e gestora ou o colega com a gestora são a pessoa que os recebe.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.II: Normalmente fazemos, nós também participamos na elaboração do PSEI, nós fazemos o preenchimento das fichas de acolhimento que constam do PSEI dos jovens,

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

ou seja, nós acabamos também por ser um elemento ativo nesse PSEI, e depois vai ser feito aos bocadinhos, nós acabamos também por participar, ajudar a executar, à semelhança da gestora, da técnica, da assistente social ou da psicóloga.

**E: Os jovens têm conhecimento do mesmo?**

C.II: Os mais velhos sabem, inclusivamente ainda ontem iniciamos com um dos jovens, que até é meu educando que “tá” no 10º ano e tem 17 anos, uma vertente do PSEI que é o processo de autonomização, agora se questionar acerca dos mais novos eles não sabem que é, não fazem a mínima ideia do que é ou não é, assim como muitos daqueles jovens mais velhos que têm 15/16 anos falar-lhe no PSEI não sabem, mas se falar nalguns objetivos do PSEI ele sabe.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.II: Todos sim, tentamos realmente como uma equipa, primeiro restrita que é a educativa e depois técnica-educativa como geral que temos a equipa de apoio, tentar naquelas vertentes que dê mais a equipa de apoio, não têm acesso como tem a equipa educativa, já que somos encarregados de educação temos que ter acesso a tudo tentamos realmente que todos eles tenham conhecimento desse PSEI. Que têm de também ajudar, de colaborar para que seja exequível, e que seja posto em prática, se não, não vale a pena terem.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.II: Dependendo de cada jovem o que poderá ser imagine de meio em meio ano, poderá ser de 3 em 3 meses, depende muito também das situações que vem de fora, imagine que há um jovem que tem um PSEI delineado de uma vertente mas que de repente muda, por exemplo há um jovem que se calhar de um momento para o outro vai para a adoção e aí tem de ser completamente reformulado. Há outros que à partida nós sabemos que é a autonomização ou o regresso à família e é trabalhado o PSEI nesse sentido.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.II: Para alguns é muito benéfico, neste caso aquele jovem que está a entrar num processo de autonomização ele já sabe que quando sair daqui é mesmo para a

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

autonomização, tem de trabalhar a vertente que lhe permita ter ferramentas para sozinho seguir.

E isso é muito bom porque realmente já criamos aqui ferramentas que lhe permitem realmente, quando sair ele possa realmente continuar. E isso é muito bom! Agora se ele realmente nós trabalhássemos só aquela vertente escolar que foi a inicial, que inicialmente foi só a vertente escolar aquilo que nós centrámos a nossa atenção, só realmente essa vertente é que era trabalhada. Neste sentido tentamos abranger tudo o que é possível de forma a dar autonomia a estes jovens, para serem cidadãos no domínio total da palavra, o que às vezes é muito difícil, porque mesmo aqueles que têm 15/16/17 anos já sabemos que à partida a trabalhar hoje, a trabalhar amanhã, é muito difícil porque eles não conseguem. É muito benéfico, é muito bom, independentemente de eles saírem e depois se perderem um bocadinho lá fora, porque aqui estão demasiado protegidos.

### **Transcrição da entrevista ao cuidador III**

**Sexo:** Masculino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.III: Neste momento eu sou encarregado de educação, já exerci outras funções, mas desde 2009 ou 2010 que eu sou então encarregado de educação.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.III: Nesta área desde 2001, embora não tenha... não tivesse a cargo estas funções de encarregado de educação, mas... como encarregado de educação é sempre porque desde que tenhamos alguma influência na educação de um jovem portanto nesta área desde 2001 até à data de hoje.

**E: Há quanto tempo está neste LIJ?**

C.III: Neste LIJ desde 2001, nestas funções desde 2009 2010 não tenho bem noção sinceramente.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.III: As funções que um encarregado de educação tem nesta instituição, é as funções que um Pai ou que uma mãe têm na... na vida de uma criança dita normal ou numa criança numa família normal ou bem estruturada, é o acompanhar e incentivar à higiene, sensibilizar para a boa alimentação, sensibilizar para o estudo, estimula-los e incentiva-los a que se sintam bem que façam bem e que acima de tudo que andem bem, são... são aquilo que, ou melhor, serão todas as funções inerentes aquilo que um Pai faz, acompanhar ao médico fazer o acompanhamento nas especialidades médicas, fazer o acompanhamento nas escolas, o acompanhar nos trabalhos de casa sempre que possível, o fazer as intervenções junto dos outros pares quando é necessário também fazemos intervenção com alguns no sentido de eles se sentirem protegidos pela nossa figura de referencia.

**E: E em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?**

C.III: Nestas funções a relação é sempre um bocadinho ténue, a relação é muito boa até aparecer um não, a partir do momento em que o não aparece ficou tudo por água,

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

portanto é difícil conquistar a confiança deles porque eles trazem padrões de confiança muito muito maus, portanto não confiam ou não confiavam em quem... em quem estava com eles, ou essa confiança era sempre dúbia porque a determinada altura era quebrada, porque sabiam que não podiam contar a 100% com quem viviam e aqui depois isso volta outra vez a acontecer porque a nossa relação é uma relação institucional portanto somos encarregado de educação em tempo parcial durante um horário de trabalho, prolongado sempre regra geral para lá do horário de trabalho normal, porque nós faríamos em média 7 horas ou 7 horas e meia por dia, e à dias de 12, 14 depende, e depois é o prolongar, por exemplo, se tivermos uma atividade de verão, vamos para à praia, saímos de manhã vimos ao final do dia, quem for de manhã não vai a meio “olhe pronto xau vamos trocar” agora vai um carro daqui a Aveiro ou daqui à Figueira da Foz fazer a troca dos carros, portanto o turno vai ter o dia todo. Para o outro dia estamos cá outra vez, a cumprir o mesmo horário portanto não somos beneficiados por trabalhar um dia inteiro então noutra dia, noutra dia temos de estar cá outra vez pra eles. Essa relação é sempre uma relação um bocadinho periclitante, porque a determinada altura quando dizemos “não, não pode ser” pronto, a confiança que ele tinha em nós ou acaba por se perder e tem que se voltar outra vez a conquistar, as vezes demora mais outras vezes demora menos tempo é que às vezes também é um não só porque “eu queria ir jogar futebol e não posso”, é uma coisa que passa, também sentem que nós não estamos aqui para os prejudicar eles também sentem isso, mas o não para eles é sempre um prejuízo, porque não é satisfeita a pretensão que ele queria portanto acaba por perder sempre uma afinidade, agora essa afinidade e essa afetividade não é afinidade/afetividade familiar, é institucional.

### **E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?**

C.III: Eu tento tanto quanto possível ser um modelo de referencia, um modelo positivo, um modelo equilibrado, que não tente favorecer os meus educandos em detrimento dos outros, e que os outros também sintam que podem confiar em mim, mesmo não sendo eu o encarregado de educação deles, não é aquele que assina os papeis, mas não sendo o responsável directo mas participo na educação deles eu sou um elemento da equipa toda que promove e que tenta protege-los das situações que vão acontecendo no dia a dia quer dos pares internos quer dos externos.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.III: Vai depender da idade da institucionalização, se é um educado mais tenro com 7 / 8 anos uma criança não tem muito bem a noção de que o PSEI é elaborado para que ele tenha de atingir determinadas competências ou capacidades, se é um jovem, quer dizer, como ele também depois é reformulado, ele vai sendo reformulado em função das competências que já foram adquiridas, a próxima reformulação já serão acrescentadas mais competências adquiridas ou a adquirir por aquele jovem, agora, ele tem conhecimento? Tem. Se tem consciência que isso é importante para ele, se calhar não terá na idade tenra, na idade mais adulta ou na idade da adolescência já é capaz e vai evoluindo.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.III: Sim, ele sabe que as competências básicas têm de ser comuns a todos os jovens, a saúde, a higiene, a preocupação na alimentação, do vestuário, do calçado isso é comum a todos, portanto sabem que têm de colaborar connosco e nós com eles logicamente, têm que fazer aqui uma partilha de informação no sentido de que todos os jovens tenham acesso a isso. No que diz respeito à equipa de apoio, ela não terá conhecimento de todas as informações que constam no processo, porque é assim, é trabalho que é mais de campo, portanto não é um trabalho tão burocrático, eles transmitem-nos a informação, nós fazemos o registo acrescentamos ao processo para que depois isso seja valorizado e avaliado para depois se dar mais regalias ou retirar regalias daquilo que os jovens são capazes de fazer.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.III: Ele deveria ser revisto a cada 6 meses, a cada 6 meses para que fosse acrescentada mais alguma informação. Se é um PSEI duma criança mais jovem não justifica estar a fazer uma avaliação a cada 6 meses, se ele está no primeiro ciclo vai continuar no primeiro ciclo, se há uma transição de ciclo, aí já outra valorização do seu PSEI, depois vai depender de todas as outras atividades que o PSEI também envolve, se é um jovem com 7 anos se calhar ainda não participa nas atividades desportivas fora da instituição, se tiver 12, 13, 14, 15, já começa a participar nessas, aí à a reformulação porque depois o PSEI tem informações sobre o comportamento, sobre as atitudes, sobre valores que

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

ele também apresenta na entidade ou na instituição onde está a trabalhar, e faz com que haja esta atualização do PSEI, a cada 6 meses devia ser feito mas 7, 8, vai depender também da necessidade das alterações que vão surgindo.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.III: Eles sabem que, não sendo, é um papel é um documento, que eles sabem que existe para que fique registado aquilo que ele deve cumprir, que ele deve atingir, mas eles não vão regular a sua vida, não regulam a sua vida em função do PSEI, eles regulam a sua vida em função das necessidades pontuais deles, em função das vontades que eles têm dos anseios que eles têm e que às vezes vão de encontro daquilo que está no PSEI, porque à jovens que têm por exemplo “eu quero participar no Basket” e tratamos para que ele participe no basket e que ele faça essa integração no meio alargado da sociedade, e depois passado um mês “ah, afinal não gosto daquilo” portanto e o PSEI não vai ser alterado naquela altura, o que nós vamos fazer é tentar incentivar para que ele continue no lá, para que ele valorize aquilo que aquilo tem de bom porque às vezes aquilo que ele não gosta é que o treinador o chame à atenção muitas vezes porque depois é mais um sitio, é mais uma forma de ele sair também daqui socializar com outros jovens que não sejam só estes, ou o inverso, “eu quero o basket mas agora para o ano quero a natação” ou “agora quero no futebol”, portanto isso não é reformulado a cada vez, é acrescentado para ser melhorado as suas tarefas e as suas capacidades.

## **Entrevista ao LIJ na zona Interior rural**

### **Transcrição da entrevista à jovem I**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 16 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.I: Há cerca de 3 anos.

**E: É a primeira instituição?**

J.I: É a primeira.

**E: Conheces bem os adultos que trabalham cá?**

J.I: Sim, dou-me com todos.

**E: Quais as funções que desempenham?**

J.I: Ajudam a gente a fazer as coisas, vá. Ajudam a gente a fazer vá tipo, fazer as coisas que um dia mais tarde a gente poderá quando tivermos uma casa fazer. Se tivermos doentes dão medicação, fazem de tudo “pá” gente “tar” bem, e ajudam em tudo o que podem.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.I: É boa.

**E: O que é que cada um representa para ti?**

J.I: Como assim?

**E: Por exemplo a doutora X, o que é que ela representa para ti?**

J.I: Ela é para mim, vá, a pessoa que “tá” a cuidar de mim, a pessoa que me diz tudo quando eu “tou” mal, diz que eu “tou” mal e tenta fazer com que eu esteja bem, é assim tipo uma segunda mãe “pá” gente todas.

**E: E em relação aos outros adultos o que é que eles representam para ti?**

(silencio)

J.I: É mais ou menos a mesma coisa.

**E: Sentes que podes confiar em todos os adultos aqui da casa?**

J.I: Mais ou menos. Depende. Da maneira de ser das pessoas também.

**E: Sabes o que é o PSEI?**

J.I: Abana a cabeça negativamente

**E: O PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste alguma coisa parecida?**

J.I: Sinceramente não me lembro.

**E: Achas que os exemplos de competências que te dei poderão serão úteis para ti agora?**

J.I: Sim.

**E: E achas que são mais úteis agora ou para o teu futuro?**

J.I: Agora e caminhando, agora, amanhã, sempre.

**E: Achas que é um percurso que estás a fazer?**

J.I: Pois se não chega um dia em que a gente não sabe fazer nada.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.I: São.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.I: Tipo as doutoras são como eu já disse, fazem de tudo, tudo, tudo, “pa” que a gente “teja” bem, fazem tudo “pa” gente se sentir bem aqui, porque tipo isto aqui não é mau, além de muitas pessoas dizerem que isto é mau, e estar uma instituição isso é “bué” da mau, mas não é. Há pessoas que tem também de ver pelo lado positivo, no meu ver é que se a gente não tivesse aqui, onde é que a gente “tava”? por isso, e acho que isso aqui é bom, “tamos” aqui porque não temos mais nenhum sitio pra ir, por isso é bom.

## **Transcrição da entrevista à jovem II**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 15 anos

**E: Há quanto tempo estás nesta instituição?**

J.II: Nesta? É que já “tive” noutra, desde os 13, sim há 2 anos e meio, 3.

**E: E aqui?**

J.II: “Tou” aqui vai fazer 2 anos dia 27 de dezembro.

**E: Conheces bem os adultos que trabalham cá?**

Sim! E dou-me com eles todos!

**E: Quais as funções que desempenham?**

J.II: “Humm” brincamos, às vezes quando a gente se porta mal há castigos, mas é tudo bom cá em casa. Temos uma explicadora, ela ajuda-nos no estudo, as funcionárias cá, por exemplo as vezes somos nós a fazer o almoço então elas ajudam-nos a fazer o almoço, como às vezes quando nós andamos a arrumar os quartos elas também nos ajudam, e depois aqui as doutoras ajudam-nos em tudo!

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.II: É boa, tenho confiança neles todos, mais aqui nas técnicas, dou-me bem com umas funcionárias mas um bocado melhor com outras, mas pronto a relação é sempre boa.

**E: Porque é que me dizes que sentes mais confiança nas doutoras?**

J.II: Porque são elas, é com elas que eu desabafo mais, é com elas que eu... pode ser uma mínima coisa que aconteça na minha vida, mas é sempre a elas que eu conto tudo, nunca é a mais ninguém. Sinto-me mais confiante a falar com elas as duas.

**E: O que é que cada um representa para ti?**

J.II: Elas todas, cá dentro elas todas nos andam a criar, elas é que nos tentam dar aquela educação né? Elas, as funcionárias para mim, são todas iguais, significam todas o mesmo, mas... como é que eu hei-de dizer? As doutoras tipo, conseguem significar um bocadinho mais para mim porque é sempre elas que eu sei que posso contar com tudo, com elas pra tudo né?

**E: Sabes o que é o PSEI?**

J.II: Não...

**E: Mas eu explico-te, o PSEI é um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste de ter feito?**

J.II: Eu nunca fui boa a cozinhar! Nunca! Então houve um dia que a gente teve reuni~  
Ao com as doutoras e foi a gente que decidiu, porque a gente, por um lado a gente gostava de aprender a cozinhar, então a gente decidiu, falo por mim né? Que era bom a gente aprender a cozinhar, então pedimos se podia ser, elas disseram que sim, mas pronto as funcionarias andam sempre a vigiar, como é que tá a correr os almoços e assim.

**E: Achas que as competências de um PSEI que te expliquei agora, poderão ser uteis para ti, ou não?**

J.II: Sim porque a gente quando formos mais velhas, vamos precisar de um bocadinho de tudo, de saber cozinhar, de saber costurar, disto tudo e então acho que é bom fazermos isso.

**E: E achas que te dão o apoio suficiente aqui?**

J.II: Sim porque cada funcionária, pronto dão-nos atenção a todas, às vezes quando eu não sei fazer as coisas elas vão lá e explicam, depois, imagine né vai outra não sabe... tipo elas dão-nos sempre a atenção que a gente precisa.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.II: Sim, como eu lhe disse há bocado a gente temos de aprender a fazer tudo, por mais que eu não goste de costurar, porque não gosto, acho que quando tiver uma casa, e um marido e talvez um filho né? Eu vou ter que saber pregar um botão, e essas coisas assim e acho que é necessário isso tudo.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.II: Eu acho que tudo o que elas aqui fazem é para o nosso bem, elas só querem o nosso melhor e é verdade, por mais que às vezes ralhem com a gente é porque têm razão

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

porque a gente faz muitas asneiras ao longo dos tempos, e elas só querem que a gente se torne umas mulheres e às vezes a gente não faz por isso.

### **Transcrição da entrevista à jovem III**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 15 anos

**E: Há quanto tempo estas nesta instituição?**

J.III: Vai fazer 5 anos no dia 20 de junho.

**E: E foi a primeira instituição?**

J.III: É a primeira.

**E: Conheces bem os adultos que trabalham cá?**

J.III: Sim mais ou menos, são pessoas que convivo todos os dias.

**E: Conheces as funções que desempenham?**

J.III: Sim algumas. Então eles ajudam-nos a perceber quando saímos daqui o que temos de ser ou ajudam-nos a trabalhar a limpeza, a cozinhar, pronto para quando sairmos de cá sabermos fazer algumas coisas na nossa vida, também ralharmos connosco quando nos portamos mal, é uma coisa normal na nossa idade, trabalham connosco durante o dia, à noite temos o nosso espacinho de lazer, temos que ter as coisas arrumadas para fazer isso se não ralharmos, um bocadinho connosco, porque não temos nada arrumado e “tamos” a ver televisão. E acho que é mais ou menos isso, elas próprias também fazem limpeza cá durante o dia, à tarde ajudam mas pequeninas a tomar banho, nós estudamos nessa altura.

**E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?**

J.III: Às vezes pode não ser a melhor, também isso depende do dia e do nosso bom humor, mas é boa normalmente, é boa.

**E: Sentes que é diferente a relação que tens com as funcionárias e com as doutoras?**

J.III: É um bocadinho diferente porque com as doutoras nós conseguimos abrimo-nos mais, vá falar mais de coisas que se calhar com as funcionárias não temos tanto, tanta liberdade para fazer. Eu acho que a nossa relação, a minha relação com a doutora, com as duas, é muito mais chegada do que uma relação que eu tenha com uma funcionária.

**E: O que é que cada um representa para ti?**

J.III: As doutoras são como segundas mães, as funcionárias é basicamente o mesmo, porque são elas que “tão” cá quando nós precisamos, quando “tamos” mal, quando precisamos daquele carinho da nossa mãe e do nosso pai.

**E: Sabes o que é o PSEI?**

J.III: É as atividades?

**E: Competências será isso que me queres dizer?**

J.III: É mais ou menos isso. É o que nos fazemos cá em casa, o que ajudamos cá em casa a fazer.

**E: É um Plano Socioeducativo Individual que deve ser feito em pouco tempo após a entrada de uma criança ou jovem num Lar de Infância e Juventude, em conjunto com o jovem e o seu técnico ou educador.**

**Esse plano deve ser de acordo com o Projeto de Vida de cada jovem e nele devem estar as competências que cada jovem precisa de trabalhar e adquirir de forma ser um adulto autónomo. São objetivos que tu precisas de atingir, coisas que precisas de aprender ou que tens dificuldade, por exemplo gerir o teu dinheiro ou saber cozinhar, ir a uma entrevista de emprego, por exemplo.**

**E: Lembraste se fizeste?**

J.III: As doutoras participam mais nessas coisas, quando “tamos” de férias, eu por acaso tenho andado sempre a ir de férias em casa dos meus familiares portanto acho que só aconteceu isso uma vez no natal comigo, porque as doutoras fazem isso sempre em férias, mas com as funcionárias fazemos normalmente.

**E: E já aconteceu pedires às doutoras para colocares alguma competência, algo que queiras trabalhar no teu PSEI?**

J.III: Já, cozinhar. Nós todas mesmo, mesmo todas queríamos aprender a cozinhar mais, porque sinceramente eu gosto muito de cozinhar, é uma coisa que eu gosto porque eu vou cozinhando e comendo um bocadinho, e as doutoras fizeram ateliers. Temos ateliers de costura, de dança, de cozinha, de fazer doces, temos assim essas coisas, que elas vão, que elas também querem que nós aprendamos a fazer.

**E: Achas que as competências que adquires por exemplo nos ateliers são importantes para o teu futuro?**

J.III: É porque se eu vou ter uma casa e não sei cozinhar o que é que eu vou fazer? Vou comer o quê? Pão, água, tenho que me alimentar com mais coisas, tenho que ser um a fazer, não vou por ninguém a trabalhar para mim.

**E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?**

J.III: São porque, são aqui. Porque na nossa casa, quando sairmos daqui não vamos ter ninguém, não vamos ter uma tabela para dividir as coisas, porque na nossa casa vamos ser nós sozinhos a fazer tudo, mas temos já uma ideia do que é que temos que fazer, ou como é que temos que fazer.

**E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?**

J.III: Eu gosto muito de estar aqui na instituição eu tive uma infância má e quando vi para aqui fiquei com uma infância melhor e “tou” a crescer e já “tou” acostumada a “tar” aqui. A minha família queria que eu me fosse embora e eu não consigo, eu já “tou” tão habituada a isto, pode ser uma chatice, podemos não ter a liberdade que queremos, podemos não ter aquela liberdade de jovem, fazer o que queremos, sair à noite com os amigos e assim, mas isto é o nosso lar, é a nossa casa, temos de ter regras. Acho que já há muito tempo que não me sentia tão bem numa casa, como “tou” a sentir aqui, pronto retirando algumas confusões com as miúdas da minha idade mas isso é coisas da nossa idade.

## **Transcrição da entrevista ao cuidador I**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.I: Eu sou psicóloga, estou a tempo inteiro tanto eu como a minha colega, e as funções tanto são da parte técnica tudo o que é relatórios para tribunal, ofícios, tudo o que é necessário a nível de tribunal ou processos da CPCJ e depois o acompanhamento individual das miúdas, e faço também o papel de mãe e pai delas como qualquer técnica que está neste tipo de sítios.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.I: Sou a mais nova da equipa “tou” cá desde março deste ano, já tinha trabalhado noutro contexto mas num estágio de observação ainda no âmbito da licenciatura mas neste contexto mesmo só em março deste ano é que comecei.

**E: Em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?**

C.I: Todo o trabalho a nível de encarregada de educação, tudo o que é a ponte com as escolas sou eu e a minha colega, normalmente tentamos sempre estar as duas, somos as duas que fazemos parte da equipa técnica nas reuniões, mas cada uma de nós, nós temos 12 vagas e cada uma de nós tem 6 casos e dividimos mais ou menos e tentamos sempre “tar” principalmente nas nossas, mas quando podemos “tamos” em todas as reuniões esta articulação com a escola é uma das nossas funções. Depois a nível de acompanhamento com a maior parte delas tenho acompanhamento semanal a nível psicológico e há uma ou outra situação que temos quinzenal conforme a situação onde é ponderado sempre o plano de intervenção e o que é que são as necessidades de cada uma delas e depois intervenho em cada uma dessas áreas. Com elas é o que faço e depois toda a gestão da casa eu não “tou” como diretora técnica, tá a minha colega mas acabamos por dividir muito as tarefas e tudo o que é necessário comprar para elas e de ir ver de roupa, sapatos, de higiene.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.I: Eu acho que é muito bom só tenho a experiencia deste CAT como lhe disse mas aqui existe uma grande proximidade, chegam da escola a primeira coisa que fazem é nos cumprimentar e acho que isso transmite muito como é que nós funcionamos não é? A nossa porta do gabinete está sempre fechada mas “tá” sempre aberta pra elas e somos muito, muito próximas e acho que só assim é que nós conseguimos por limites,

transmitir o exemplo e de existir aqui muitos momentos de partilha, porque se não houvesse esta proximidade não conseguiríamos aqui manter esta relação tão próxima delas, se tivermos que sentar no sofá para vermos um filme vimos, se tivermos que ir com elas a determinado sitio ao médico ou que seja, nós também vamos e esta relação é muito transparente, ou seja nessas pequenas coisas é muito transparente aquilo que fazemos para a proximidade que temos com elas, temos que ajustar sempre, os jovens apesar de quererem mas nem sempre assume que querem o solinho, é claro que as mais novas procuram mais essa proximidade mais física mas tentamos ser muito próximas.

Nós conseguimos angariar porque a fundação não tinha forma estas férias às miúdas e fomos uma semana para a praia com elas todas, fui eu e a minha colega e mais duas funcionárias e acho que em poucas casas e acho que de forma negativa, não existe tanto esta proximidade e esta disponibilidade para irem com elas e acho foi fantástico e isto mostra a muita proximidade que nós temos com elas, e só assim é que faz sentido.

**E: Acha que a vêm como uma mãe, ou uma tia? Já a trataram assim?**

C.I: Não, podem atribuir aqui alguma figura de autoridade como mãe ou pai, obviamente que não me chamam assim nem é isso o suposto mas pode haver aqui alguma identificação neste sentido, porque apesar de sermos novas a nossa idade é muito próxima da delas mas conseguimos aqui impor autoridade e isso é que é suposto principalmente com as mais velhas, e não me fazem esta semelhança de irmã, mãe ou pai às vezes dizem, dizem que nós ainda por cima somos duas e mulheres, porque também só trabalham mulheres nesta casa, mas às vezes nós até brincamos quem é a mãe e quem é o pai, das duas técnicas. Elas tratam-nos a nós porque já é pratica da casa, fez me alguma confusão no início, agora percebo, tratam-nos a nós por doutoras, a equipa técnica, no início fazia-me confusão porque parece que quebra aqui muito e há uma grande distância entre elas, mas ao mesmo tempo o objetivo disto é que quando elas falam de nós na escola em qualquer contexto não “tão” a falar da coleguinha do lado, “tão” a falar de nós, que somos as pessoas responsáveis por elas, mas mesmo este nome não aqui uma distância, não! Até brincam às vezes e fazem diminutivos do meu nome e da minha colega para brincarem muitas vezes.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.I: Nós primeiramente discutimos entre nós, é verdade que nós estamos um bocadinho mais descuradas disso, mas isto porque o trabalho tem sido muito e tem sido

complicado, apesar delas todas exigem muito de nós e assim é que é suposto, e tem sido complicado de cumprirmos tudo à risca a nível de prazos e este ano letivo ainda não conseguimos por tudo em ordem, mas primeiro discutimos nós e pensamos em várias alternativas e depois então transmitimos a elas, obviamente que é uma discussão sempre aberta com elas. É aberto, e é muito bom elas também terem esta noção porque promove a responsabilidade delas, e a própria autonomia, identificarem também o que está menos bem, e o que é que gostariam de trabalhar.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.I: Sim, sim isto porque nós temos reuniões quinzenais com a equipa educativa e com as crianças temos uma vez por mês e nessas reuniões são sempre, é sempre dado esse feedback á equipa educativa para também terem noção do que é que podem contar, normalmente é, isso tipo de notícias, imagine às vezes há processos, imagine processo de adoção e sabemos com muito mais antecedência, já estava estipulada esta medida mas não se sabia quando, contamos primeiro à equipa educativa para estar preparada e depois contamos propriamente às crianças e jovens o que é suposto, normalmente jovens adotados não são muitos mas fazemos sempre neste registo, e claro que sim não sabem do papel, não é uma coisa formal mas a nível informal é claro que sabem e nos informamos isso. Aproveitamos esses momentos das reuniões para transmitir isso mesmo, se houver coisas que aconteçam durante essa quinzena nós também comunicamos à equipa. É discutido e falado com a equipa e também para ajudarmos aqui a nível de estratégias, com o que é que podemos contar, o que é que esperamos da própria equipa, para que a linha de trabalho seja igual entre todas não é? Seja a equipa técnica e a equipa educativa.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.I: Não lhe sei dizer... é muito um bocadinho caso a caso, ou seja nós vamos ter as reuniões com a segurança social de acompanhamento e depois temos também com a equipa da EMAT com o que vamos discutir daqui muitos aspetos dos processos delas, não lhe sei dizer com que regularidade, tentamos o máximo possível cada vez que existe uma alteração na vida delas e que é necessário aqui redefinir, mas não lhe consigo dizer um prazo de cumprimento. É consoante os processos delas, claro que assim que entram é logo definido e depois conforme as coisas foram correndo, e em todos os contextos escolares, familiares, tudo isto interfere.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.I: Nós tentamos ao máximo que seja o tribunal ou seja a CPCJ, onde poderão estar os processos ou num sítio ou noutra, que vão de acordo com aquilo que nós achamos, isto por uma razão, não depende de nós... que vão de acordo com aquilo que nós temos pensado, porque nós é que conhecemos a criança e o jovem, nós é que temos essa ligação e sabemos como é que elas funcionam na realidade não é? “Humm” até me perdi... ah, claro que a decisão final não nos compete sempre a nós, nos tentamos com a CPCJ, e conseguimos ter uma relação mais próxima não é? E decidir desculpe o termo, mas de igual para igual porque são técnicas, quando é questões de tribunal é mais difícil às vezes chegar ao Sr. Juiz ou a informação chegar ao procurador, por isso é muito importante que os relatórios vão muito bem fundamentados e explicados com tudo isto, mas achamos que habitualmente os projetos de vida estão bem delineados para as miúdas que temos aqui em casa, o que acontece é imagine nós podemos prever aqui uma saída de uma miúda daqui a 6 meses, para integração na família nuclear e o tribunal achar que deve ser mais cedo, mas nós também não podemos aqui alterar isso, se a decisão final é acima de nós, não podemos fazer nada, temos é de trabalhar ao máximo num curto espaço de tempo aquilo que tem de ser trabalhado.

**E: Como é feita a articulação com a família?**

C.I: Temos as visitas, tentamos sempre ao máximo ter o maior contacto com a família, ou via telefone, mesmo quando veem para cá para falarem connosco, e agora até estamos a desenvolver um projeto, que se chama “mais família” onde nós temos aqui quatro módulos onde trabalhamos com as famílias, desde as competências parentais, as questões relacionadas com a escola, as rotinas, e a parte dos apoios sociais, este projeto nós fazemos visitas domiciliárias às famílias cuja criança ou jovem irá integrar aquela família, ou seja, se o projeto de vida for adoção não vamos trabalhar com a família não é? É uma forma de nós darmos algumas competências, não quer dizer com isto que asseguremos que vai correr tudo bem quando a criança for, mas damos aqui algumas ferramentas e haver uma maior proximidade, porque só assim é que nós conseguimos que a família também perceba qual é o papel dela na vida da criança, tem de ir à escola, mas como, que rotinas é que tem de ter, que regras é que deve aplicar, que castigos, que consequências, que reforço positivo, quando e onde, isto é tudo muito importante e nós tentamos aqui esta proximidade.

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

EMAT – Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais

## **Transcrição da entrevista ao cuidador II**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.II: Sou auxiliar de serviços gerais.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.II: Já estou aqui há 11 anos. Sempre na mesma área. E aqui há 11.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.II: Aqui fazemos um pouco de tudo, tomamos conta das meninas, lavamos roupas, passamos roupas a ferro, fazemos limpeza da casa, a limpeza da casa “tá” toda por nossa conta também, e pronto é isso, fazemos também por exemplo, vamos à cozinha servimos os almoços, servimos os jantares, metemos loiças na máquina, fazemos um pouco de tudo, tudo o que pertence a uma casa, uma casa de família normal é o que nós fazemos aqui.

**E: E em relação às crianças e jovens tem funções mais específicas?**

C.II: Temos, temos atelieres para fazer com elas, fazemos muitas vezes, também saímos com elas, fazer caminhadas e coisas assim do género, quando é festas saímos às festas, quando há bailes, pelo exemplo pelo carnaval, pelas festas vamos com as meninas aos bailes para não “tarem” sempre metidas em casa.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.II: Boa, eu descrevo que é boa, eu acho que tenho uma boa relação com elas.

**E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?**

C.II: Eu acho que sou bem vista por elas, penso que sim... Acho que elas se dão bem comigo, não sei elas aqui não costumam chamar de mãe ou tia, mas acho que temos uma boa relação, tenho uma boa relação com elas e elas comigo. Acho que sim, acho que elas ficam felizes quando sabem que eu que venho, que vou entrar ao serviço, várias vezes já me têm perguntado, dona X amanhã é você? E eu digo que sim e elas dizem: boa! E ficam felizes, acho que sim, tenho uma boa relação com elas.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.II: Sim mais ou menos toda a equipa faz isso, todas ensinamos a fazer isto ou a fazer aquilo, apesar de haver meninas que às vezes não querem aprender, pronto, porque por vezes não querem, mas muitas vezes querem, portanto há umas que querem e outras que não. E todas temos mais ou menos essa função, ensinar e preparar para quando um dia saírem daqui, mas apesar de a gente saber que a nossa juventude de agora já não é a

mesma, mas não é só aqui na nossa casa, lá fora passa-se a mesma coisa, as meninas não querem aprender, mas no fundo vão vendo, elas vão vendo e no fundo elas quando saem daqui até vão fazendo alguma coisa e vão sabendo fazer um bocadinho com dificuldade mas pronto vão fazendo.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.II: Sim tem, acho que sim e acho que sim porque por vezes há meninas que estão cá e depois saem, ainda não há muito tempo, foi agora no fim de semana, há meninas que saem daqui e depois, quando saem não “tão” logo a telefonar ao fim de pouco tempo, mas ao fim de algum tempo quando nós pensamos que até elas já “tão” esquecidas e elas nos telefonam e lembram-se de coisas que nós lhes ensinámos, foi o caso que se passou agora domingo com uma menina que teve na casa, ela teve aqui muito tempo e ela telefonou que tinha saudades e disse-me que não telefonava há mais tempo porque não sabia do meu número, e por acaso naquele dia encontrou e ela contou que se lembra de muitas coisas que nós aqui lhe ensinávamos e que vai tentando fazer como nós lhe ensinávamos e que tá feliz e pronto e pediu para lhe telefonar também e pronto eu acho que sim que elas ficam com alguma coisa incutida.

### **Transcrição da entrevista ao cuidador III**

**Sexo:** Feminino

**E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?**

C.III: Eu sou assistente social e a diretora técnica da casa.

**E: Há quanto tempo desempenha funções nesta área?**

C.III: Nesta área, como assistente social de crianças e jovens, já fiz um estágio num lar de acolhimento em Lisboa de rapazes, já trabalhei em creches e jardim-de-infância e tudo mais, mas assim em instituição a primeira vez é aqui.

**E: Há quanto tempo está neste LIJ?**

C.III: Há dois anos, o primeiro ano estive como assistente social só, agora desde dezembro do ano passado, portanto quase um ano, que acumulei a função como diretora técnica.

**E: Quais as suas principais funções no LIJ?**

C.III: Eu costumo dizer que somos um bocadinho de tudo, porque em relação a diretora técnica tenho de gerir toda a equipa da casa, gerir toda a casa, tudo o que é tribunais e comissões de proteção de crianças e jovens que estão a meu cargo, ou seja, claro que a minha colega psicóloga também nos dividimos os casos, metade eu sou gestora de caso, metade a Liliana é gestora de caso, mas, como diretora técnica tenho que assegurar que tudo isso é cumprido dentro dos prazos e tudo mais, portanto os projetos de vida são definidos pela equipa técnica sendo que eu parece que sou duas pessoas, sou só uma mas faz de conta que sou duas, nos decidimos como equipa técnica mas enquanto diretora técnica o aval tem de ser meu, e garantir que as coisas funcionam e que a casa tem as condições ideais ou, nunca são ideais, para as crianças e jovens que estão cá estarem. Depois existe a outra parte, que sou tudo, portanto sou a brincalhona que faz as brincadeiras, que paramos e brincamos e jogamos ao uno, e bebemos cafezinho na cozinha com as mais pequeninas na cozinha delas, tudo isso, portanto existe aqui um papel de varias funções, é o que eu costumo dizer, aqui não há uma função existem várias, e as várias que nós podemos encontrar, como eu estava a dizer nós, como muitas delas não têm família que as possam visitar e tudo mais, por isso nos temos de ser um bocadinho isso, somos o colo (todas as pequenas quando chegam saltam-nos para o colo com beijinhos, beijinhos no pescoço, beijinhos na cara) e portanto isso faz parte das funções, faz parte daquilo e da forma como nos entregamos aqui à casa, que tem uma

vertente que não dá para desligar, isso não é possível, ainda à pouco estava a falar com uma funcionária que estava cá de serviço a dizer que realmente nós estamos de fim de semana mas estamos a pensar sempre “estão a fazer isto ou aquilo”, vou a uma loja e lembro-me “ah ela adorava isto”, portanto quer dizer isto tudo é natural, ou elas telefonam-nos ou mandam mensagem porque precisam de saber isto ou querem falar sobre aquilo, portanto é um trabalho que não dá para chegar a esta hora fechar a porta e toca a andar vamos para casa, não... nem pensar.

**E: E em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?**

C.III: A equipa técnica é encarregada de educação, quem é gestora de caso normalmente é encarregado de educação daquela criança ou jovem, neste caso jovens, e pronto, nós é que asseguramos tudo nas escolas, as reuniões, as festas, também vamos sempre as festas que existem na escola, tudo o que tem a ver com a escola é connosco, portanto a responsabilidade será sempre nossa, e a saúde também, por isso é que eu digo que é tudo, tudo o que faz parte da vida das crianças e jovens passa sempre por nós, sendo que as vezes podemos pedir ajuda aqui à equipa educativa, sendo algo que se possa delegar, como uma consulta mas conforme o teor dela, por exemplo uma consulta de psicologia alguma mais específica nos gostamos de ir sempre, e achamos que devemos estar presentes se for uma consulta de rotina, ou dentista, nos até vamos mas até pode ser a equipa educativa.

**E: Que tipo de relação mantém com os residentes?**

C.III: Olhe, uma relação de uma grande proximidade, quando a minha colega veio para cá, que ela está cá há menos tempo que eu, e que já tinha estado noutra CAT, penso que foi num CAT que ela esteve, dizia que isso só aqui é que acontece esta relação de proximidade, porque realmente sim, nos somos as doutoras como elas dizem, mas somos aquelas em quem elas confiam, com quem choram, com quem riem, com quem fazemos palhaçada, com quem brincamos, com quem falamos do namorado, com quem falamos do sofrimento que estão a passar, portanto existe tudo, existe tudo, uma relação de grande proximidade eu acho, e penso que elas confiam em nos também para isso, é como eu costumo dizer, esta porta está fechada porque tem de estar fechada porque às vezes estou ao telefone e realmente não podem estar a entrar e a sair, mas faz de conta que está sempre aberta, porque têm livre acesso.

**E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?**

C.III: Sim, nos definimos e temos sempre em consideração até às vezes as mínimas coisas, imaginemos estamos a fazer um relatório que temos de enviar para tribunal sobre aquela criança, muitas vezes paramos para pensar com ela, o que ela quer, é muito importante para nós sabermos o que ela pensa sobre o seu projeto de vida, o projeto de vida... a vida é delas, portanto não faz sentido que eu o defina sozinha e que nem lhe dê como se costuma dizer cavaco de nada, não, nós aqui definimos sempre com elas, claro que há decisões que temos de ser nós a tomar, mas ela sabe o porquê, nos explicamos sempre o porquê, quer dizer, pode acontecer até que, por exemplo agora estou aqui a lembrar de um caso, o projeto de vida era a reintegração num agregado familiar da mãe, isto teve uma alteração que até a própria jovem nos disse “não, eu não estou preparada para ir para a minha mãe, eu acho que faria mais sentido com a minha irmã” pronto e nós avaliámos percebemos as razões dela, porque até aquela data não tínhamos percebido que havia ali, pronto, uns aspetos que as coisas podiam não correr tão bem, e ela realmente tem essa abertura conosco “oiçam lá “tamos” a ir por aqui, mas afinal não, não é isto que eu quero” portanto existe abertura a nós conversamos sempre, atenção é isto, isto, isto, definimos bem os pontos a serem trabalhados com cada uma, elas sabem perfeitamente, por exemplo como temos as pequenas e as grandes quer dizer não e trabalha as mesmas coisas, elas têm tarefas aqui, nós aqui tentamos trabalhar muito a autonomia delas, porque a maior parte delas, mesmo que regressem para casa de familiares ou qualquer coisa, quer dizer é importante terem esta autonomia trabalhada porque são famílias que à partida tiveram um período de desorganização e quanto mais estas crianças e jovens forem preparadas para uma autonomia melhor, mais preparadas para a vida estão. Portanto muitas vezes atribuímos aqui várias tarefas para elas, por exemplo ao domingo quem cozinha são as mais velhas, são grupos de mais velhas também para preparar isto, elas gostam porque também é a maneira se servirem a refeição e tudo mais, depois há outras coisas que elas não gostam tanto como o passar a ferro ou ao fim de semana são elas que passam a roupa delas, a limpeza dos quartos, tudo mais que é feita também pela funcionária mas que também é feita por elas, tudo isto é trabalhado e elas sabem o porquê, elas sabem que é para se preparem para isto, às vezes por exemplo a partir dos 18 já existem várias tarefas que são elas que fazem

sozinhas, o ir ao centro de saúde, tem que ir levar uma vacina vão sozinhas, portanto uma mesada, tudo mais.

**E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?**

C.III: Sim, sim, sim. Nós fazemos reuniões quinzenais, desde que eu estou como diretora técnica desta casa que considerei importante que estas reuniões estivessem marcadas, portanto em janeiro do ano passado eu marquei todas as reuniões até ao final do ano, de 15 em 15 dias há uma reunião, salvo rara exceção, raríssimas, acho que aconteceu uma ou duas vezes que não houve reunião, porque fomos chamadas de outro lado, uma reunião de emergência, mas de resto não, nós reunimo-nos sempre a equipa técnica e a equipa educativa, falamos sobre os diversos casos, “como é que está esta criança agora, está a adaptar-se bem a esta nova realidade, não está, vamos trabalhar então isto, é importante ter mais atenção a isto” elas dando o feedback, são as primeiras que nos dão aqui as orientações, aqui muitas vezes necessárias e também estão muito tempo com elas. Portanto é muito importante este feedback de um lado e de outro e têm perfeita consciência daquilo que estamos a trabalhar, e quer dizer, estamos regularmente em conversa sobre cada caso, mesmo no dia-a-dia, todos os dias. Acontece sempre o falarmos sobre, ou termos atenção ela está a passar por um período pior, ou aconteceu isto...porque há motivos externos.

**E: Com que regularidade o PSEI é revisto?**

C.III: Quer dizer... pronto, existem sempre prazos para estar sempre tudo feito, agora na prática conforme cada caso, é conforme as alterações, ah esta jovem de repente diz “não, existe... o meu projeto de vida não pode ir por aqui, eu acho que deve ir por aqui” e isto vai parar, espera não vamos seguir aquilo até ao fim, que já tínhamos programado exatamente porque existe aqui uma alteração. Ou até por exemplo existe situações em que as jovens possam ficar em casa e não irem mais à escola por decisão do tribunal, porque chumbaram por faltas, por qualquer coisa assim, e então temos de readaptar tudo, se antes tínhamos um plano de formação a nível escolar passamos a ter um plano de formação cá em casa, isto é fundamental estar em constante mudança sempre que necessário, não é possível nós definirmos uma coisa para um ano, ou para seis meses, que é que é suposto não é, temos que o definir conforme as necessidades, por exemplo temos aqui a mais nova das mais velhas tem 12 anos, existe diversas coisas que quando veio para cá não fazia, entretanto foi adquirindo competências, e sim já faz sentido que cozinhe com as outras, tem a mesma responsabilidade, assim estamos a perceber, não,

estás na altura certa “bora” lá, não vamos esperar que tínhamos definido até Janeiro não ias fazer, não podemos estar à espera as vezes existem momentos certos para o fazer, e se perdemos esse momento perdemos aqui vários meses.

**E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?**

C.III: Eu acho que é importantíssimo nós termos definido o que nos estamos a trabalhar, porque se nós simplesmente estamos aqui para dar comer, dar banho, e dar roupinha, pois não, não estamos a caminhar no sentido certo, não é, portanto é muito importante e eu com a Liliana Psicóloga paramos varias vezes, às vezes uma vez por semana, as vezes duas vezes por semana, também conforme as situações, mas paramos e pensamos, “calma!, O que é que tu estás a trabalhar com ela? É isto, isto e isto. Como é que tá a correr? Está a correr desta forma então vamos...muito bem não está a correr bem por isto assim, assim, então vamos tentar por aqui, tenho reparado que ela anda assim, se calhar é importante começamos a trabalhar isto... portanto eu acho que é muito importante quem está a trabalhar com crianças e jovens ter bem definido o que tá a trabalhar, porque não podemos só dizer que estamos aqui a passar o tempo, nós somos técnicas, portanto nos temos de saber muito bem para onde é o caminho, porque se nós não soubermos muito menos elas o vão saber, e às vezes é isso que é importante, para onde é a direção, elas muitas vezes mostram-nos a nós e nós mostramos a elas, as vezes questionam “mas porque é que eu tenho de fazer isto?! Então vamos lá pensar outra vez, vamos lá outra vez, então porque tu achas... ah pois é porque tem aquilo” elas próprias chegam a este caminho e cada uma delas tem a consciência do que é que será o futuro, muitas vezes até nem sabem identificar, mas connosco e elas têm muitas reservas as vezes os professores dizem-nos isso tem muitas reservas as vezes em elas dizerem, por exemplo aqui no gabinete que é com quem elas sentem mais confiança, por exemplo noutro dia ligaram da escola porque apanharam o telemóvel de uma na mala e ela não queria entregar e dizia que só mo entregava a mim, pronto eu tive que lhe explicar que não, porque se tinha sido na escola ela não podia dar-me o telemóvel a mim “mas eu só o entrego a si, não o entrego a mais ninguém!” tive de explicar “não, não pode ser, tas na escola, é na escola que tem de ser resolvida a questão” pronto, as coisas acalmam, elas têm muitas reservas as vezes em falar com quem vem de fora, porque “não conhece o caso não tem nada a ver com a minha vida, você é que sabe da minha vida”, pronto, e à muitas que estão cansadas de contar a historia de vida, cansadas... nós aqui optamos quando é o acolhimento por não fazer grandes perguntas sobre a historia de vida,

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

esperar que sejam elas a querer conversar. Temos aqui uma criança que já passou por 5 instituições, e por 4 casas de abrigo, portanto é uma loucura, é uma violência, “agora queres saber outra vez a minha história de vida? Tá bem...quase que tem aquilo para debitar. E elas têm muito esta noção, muitas vezes dizem “mas elas não mandam na minha vida, você é que tem a responsabilidade” ”está bem querida, mas também há outras pessoas que têm responsabilidades por ti noutras áreas, e têm não é? O médico tem a responsabilidade pela tua saúde, a escola pela escola” quer dizer tudo isso é importante, portanto eu acho claro que sim ter definido muito bem o que é, qual é o PSEI, qual é o projeto de vida desta criança, desta jovem neste caso, para se poder trabalhar, e também avaliarmos aquilo que se está a construir se foi no caminho certo ou não, ou se aquilo que fizemos foi correto ou não, porque é que correu mal?, porque é que o nosso caminho era este e de repente desviamos-nos completamente sem nos apercebermos não é, isto é fundamental pararmos e pensarmos e avaliarmos, não pode se levar tudo a eito, porque ai estamos a lidar com maquinas e não com pessoas, porque as maquinas funcionam assim “estas a trabalhar ON, OFF está desligado tudo bem, por isso mesmo, não é entrarem-me aqui no gabinete “ah eu afinal não quero” não “ afinal não queres porquê? Vamos lá refletir sobre isto. Amanhã, continuas a pensar da mesma maneira? Daqui a uma semana? Continua” então depois vamos tomar uma decisão, não pode ser (estalo com os dedos) de momento, porque então estávamos igual a elas, ai eramos adolescentes tal e qual como elas, mas não, mas quer dizer à um à vontade delas mesmo que esteja definido por tribunal que é para irem passar todos os fins de semana imaginemos a casa de familiares ou qualquer coisa, e se à uma que nos diz “não, eu não quero porque no ultimo fim de semana aconteceu isto e eu não me senti bem” então elas sabem que não vão, que é importante para nós manter aqui, e elas sabem que a principal coisa que nós queremos é protege-las, se à alguma coisa um desconforto, então temos que avaliar muito bem não é porque o tribunal definiu que vais todos os fins de semana que vais mesmo, então ai não vai e eu mando uma informação a dizer que não foi, quer dizer, e à esta abertura, perfeitamente esta abertura de que sim, de que não, os tribunais são acessíveis, são. Alguns são menos mas nós também somos muito insistentes e então eles respondem, mas claro é como em todo lado, há tribunais a funcionar bem, há tribunais a funcionar mal, e nós aqui como estamos com os casos que não são só daqui do distrito, podem ser de vários sítios do país, portanto, acontece muito isso, temos

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens  
institucionalizados

Elvas, temos Évora, Estremoz, temos Vila Viçosa, portanto lidamos com vários, mas sim, regra geral acaba por ser bons.

## ANEXO 4 – ANÁLISE DE CONTEÚDO COMPLETA

### LIJ NA ZONA LITORAL URBANA

#### Jovem I

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.I: “Ham” é sim, é mais ou menos boa, mas pronto.” (Linha 19)
	Confiança	<b>E: Mas são pessoas que tu sentes que podes confiar?</b> J.I: “Sim. Sim.” (Linha 20)
	Educador de referência	<b>E: Dás-te bem com eles, mais com algum em especial? (Fica um pouco retraída...) Não precisas de dizer nomes.</b> J.I: “Mais algum especial, “qué” a minha educadora de referência.” (Linha 22)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Diz-me uma coisa, sabes o que é o PSEI? Ou o teu Projeto de Vida? Fizeste o teu PSEI com o teu educador de referência?</b> J.I: “Como não me lembro, acho que não.” (Linha 33)
	Realização	<b>E: Lembraste se fizeste algo parecido?</b> J.I: “Sim... Acho que sim, acho que me lembro.” (Linha 44)
	Importância/Competências	<b>E: Em que é que achas que te vai ajudar?</b> J.I: “Hum”, a ter uma vida nova, a arranjar trabalho, a arranjar emprego, e ter uma casa também.” (Linha 76)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Futuro	<b>E: Então achas que o apoio que te dão aqui vai ser útil no futuro?</b> J.I: “Sim vai ser.” (Linha 79)
LII/Adultos	Opinião	<b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b> J.I: “Hum.... Acho que sim, porque eles são uns magníficos, nos ajudam sempre, sempre estão cá, “tão” sempre aqui a ajudar-nos acho que com eles vamos conseguir sempre, conseguimos ter uma boa formação, “hum” “pa” nós termos o nosso futuro quando lá fora conseguimos ter a nossa vida, a nossa casa, termos um emprego. Acho “qu’eles” tão a fazer muito bem por nós, eles querem só o nosso bem também, e... acho que sim que tão muito bem.” (Linha 81)

**Jovem II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Relação	<p><b>E: Diz-me uma coisa, como é a relação que tens com esses adultos?</b>                      J.II: (Silêncio) ”normal” (Silêncio).</p> <p><b>E: Mas dás-te bem, assim-assim, existem pessoas com que tens mais afinidade?</b>                      J.II: “Assim-assim.” (Linha 13)</p>
	Educador de referência	<p><b>E: Tens alguma educadora de referência?</b>                      J.II: “Sim.</p> <p><b>E: Estás com ela desde que entraste aqui?</b>                      J.II: Sim.</p> <p><b>E: E como é a relação com ela?</b>                      J.II: Oh... às vezes pronto...temos discussões mas é normal né?” (Linha 17)</p>
	Confiança	<p><b>E: Sentes que podes confiar nos adultos?</b>                      J.II: “Por vezes sim, por vezes não.</p> <p><b>E: Dá-me algum exemplo do porquê de às vezes não</b>                      J.II: Oh! Mais das minhas coisas intimas, não me sinto muito confiante “pa” falar disso com eles.” (Linha 27)</p>
PSEI	Conhecimento	<p><b>E: Sabes o que é o PSEI ou um Projeto de vida?</b>                      J.II: (Abana a cabeça negativamente).” (Linha 32)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Realização	<p><b>E: Fizeste algum plano destes quando entraste?</b>                      J.II: “Ainda não fiz mas vou fazer.” (Linha 42)</p>
	Competências	<p><b>E: Quais as competências, os objetivos que gostavas de colocar neste plano</b>                      J.II: “Oh! Ter uma vida normal, ter a minha própria casa, não depender das outras pessoas.  <b>E: Achas que este plano poderá ser útil para quando saíres do lar?</b>                      J.II: Sim.” (Linha 44)</p>
	Futuro	<p><b>E: E achas que estas tarefas te vão preparar para quando saíres daqui?</b>                      J.II: (silêncio) “Pa” ser sincera já sabia tudo o que elas puseram como tarefas mas pronto.  <b>E: Mas achas que serão úteis para o teu futuro?</b>                      J.II: Como é obvio que sim.” (Linha 55)</p>
LII/Adultos	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer, em relação à instituição ou à tua relação com os adultos?</b>                      J.II: “Oh, eu nunca tive numa instituição é um bocado difícil, há sempre uma primeira vez “pa” tudo.  <b>E: E o que é que estás a sentir?</b>                      J.II: Quando entrei para a casa X (nome da casa) foi muito difícil de aceitar que vinha “pa” uma instituição mas... com o tempo habitua-se.” (Linha 65)</p>

**Jovem III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Relação	<p><b>E: Quais as funções dos adultos que achas mais relevante?</b>                      J.III: “É o apoio que nos dão naquilo que queremos alcançar.  <b>E: Estás a falar só do teu educador de referência ou de todos?</b>                      J.III: Eu acho que todos fazem isso.  <b>E: Como é a tua relação com os adultos da casa?</b>                      J.III: É razoável temos os nossos altos e baixos normalmente né? Mas é tranquilo.”                      (Linha 11)</p>
	Educador de referência	<p><b>E: Há algum adulto com quem te dás melhor?</b>                      J.III: “Sim há o meu educador mesmo.  <b>E: Está contigo há muito tempo?</b>                      J.III: Ele está aqui desde os meus 12 anos.  <b>E: E com os outros educadores?</b>                      J.III: Não é igual.  <b>E: O que é que o teu educador representa para ti?</b>                      J.III: Como se fosse um outro amigo, é assim tipo um amigo mais velho, aquele outro apoio.” (Linha 17)</p>
PSEI	Conhecimento	<p><b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b></p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		J.III: “Não, nunca tinha ouvido falar.” (Linha 26)
	Realização	<b>E: Após a explicação achas que fizeste?</b> J.III: “Algumas atividades sim.” (Linha 37)
	Ensinamentos	<b>E: E isso também achas que foi útil?</b> J.III: “Claro é melhor “pa” tipo...não ser “pa” toda a gente, tipo pessoas que nós não conhecemos. <b>E: E achas que esses ensinamentos foram úteis só aqui em casa ou para daqui em diante?</b> J.III: Não, é “pá” vida.” (Linha 52)
	Estratégias	<b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam aqui em casa para vos preparar para o futuro, como por exemplo essas atividades que acabámos de falar?</b> J.III: “Claro, “tão” vai me ajudar tipo, a passar a mensagem ao próximo, exemplo se um dia for pai vai me ajudar a tipo... ensinar, dar, passar essa mensagem deles “pa” o mais novo.” (Linha 58)

**Cuidador I**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adulto	Cargo	C.I: “Eu sou auxiliar de ação educativa, mas estamos como educadoras de referência” (Linha 3)
	Funções	“Somos educadoras de referência de algumas jovens, pronto são distribuídas os jovens pelo numero de adultos e somos responsáveis pela, pelo percurso delas aqui dentro, tratamos de tudo, a nível da saúde, da escola, da... tudo o que elas tem de fazer tem de vir ter connosco para falar e para e para ter autorizações e pronto.” (Linha 4) <b>E: Quais as suas principais funções no LIJ? Já me falou da educação da higiene quer explicar melhor?</b> C.I: “É... é... como se faz em casa, é como se estivéssemos em casa, o que fazemos com os nossos filhos fazemos com eles, e ... tentar dar o melhor de nós para que eles se sintam seguros, vamos às reuniões da escola.” (Linha 18)
	Educador de referência	<b>E: São os encarregados de educação certo?</b> “Exatamente, somos a pessoa de referência cá dentro para eles, embora os outros educadores também desempenhem as mesmas funções.” (Linha 23)
	Distinção entre crianças ou	<b>E: Que tipo de relação mantém com os residentes? Pode haver diferença entre a</b>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	jovens	<b>relação que tem com os 4 jovens que tem a seu cargo em relação aos outros?</b> C.I: “A única diferença é das papeladas que nós tratamos e das autorizações e dessas coisas todas.” (Linha 30)
	Relação	C.I: “É uma relação próxima como todas elas, acaba por ser até porque temos mais empatia com uns do que com outros, evidentemente não se faz distinções mas há, mas portanto acaba por ser com todos.” (Linha 35)
PSEI	Elaboração	<b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b> C.I: “Sim a criança e o técnico.” (Linha 38)
	Importância	<b>E: Considera produtivo para a criança e para o educador?</b> C.I: “É, é, porque é importante nós estarmos a par das coisas que eles vão alcançando ao longo que aqui estão e eles quando entram.... Imagine não sabem fazer uma cama, não é? Nós vamos trabalhar ali aquilo com eles para eles começarem a ter noção que tem de fazer a cama, e como se faz a cama, e se calhar a primeira semana fazemos a cama com elas, pronto na semana a seguir são elas que fazem sozinhas é uma coisa alcançada não é? E com tudo não é? A nível de relacionamentos com os pais, com os adultos, e isso é tudo avaliado, no início, passado um mês de elas cá estarem. Há um mês de adaptação, passado um mês faz-se o primeiro diagnóstico ou o primeiro PSEI e depois vimos o que é que há mais a trabalhar, o que é que ela consegue fazer o que não consegue, o que é que temos de trabalhar com ela e a partir daí começamos a

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		trabalhar os aspetos que estão menos...(pausa).” (Linha 43)
	Conhecimento	<p><b>E: A criança ou jovem tem sempre conhecimento do seu PSEI?</b></p> <p>C.I: “Tem, tem, tem, é ele que, que preenche praticamente, ele é que diz o que é que consegue o que é que não consegue, onde é que sente mais dificuldade, em que área é que sente mais dificuldades, e depois nós ou concordamos ou não concordamos e falamos não é? Por isso é que é feito a 3, o técnico, o educador e o jovem.” (Linha 58)</p>
	Revisão	<p><b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b></p> <p>C.I: “Pois... é isso também um bocadinho...é... ainda estão a ser trabalhados, a ser revistos, porque aquilo não é muito prático. Mas é suposto que seja “comó”,” comó” o ano escolar não é? Tipo de 3 em 3 meses ou de 4 em 4 meses. Acho que é isso que é suposto que vá acontecer agora.” (Linha 63)</p>
	Acesso da equipa	<p><b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento do PSEI de cada jovem?</b></p> <p>C.I: “Temos.” (Linha 70)</p>
Projeto de vida	Futuro	<p><b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b></p> <p>C.I: “Muita! E é uma coisa que eles acabam por não pensar muito enquanto estão aqui não é? Mas depois quando saem... (risos) dão valor, mas tem muita importância por quer dizer, todos temos de pensar um bocadinho o que é que vamos fazer amanhã, e eles tem que ser muito apoiados nesse aspeto e é o que nós tentamos fazer e conversar com eles, quais são as ideias, o que é que eles gostavam, não gostavam, “ahh” porque pronto eles de hoje para amanhã saem daqui e tão... e têm que se virar.” (Linha 74)</p>

**Cuidador II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adulto	Cargo	<p><b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b></p> <p>C.II: “Comecei, é, é a primeira vez que o lar tem esta função de coordenação e eu fui educadora durante 2 anos e meio e agora “tu” a cumprir funções como coordenadora da equipa educativa, portanto é uma nova função na casa, “tá” a ser tudo muito novo ainda.” (Linha 2)</p>
	Funções relativas às crianças e jovens	<p>C.II: “Eu gosto é aquilo que envolve os miúdos portanto e é aqui assegurar que os PSEI’S estejam bem orientados portanto tenho o apoio também da estagiária de psicomotricidade que está com essa função definida e eu dou um apoio, e asseguro que os PSEI’S são, são construídos são assegurados que ...são avaliados, “hum” e que sejam obviamente implementados não é? Em concordância com o que o educador de referência e o técnico têm relativamente a determinada cada criança...” (Linha 20)</p> <p><b>E: E em relação às crianças e jovens quais são as suas funções? Ainda consegue ter tempo para estar com eles?</b></p> <p>C.II: “Não, consigo porque o meu horário está dividido em trabalho técnico e trabalho direto nos “timings” mais difíceis que é horas de estudo que eu estou a assegurar,</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		“tou” a assegurar a parte do estudo precisamente pela formação que eu também tenho e “tou” a assegurar a hora de estudo” (Linha 46)
	Funções relativas à equipa	<p>C.II: “Eu asseguro o horário da equipa, portanto faço a gestão dos 10 elementos que tenho na equipa, isto tira-me muito do meu tempo, portanto é a parte “maisssss”, é a parte do trabalho que eu não tenho tanto prazer em fazer” (Linha 17)</p> <p>“o meu trabalho também passa por e essencialmente trabalhar em equipa de educadores que é realmente aquilo que mexe aqui um bocado não é? portanto a questão de trabalhar em equipa como elemento construtivo e que assegura , assegurar que eles cumprem as funções a que são destinados e trabalhar em equipa como num todo, portanto há muitos problemas que existem em qualquer equipa, por isso é trabalhar estas questões de conflitos e de...” (Linha 25)</p> <p>C.II: “Exatamente, são pessoas diferentes, com formações completamente diferentes e díspares e então eu tenho que assegurar que as coisas funcionam, “hummm” faço este balanço, faço esta ponte entre a equipa educativa e a informação passa da equipa educativa para a direção neste caso para a X (nome da diretora técnica da casa),” (Linha 32)</p>
	Projetos	“Iniciei o ano passado um projeto que é o “projeto da caminhada” que é uma adaptação do projeto de escalada da fundação António Luís de Oliveira, apliquei aqui o ano passado e funcionou e correu muito bem e agora vai começar nesta 4ª feira a segunda, portanto a versão da caminhada...” (Linha 51)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Relação	<p><b>E: Que tipo de relação mantém com os residentes?</b></p> <p>C.II: “É muito próxima, é muito próxima e para mim não me faz sentido que seja o contrário, portanto, na verdade se eu fui educadora agora “tou” aqui, eu vivo isto completamente não é? Porque é muito difícil fazer até uma separação que é, devia ser necessária fazer, mas isto mexe emocionalmente com qualquer pessoa “eeee”, eu vivo muito todas as, todos os problemas destes miúdos, tudo, tudo” (Linha 68)</p>
PSEI	Realização	<p><b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b></p> <p>C.II: “Sim, após a entrada na instituição faz-se um levantamento de algumas informações da criança com base em alguns documentos que estão, “hummm”, que são orientados pela Segurança Social, ficheiros que já estão pré-construídos em que o educador que vai ficar com esta criança, portanto, o educador de referencia, vai tirando esses dados , ainda leva algum tempo a tirar esses dados , a informação e aqui tamos a falar em duas coisas, portanto o PSEI “hummm”, estes são alguns diagnósticos que se fazem quando a criança entra , o PSEI é... pretende-se logo , para se fazer um PSEI precisa-se de conhecer a criança não é? Portanto e aquilo que ele, portanto,” eeeee” e há aqui muitos dados que precisam de ser, de serem em cima da mesa para se poder fazer não é? Portanto a nós faz-nos sentido a construção de um PSEI quando uma criança entra, passado 2, 3 meses “hummm”, mesmo que isso mexa um bocado com o calendário que nós temos pré-definidos para a construção e implementação e</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		avaliação dos PSEI'S “hummm”, portanto, é isso.” (Linha 83)
	Acesso da equipa	<b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?</b> C.II: “Está, está acessível se bem que quando eu cá cheguei esta questão dos PSEI'S estava muito pouco trabalhada, “hummm”, não estavam a ser construídos PSEI'S, pronto, havia aqui uma falha, que não, não há um erro específico de alguém, dos técnicos ou direção que seja, mas é como é óbvio, há tanta coisa para se resolver e muita coisa ficou...pronto.” (Linha 98)
	Revisão	<b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b> C.II: “De 3 em 3 meses. <b>E: E é feito em conjunto com o jovem?</b> C.II: Não se fez, mas é o que se pretende, é fazer precisamente com o educador de referência, com a criança e com o técnico. “ (Linha 121)
Projeto de vida	Futuro	<b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b> C.II: “Para mim faz todo o sentido que a criança ou jovem tenha noção que estão ou estão... que existem pessoas envolvidas “hummm”, no seu projeto de vida e que, muita coisa se está a construir para o seu futuro e que a criança não tenha noção disto, eu acho que é grave.” (Linha 126)
	Participação das crianças e jovens	“Ele tem de ser participativo, tem que ter noção do que é que está a ser feito, “hummm”, desde as coisas mais pequenas aos assuntos mais sérios, acho que faz parte,

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>obviamente tendo em conta a idade da criança “humm”, para mim, faz todo o sentido que isto aconteça acho que é o ideal que todos os lares devam ter o projeto de vida organizados e estipulados e projetados e que os educadores tenham um papel fundamental, não só os técnicos mas também os educadores e que todos os outros educadores, mesmo que não sejam de referência, tenham noção do que é trabalhado para a criança, para todos terem, para saberem exatamente o que se pretende, e ajudar a criança nessa perspetiva.” (Linha 130)</p>
--	--	---

**Cuidador III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adulto	Cargo	C.III: “Eu sou estagiária de reabilitação psicomotora” (Linha 3)
	Apoio equipa educativa	“um trabalho mais de apoio à equipa educativa em que estou com os miúdos nas rotinas deles, no dia-a-dia e faço o apoio na questão da higiene, das refeições, da hora de estudo” (Linha 8)
	Apoio equipa técnica	“e tenho também o apoio à equipa técnica que estou precisamente responsável pela definição e elaboração dos PSEI’S com os educadores de referência e com os técnicos de cada criança e jovem” (Linha 10)
	Crianças e jovens	C.III: “Sim de uma maneira geral, tentar manter o equilíbrio e o equilíbrio social e socio afetivo deles” (Linha 33)
	Relação	C.III: “Já é muito próxima, e isso consegue-se facilmente não digo que seja logo na primeira semana como é obvio mas, é muito fácil ficar próxima destes miúdos, sim, e depois ganha-se uma proximidade e uma afetividade muito grande sim, e é reciproca porque sinto muito isso também e procuram, e nós a certa altura é um bocado difícil desligar o que também se torna mau quando eles saem, ou quando nós saímos.” (Linha 39)
PSEI	Organização	C.III: “Ok, neste momento nós tínhamos, usávamos um formulário que estamos a

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		tentar readaptar vá lá porque ele tava um pouco descritivo na fase inicial e depois temos, os PSEI'S que estão organizados em duas partes, uma parte mais de caracterização da criança, e uma parte dos projetos propriamente ditos que nós queremos desenvolver com essa criança ou jovem, “ahhh” neste momento estamos a tentar então que haja uma uniformidade aqui na fundação, que nós temos dois lares não é? Então que haja uma uniformidade nesse formulário para conseguir que os projetos sejam concretizáveis e mais facilmente avaliados para que haja uma avaliação também mais recorrente dos mesmos” (Linha 20)
	Realização	<b>E: É sempre feito com a criança ou jovem certo?</b> C.III: “Bem nos mais pequeninos é mais difícil não é? Mas tenta-se que seja sim. Essa ficha só começamos a usar o ano passado foi ideia até da coordenadora da equipa e lá está, dar uma forma e não ser só conversa os miúdos é que escreveram mesmo e tivemos respostas muito interessantes que às vezes oralmente é mais difícil e eles escreveram as dificuldades que sentiam e foi muito interessante ver isso porque também, vamos nós definir, nós achamos que é aquela dificuldade da criança, mas se calhar para ele não é aquilo que é mais importante e que ele sente mais falta no dia-a-dia então, vamos tentar balançar isso.” (Linha 60)
	Acesso da equipa	C.III: “Sim, sim nós o ano passado ainda tentámos que as reuniões de equipa debatêssemos, porque pronto o educador de referência é que discutia diretamente com o técnico “aahh” o que é que ia trabalhar depois tentámos em reunião também que

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		todos os educadores soubessem por alto o que é que se ia trabalhar com essa criança ou jovem e entretanto também ficaram disponíveis em formato de papel no dossier na sala de equipa educativa para que quem quisesse dar uma vista de olhos.” (Linha 70)
	Revisão	C.III: “Pronto idealmente era trimestralmente, não se tá a conseguir com todos mas era esse o objetivo e coincidia também com os períodos escolares, o primeiro período, segundo período e terceiro para dar também...” (Linha 77)
	Individualismo	“mas os PSEI’S são uma forma de eles terem o espaço deles e que se trabalhe especificamente o que eles precisam já que não tem um pai ou uma mãe que olhem para essa criança, então têm uma equipa que “tá” focada nas necessidades deles por isso é que é fundamental que seja organizado e definido com.... Mas que não seja um coisa obrigatória e que se faça por obrigatoriedade eu acho que devia ser uma coisa, ou mesmo que não seja só para preencher um papel, eu acho que tem mesmo que ser pensado como cada miúdo, não sei se posso apontar isso como uma falha mas é uma dificuldade ainda... que se tenha tempo para pensar em cada miúdo, o que é que vamos fazer com este miúdo? mas acho que está a ser feito um esforço pelo menos aqui em casa está.” (Linha 88)

**LIJ ZONA LITORAL RURAL**

**Jovem I**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Afinidade	<b>E: Há alguém com quem te dê melhor?</b> J.I: “Sim, tão é uma das educadoras que pronto, dá mais atenção às meninas mas que agora neste momento, tá grávida e saiu. Depois há várias que eu também gosto mas não é assim...” (Linha 20)
	Referencia	<b>E: O que é que por exemplo a educadora que me falaste agora representa para ti?</b> J.I: “Ela... (silêncio) dá-nos muito carinho e... presta atenção e depois “hummm” alguma coisa que eu queira desabar ela vem “pa” um sítio connosco e fala connosco e percebe-nos e ajuda-nos e acho que ela, ela é a que mais percebe e mais nos ouve. <b>E: É muito importante para ti?</b> J.I: “É! (grande sorriso)” (Linha 24)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b> J.I: Não “tou” a ver.” Linha 30
	Realização	<b>E: Lembraste se fizeste algo parecido?</b> J.I: “Não me lembro de ter feito.” (Linha 40)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Importância das estratégias	<b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?</b> J.I: “É para aprender por exemplo a lavar a loiça, a cozinhar, tudo.” (Linha 52)
	Futuro	<b>E: Por exemplo achas útil um apoio na gestão do dinheiro?</b> J.I: “Sim... elas ensinam-nos a gerir o dinheiro e várias coisas que são importantes para o futuro. <b>E: Achas que te dão apoio necessário?</b> J.I: Sim.” (Linha 47)

**Jovem II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Funções	<b>E: Quais as funções que desempenham? Por exemplo da tua educadora.</b> J.II: “Ah sim, a J. (educadora) ajuda-me sempre nos trabalhos de casa, problemas que a gente tenha, é muito protetora da gente.” (Linha 9)
	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.II: “Ainda não é muito próxima. <b>E: Porque é que achas que ainda não é muito?</b> J.II: Porque...sei lá! “Tamos” sempre... eu sou uma menina que “tou” sempre a gritar, a brincar, e elas de vez em quando começam a gritar muito e irritam-se e pronto...” (Linha 14)
	Educadora	<b>E: Em relação à tua educadora, o que é que sentes em relação a ela?</b> J.II: “Uma amizade muito grande, ela apoia-me em tudo.” (Linha 22)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b> J.II: “Não.” Linha 26
	Realização	<b>E: Lembraste se fizeste algo parecido?</b> J.II: “Sim, fiz no primeiro mês cá em casa. <b>E: Fizeste em conjunto com quem?</b> J.II: Com a A. é a psicóloga.” (Linha 36)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Estratégias	<p><b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?</b></p> <p>J.II: “Sim.</p> <p><b>E: O que é que consideras mais importante?</b></p> <p>J.II: “É ajudarmo-nos umas às outras e darmos-nos todas bem.” (Linha 47)</p>
LIJ	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer?</b></p> <p>J.II: “Não reclamarem tanto com a gente...</p> <p><b>E: Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b></p> <p>J.II: Que estes 6 meses que eu tenho “tado” cá tem sido os 6 meses melhores da minha vida, elas apoiam-me muito, a J. (educadora) para mim é uma segunda mãe.</p> <p><b>E: E algo que aprendeste aqui?</b></p> <p>J.II: Conseguir concentrar-me coisa que nunca consegui, “tar” a dar-me bem com toda a gente, eu “tava” ao pé de uma pessoa muito tempo e começava a brigar, a bater as pessoas, agora já “tou” mais calma.” (Linha 52)</p>

**Jovem III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.III: “Dou-me bem com elas.” Linha 19
	Proximidade	<b>E: Achas que é uma relação próxima?</b> J.III: “É pelo menos elas tentam que seja. <b>E: Achas que o tempo que estás aqui pode influenciar essa relação?</b> J.III: Talvez, porque como já “tive” noutra instituição, e tive lá mais tempo ganhei mais um carinho especial pelas outras pessoas e agora como “tou” cá há pouco tempo, vou ganhando aos poucos.” (Linha 21)
	Educadora	<b>E em relação à tua educadora, a relação é mais próxima?</b> J.III: “É...ela diz que nós somos as suas meninas e trata-nos bem. <b>E: O que é que sentes em relação a ela?</b> J.III: Sinto que ela é protetora em relação a nós, trata-nos como filhas, e quer só o nosso bem. <b>E: É uma pessoa que tu sentes que podes confiar?</b> J.III: Sim... em certos aspetos sim.” (Linha 27)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b> J.III: “Não.” (Linha 34)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Realização	<p><b>E: Lembraste se fizeste algo parecido?</b></p> <p>J.III: “Foi com a psicóloga cá de casa, acho que foi isso.” (Linha 44)</p>
	Importância	<p><b>E: Imaginando agora que ias fazer um plano destes que competências é que querias colocar? Algo que não saibas ainda fazer, ou fazer bem, mas que aches importante para quando saíres daqui teres a tua independência.</b></p> <p>J.III: “Talvez, gerir o meu dinheiro... tipo... não sei...”</p> <p><b>E: Por exemplo para ires a uma entrevista de trabalho...</b></p> <p>J.III: Acho que sim, depois como já aqui não estamos vamos ter, vai ser tipo um mundo novo e acho que vamos ter de saber gerir as nossas coisas e se nos aprendêssemos isso aqui já seria muito mais fácil lá fora.” (Linha 51)</p>
	Estratégias	<p><b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?</b></p> <p>J.III: “Sim é importante e está bem feita porque assim podemos aprender como fazer as coisas para podermos ter a nossa própria casa lá podermos fazer e já não ser tao complicado.” (Linha 59)</p>
LIJ	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b></p> <p>J.III: “É uma experiencia nova porque lá outra não tinha aquilo que tenho aqui, não tinha as tarefas definidas, e aqui “hummm” fazem várias coisas connosco é assim um mundo diferente.” (Linha 64)</p>

**Jovem IV**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Relação	<p><b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b></p> <p>J.IV: “Em geral acho que tenho uma boa relação.</p> <p><b>E: Achas que é próxima ou nem por isso?</b></p> <p>J.IV: É como tudo, né? Vá, algumas são mais próximas, outras são um bocado mais distantes.” (Linha 12)</p>
	Educadora	<p><b>E: E em relação à tua educadora?</b></p> <p>J.IV: “humm” é uma boa relação, somos e não somos próximas, eu não sou muito dada às pessoas, andar sempre atrás e quando tem de ser tem, quando não tem também não vou fazer por ser.</p> <p><b>E: Mas sentes que se precisares de algo?</b></p> <p>J.IV: Ah! Sim, sim, sim! Alguma coisa “tão” lá.</p> <p><b>E: Sentes essa disponibilidade?</b></p> <p>J.IV: Da maior parte, umas sim, outras nem tanto. Mas sei com quem posso contar.” (Linha 17)</p>
	Referencia	<p><b>E: O que é que a tua educadora representa para ti?</b></p> <p>J.IV: “Sinceramente nunca pensei sobre isso!</p> <p><b>E: Imagina que precisas de falar sobre algum assunto sério, algo teu...</b></p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>J.IV: Não é com ela que eu falo, é mais com a psicóloga. Porque eu primeiro tento comigo, tento até ver se consigo. Quando chego à conclusão que não consigo mesmo, vou na psicóloga e falo, porque... porque não sei, acho que a monitora é mais...consultas e coisas assim.</p> <p><b>E: Então podemos dizer que a pessoa com quem tens mais afinidade é a psicóloga?</b></p> <p>Sim, que saiba assim as coisas mais a pormenor, sim talvez a psicóloga.” (Linha 25)</p>
PSEI	Conhecimento	<p><b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b></p> <p>J.IV: “Não...” (Linha 34)</p>
	Realização	<p><b>E: Lembraste se fizeste algo parecido?</b></p> <p>J.IV: “Acho que esse plano ainda decorre aqui não sei...porque eu fiz só que...prontos né? Cada uma “tá” aqui por várias razões e... e eu “tou” aqui mas...por saber vá demais talvez, vamos assim dizer, é talvez a razão por eu “tar” aqui dentro, por isso ter de marcar consultas, gerir dinheiro, fiz! Mas deixei a metade e não é uma coisa que me preocupe porque sei como fazer.” (Linha 44)</p>
	Presente	<p><b>E: Achas que os objetivos presentes no PSEI serão úteis para o teu futuro?</b></p> <p>J.IV: “Sim, de certa forma, por exemplo, ainda na semana passada tive, não foi, foi há 2 semanas, assim uma questão de pouco tempo, “tive” de ir à Segurança Social, e não sabia como havia de fazer, então fui à assistente social daqui, perguntei e ela disse “prontos”, como eu tinha que fazer eu e fiz porque isso eu nunca tinha feito. Se</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		precisar de ir às finanças e assim também não mas em termos de bancos e isso assim, mas sim é importante.” (Linha 55)
	Estratégias/Futuro	<p><b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?</b></p> <p>J.IV: “Das tarefas eu acho que sim porque vamos criando hábitos não é? E um dia mais tarde podemos aplicar na nossa vida futura ou diária,” (Linha 68)</p>
LIJ	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b></p> <p>J.IV: “Não... não “tou” a ver, acho que “prontos” eu não sabia como era uma instituição, e agora “tou” aqui e acho que é uma vida normal, há instituições diferentes como é lógico, há injustiças como é lógico, há justiça, há castigos a mais, há castigos a menos como tudo na vida há o lado bom e há o lado mau.” (Linha 89)</p>

**Cuidador I**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<p><b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b></p> <p>C.I: “Eu sou encarregada geral de serviços gerais.” (Linha 2)</p>
	Funções	<p><b>E: Quais as suas principais funções no LIJ?</b></p> <p>C.I: “A encarregada geral dos serviços gerais, acompanha, “tou” com a parte dos produtos alimentares, fazer as ementas, e de comprar os produtos e bens essenciais para a instituição para que nada falte, tomo conta da dispensa na parte de carnes, peixe e fazer a ementa relacionado com aquilo que nós temos...” (Linha 7)</p> <p>“Depois durante o dia, as meninas estão na escola e já não me ocupo tanto também com elas, mas para isso também “tão” cá as educadoras, mas já houve o tempo que no início eramos nós que fazíamos tudo, eram menos crianças e também havia, a educação delas era diferente, eu já passei assim por tantas... tenho de me adaptar à época de agora, tem de haver essa adaptação.” (Linha 32)</p> <p><b>E: Já me falou um pouco das funções em relação às crianças e jovens, no fundo é dar o apoio que me falou certo?</b></p> <p>C.I: “Sim, sim, eles por exemplo, pedir... hoje é quarta-feira, não têm aulas de tarde, já sei que vou ter enchente na dispensa para virem buscar o shampoo, escovas de dentes, material que elas necessitam para a higiene delas, porque para a alimentação</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>não é preciso nada, porque elas também têm as coisinhas delas, as bolachinhas, coisas... aqueles miminhos que os pais dão, ou familiares quando cá veem, e está guardado na salinha, e eles próprios “olhe posso vir aqui buscar as minhas coisas?” e vão lá buscar aquilo que é deles. Na dispensa já na parte da alimentação não, mas produtos para a higiene, isso é comigo.” (Linha 37)</p>
	Proximidade com as crianças e jovens	<p><b>E: Acaba por ter uma relação muito próxima por já estar cá há algum tempo?</b></p> <p>C.I: “Sim, tenho mas já não tão próxima porque como elas têm a sua, têm a educadora com a parte dos estudos, e depois têm outra senhora que está como...não me vem agora o nome... é... é engraçado porque elas dizem “é a minha senhora”, porque há o grupo de quatro colegas que têm um x de meninas para cada uma, “tão” divididas e então, aí já não... não me meto tanto porque há aquela colega que tem aquela função.” (Linha 47)</p> <p>“com a criança já não há aquele tanto contacto como havia dantes, há mais nas férias quando se tira, “tão” cá o dia todo e que se brinca mais com os pequeninos porque é preciso mesmo dar, brincar com eles e as mais velhinhas vão se chegando conforme elas assim entendem e para se abrirem né? Para conversarem, que eu costumo dizer, quando a porta da minha dispensa se fecha e dizem assim “preciso muito de falar consigo” Ai! Que aqui há bronca da grande! Mas depois pronto, tudo se resolve, porque sempre tive esse hábito de dar conhecimento à diretora, jogarmos as duas para</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		não perder a confiança da criança mas também para me sentir bem porque há certas responsabilidades e situações mais graves que eu tinha de dar conhecimento, mas pronto a diretora é espetacular também, não faz ... “hummm”, não divulga não é? E eu conforme vou sabendo, vou transmitindo, e assim se passa depois para a outra colega psicóloga ou assim e vai se tratando sem a menina se aperceber...” (Linha 53)
	Referencia	<b>E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)? Acho que já me respondeu a esta questão, já me disse que está sempre disponível para elas...</b> C.I: “Sim, sim...mas também não sou das mais próximas, porque eles têm os seus grupinhos, as senhoras e depois têm as educadoras, a psicóloga também, e a Dra. X (diretora técnica que também é psicóloga) pronto para eles é como uma mãe, uma mãe, uma colega.” (Linha 100)
	Relação com a equipa	“aqui de facto trabalhamos muito em equipa, em conjunto, muito bom é espetacular mesmo, cada vez há mais ânimo. É mesmo espetacular.” (Linha 65) <b>E: Uma relação muito próxima?</b> C.I: “Sim, muito, muito mesmo! E assim como é com as crianças é como é com as funcionárias, se há qualquer coisa que ela...“Oiça lá não tem nada para me dizer? Você não anda bem!” (risos) é muito amiga mesmo!” (Linha 106)
PSEI	Conhecimento	<b>E: A próxima questão é sobre o PSEI...</b> C.I: “Ah pois isso já não é nada comigo...” (Linha 110)
	Estratégias	C.I: “Ah olhe há assim coisinhas engraçadas. Por exemplo na dispensa, agora de

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>momentos temos muito mais velhinhas e depois é só pequeninos, já não houve esse caso, mas houve um ano que notámos que as meninas não conheciam bem o dinheiro, e fazer os trocos, e então o que é que colocaram? Na dispensa que é o meu local de trabalho, tudo tinha preços, a pasta de dentes tinha o preço e tinha a tabela cá fora e então fizeram, as educadoras, dinheiro, notas e moedas em papel fotocopiado e eu tinha esse dinheiro e elas iam todas as sextas-feiras, à assistente social, buscar a mesada delas desse dinheiro falso, que a gente falava mesmo que era o dinheiro falso, e era com esse dinheiro que elas iam gerir a comprar a pasta de dentes, o chapéu-de-chuva, essas coisinhas assim.” (Linha 121)</p>
	Importância/Futuro	<p>C.I: “E elas assim vão se habituando, a fazer... pronto... a prepararem-se para a vida, tal e qual como se estivessem nas casinhas com a família, com a família entre aspas porque há alguns que não faziam nada disto 160</p> <p>Quando elas de facto começam a preparar a saída, a própria instituição vai vendo e vai procurar para depois poder dar os seus próprios conselhos, “olha se calhar não é bem por aí” mas depois há umas que aceitam e outras que não...” (Linha 173)</p>

**Cuidador II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b> C.II: “Sou monitora, auxiliar social.” (Linha 2)
	Funções	C.II: “Passa no acompanhamento delas, da vida delas, da vida diária, da rotina diária aqui na casa, que é desde, normalmente entro sempre à 1h ou às 3:30h até as 8h ou 10:30h da noite, portanto acompanho aquilo que... raramente elas estão aqui a essa hora no tempo de escola, mas quando não estão, quando estão de férias pronto é o acompanhamento de refeições, depois incentivar para a escovagem dos dentes, aquelas coisas práticas que elas se esquecem, que as vezes não fazem e falham, têm de ser ajudadas, e lembradas e depois mais no caso da altura escolar depois é ir à escola buscá-las, as pequenas porque nós vamos buscar os do jardim-infantil que temos neste momento e da escola primária, as outras que já estão no ciclo e no liceu regressam sozinhas.” (Linha 9)
	Proximidade	<b>E: É um contacto muito direto com elas não é?</b> C.II: “É, é. E depois acompanhamos sempre na... e “tamos” sempre em cima na educação, na saúde, e tentar que elas cumpram as regras, depois acompanhamos nas refeições à noite, no deitar, pronto basicamente é isto assim.” (Linha 26)
	Distinção entre crianças ou	<b>E: Nota que existe alguma diferença entre os “seus” 9 educandos em relação às</b>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	jovens	<p><b>outras crianças e jovens?</b></p> <p>C.II: “Não, não. Não, é claro que aqueles 9 são meus, e quando vejo alguma coisa penso, “olha dá para esta, ou dá para aquela” e tento preocupar-me com isso mas também às vezes acontece eu achar que não é o perfil daquela, que é o perfil de outra e ou por exemplo quando acompanhamos nos banhos, os mais pequenos quando não está a colega que a quem o outro pequeno pertence e dou eu e acompanho o outro e às vezes até mesmo o outro prefere-me e eu vou e dou banho e pronto, “tou” agora a referir-me aos mais pequeninos da primária e do jardim que nós acompanhamos no banho e isso, pronto é isso ou às vezes quando uma colega não tá, “hummm”, acompanhamos, acompanho também nas consultas, e daí que há também sempre uma boa relação com as outras e...</p> <p><b>E: Não acha que isso influencie...</b></p> <p>C.II: Não, não há distinção. Eu pelo menos não faço distinção. Aquelas são minhas, mas no fundo são todas “né”? No fundo são todas isso é que é mesmo, e criamos sempre laços com as restantes também.” (Linha33)</p>
	Educadora	<p><b>E: Nota que para eles é mais fácil terem uma educadora de referência?</b></p> <p>C.II: “Sim porque quando querem alguma coisa pedem, veem logo ter com ela, apesar que eu reparo que há algumas que querem e veem ter comigo, mas eu pronto, às vezes se a minha colega a quem ela pertence “tá” eu digo “olha vai ter com a tua educadora” mas quando não tá, pronto, faço isso também. “(Linha 51)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Referencia	<p><b>E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?</b></p> <p>C.II: “Ahhh alguns vêm como mãe, é, alguns até já chamam mãe e tudo é... têm muito esse laço, depois outras arranjam outros nomes para nos chamarem, ou irmã ou tia, “hummm” mesmo de todas as que por cá passaram ao longo destes anos é, dantes era o dona que chamavam sempre, chamavam o dona, mas eu acho que isso é assim um pouco frio e digo “não é dona, é X (nome próprio) e mais nada. Mas quando vejo que eles chamam ó mana, ou tia, ou mãe ou assim, não, não há qualquer problema.” (Linha 56)</p>
	Confiança	<p><b>E: Nota que estes jovens sentem que podem confiar em si?</b></p> <p>C.II: “Ah, sim! Sim e no entanto eles vêm-nos com uma imagem materna não é? Como uma mãe, estamos a fazer esse papel, exatamente.” (Linha 63)</p>
PSEI	Realização	<p><b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem? E segundo percebi com as jovens é feito com a psicóloga, correto?</b></p> <p>C.II: “Sim, sim exatamente, era isso que ia dizer, essa parte da estipulação dos objetivos está mais ligada à equipa técnica, mas no entanto às vezes, “tamos” a par daquilo, das, daquilo que, foi estipulado, e dos objetivos que foram criados para cada uma para também ajudar a desenvolver isso.” (Linha 66)</p>
	Equipa	<p>C.II: “Hummm”... Eu acho que sim! Temos acesso, mas como normalmente, sabemos assim mais de boca, não consultamos nada e dizemos “olha ou isto, ou estimula mais</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>isto”, tentar as mais velhas dos 18 e isso tentarem elas irem às consultas sozinhas, algumas até gostam e isso, mas às vezes querem sempre o nosso acompanhamento mas algumas não se importam que a gente entre, eu deixo-as sempre à vontade, outras preferem que a gente fique cá fora e elas próprias fazem a consulta sozinhas e depois tem de me dar o feedback, ou eu falo com a médica e a medica também diz e isso, pronto mas mais nisso e tentá-las e fazer com que elas se responsabilizem por marcar as consultas ou tratar de coisas assim simples que depois no dia-a-dia são necessárias.” (Linha 72)</p>
	Estratégias	<p><b>E: Considera as estratégias que utilizam aqui (as tabelas, dinheiro na dispensa) será útil no futuro das jovens?</b></p> <p>C.II: “Eu acho que em algumas...depende de cada uma, nalguns casos elas interiorizam isso e depois serão capazes de por isso, de aplicar isso na vida prática quando saírem daqui, outras penso que não, não é isso que as faz lá ir, depende mesmo de cada uma. eu acho que elas vêm aquilo mesmo como uma regra , não vêm aquilo como sendo uma formação ou um apoio, uma ajuda que lhes estamos a dar para o futuro não é? Eu acho que não, que elas vêm como uma regra e uma obrigação e está ali escrito, e têm que se cumprir e acabam às vezes por não dar valor, eu acho que elas depois só dão mesmo valor a isso é depois de saírem daqui, aí algumas acabam por reconhecer que era bom e aprenderam muita coisa cá, outras nem chegam lá, nem chegam a isso, mas é a tal coisa depende muito de cada uma, daquilo que elas</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		interiorizam e que depois aplicam.” (Linha 82)
--	--	--

**LIJ NA ZONA INTERIOR URBANA**

**Jovem I**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Funções	<b>E: Quais as funções que desempenham?</b> J.I: “Alguns ajudam-me no estudo e outros ajudam-me lá fora.” (Linha 9)
	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa? O que é que sentes em relação a eles?</b> J.I: “Oh! Às vezes maus, às vezes bons, é assim... <b>E: Depende das atitudes deles é isso?</b> J.I: Sim. <b>E: O que é que para ti é uma boa atitude?</b> J.I: É não me chatearem muito a cabeça! <b>E: E quando te chateiam o que é que te acontece?</b> J.I: Metem-me de castigo.” (Linha 11)
	Encarregado de educação	<b>E: Como é a tua relação com o teu educador/encarregado de educação?</b> J.I: “É boa. <b>E: Notas que é mais próxima em relação aos outros adultos?</b> J.I: Sim. <b>E: Sentes que podes confiar nele?</b>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		J.I: Às vezes.” (Linha 20)
PSEI	Realização	<p><b>E: Lembraste se fizeste o teu PSEI?</b></p> <p>J.I: “Não.</p> <p><b>E: Pensa nas tarefas que vocês têm cá, elas são importantes para vocês aprenderem e treinarem algumas competências, achas isso útil?</b></p> <p>J.I: Às vezes.” (Linha 37)</p>
	Importância/Competências	<p><b>E: Achas que é importante para quê?</b></p> <p>J.I: “Para nós todos.” (Linha 42)</p>
	Utilidade	<p><b>E: E achas que pode ser útil?</b></p> <p>J.I: “Pode, um dia mais tarde posso perceber que aquilo que eu fiz foi errado.” (Linha 44)</p>

**Jovem II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.II: “É boa, não me dou mal com ninguém, há uns melhores que outros, e sobre o meu encarregado de educação também me dou bem com ele.” (Linha 19)
	Educador de referência	<b>E: É diferente a relação que tens com o teu encarregado de educação?</b> J.II: “Sim, digo mais coisas ao meu encarregado que aos outros. <b>E: Sentes que podes confiar nele?</b> J.II: Sim. <b>E: O que é que o teu encarregado de educação representa para ti?</b> J.II: É uma pessoa que quer saber de mim, que quer que eu seja alguém na vida e “mai” nada.” (Linha 22)
	Estratégias	<b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos? (as tabelas, as avaliações, as reuniões)</b> J.II: “É, porque assim também tipo quando formos para a rua, não vamos “tar” lá descumprir com as leis lá de fora e aqui dentro cumprimos isso.” (Linha 48)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b> J.II: (abana a cabeça negativamente) (Linha 29)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Realização	<p><b>E: Lembraste se fizeste? Ou alguma coisa parecida?</b></p> <p>J.II: “Acho que não, que eu saiba não.” (Linha 39)</p>
	Competências	<p><b>E: Imagina que agora terias a oportunidade de fazer o teu PSEI, achas que seria útil?</b></p> <p>J.II: “Era porque se estudássemos e ligássemos aos estudos podíamos ser alguém na vida.</p> <p><b>E: E se agora te propusessem aprender a cozinhar, ou a gerir ou teu dinheiro, achas que teria alguma importância só para agora ou também para o teu futuro?</b></p> <p>J.II: Era útil, aprendermos a gerir agora quando somos mais novos, quando fossemos mais velhos fazíamos isso.” (Linha 41)</p>
LII/Adultos	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b></p> <p>J.II: “Que muita coisa aqui que não “tá” justa. E que tipo isto aqui “tá” bem feito para as pessoas que tipo passam fome e isso e que veem para aqui dentro, mas por um lado tá injusto, porque há pessoas também aqui dentro que se calhar têm tudo de bem em casa e vieram para aqui.” (Linha 52)</p>

**Jovem III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Funções	<b>E: Quais as funções que desempenham?</b> J.III: “Eles ensinam-nos regras, também nos ajudam nesse tipo de coisas, também ajudam-nos a resolver os nossos problemas, falam connosco, esse tipo de coisas.” (Linha 9)
	Relação	<b>E: Como é a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.III: “Boa. <b>E: Com todos?</b> J.III: Com todos.” (Linha 12)
	Educador de referência	<b>E: E com o teu encarregado de educação?</b> J.III: “Sim, é mais profunda. <b>E: O que é que sentes em relação a ele?</b> J.III: Sinto que lhe posso dizer algumas coisas que talvez não posso dizer aos outros, ou que não me sinta bem a dizer-lhes, sinto-me mais confiante com o meu encarregado de educação, quando é para resolver situações normalmente vou primeiro a ele depois vou aos outros. <b>E: O que é que ele representa para ti?</b> J.III: Vejo-o como não digo bem um pai, mas talvez um tio.” (Linha 16)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

PSEI	Conhecimento	<p><b>E: Sabes o que é o PSEI e o Projeto de Vida?</b></p> <p>J.III: “Nunca ouvi falar...” (Linha 25)</p>
	Utilidade para o futuro	<p><b>E: Achas que os objetivos que estão presentes no PSEI podem ser úteis para o teu futuro?</b></p> <p>J.III: “Sim. Acho que sim. Como pai, como amigo, como tio, como tudo praticamente.</p> <p><b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos? (as tabelas, as avaliações, as reuniões)</b></p> <p>J.III: “É útil.” (Linha 41)</p>
LII/Adultos	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b></p> <p>J.III: “Eu acho que vir para a instituição mudou-me mas talvez já esteja mudado o suficiente, acho que já fiz os meus objetivos.” (Linha 47)</p>

**Cuidador I**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenham no LIJ?</b> C.I: “Assistente social.” (Linha 2)
	Funções	<b>E: Quais as vossas principais funções no LIJ?</b> C.I: “É assim todo o trabalho social é feito por nós, “hummm” fazemos a gestão do processo, ou seja, tudo o que tem a ver com o processo individual da criança tem de passar por nós obrigatoriamente porque nos fazemos a ponte entre os serviços externos, a rede de suporte social que temos, segurança social, tribunal, ou seja interna e externa, e fazemos a... há e a nível familiar que é o mais importante no fundo é isso “né”?somos a mediação e aponte de ligação destas crianças com o exterior. Por isso é que somos as gestoras dos processos individuais da criança.” (Linha 8)
	Função com as crianças e jovens	<b>E: Bom quase que já me responderam à próxima pergunta, em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?</b> C.I: “Ao nível familiar... mais diretamente é ao nível familiar, com os miúdos é mais ao nível familiar e ao nível interno não é? Também fazemos... é assim nos somos mais ou menos, ora bem, como é que eu hei de dizer, o símbolo que os liga a tudo o

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>que está lá fora e que tem a ver com eles. Por exemplo eles sabem que as informações que passam para o tribunal passam...somos nós que as fornecemos, eles sabem que as informações e o trabalho que é feito com a família é por nós que passa, no fundo nos somos mesmo aquele elo não é? E o que nós fazemos diretamente com eles é isso ligá-los a tudo o que eles não têm contacto aqui dentro, é mais ou menos isso.” (Linha 25)</p>
	Relação	<p><b>E: Que tipo de relação mantém com os residentes?</b></p> <p>C.I: “Nós tentamos que seja o mais próxima possível, mas claro sempre... depende...depende também dos objetivos que eles tenham, mas é assim quando uma criança aceita a institucionalização é uma coisa, nós conseguimos manter uma relação com eles empática e criar alguns laços, e quando por exemplo nos temos um bom relacionamento com as famílias ajuda imenso, que até aqui, já pensando no futuro, até aqui tem se conseguido sempre isso, porque até aqui o nosso papel a nível de família é acompanhamento mas a nível institucional, portanto vamos a visitas domiciliarias quando a criança está lá, mas agora daqui para o futuro o papel vai mudar um bocadinho, (grande não é?), ainda estamos, está em fase de reestruturação, mas até aqui tem se conseguido criar uma boa relação com as famílias, sabem distinguir qual é o papel do técnico em contexto institucional e qual o papel do técnico por exemplo que acompanha o processo a nível da EMAT. Existem sempre o acompanhamento exterior, e eles fazem muito essa distinção. Criando, havendo um bom relacionamento</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		com a família também se consegue com os miúdos.” (Linha 26)
PSEI	Participação da Criança / Jovem	<p><b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b></p> <p>C.I: “Pensa-se com eles, em conjunto, por exemplo qual é a atividade lúdica ou até pedagógica e sei lá... quais são as dificuldades que têm, e o que eles gostam, e à partida, o projeto de vida que eles próprios vislumbram para eles, não é assim uma coisa que é sentada lado a lado com o miúdo e vamos lá agora fazer... não é isso! A participação deles é fundamental, eles dizerem o que eles gostam o que não gostam.” (Linha 41)</p>
	Equipa	<p><b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?</b></p> <p>C.I: “Existe um processo individual, o PSEI é a parte fundamental do processo, e é individual e como é individual tem de estar no processo individual de cada criança.</p> <p><b>E: Mas está ao acesso de todos os cuidadores?</b></p> <p>C.I: É assim ao acesso não está. O acesso está, é transmitido. O acesso não “tá” vedado, atenção, o acesso não está vedado, o que nos tentamos salvaguardar é que quando esse acesso seja solicitado nós estejamos para poder explicar não é? “Tamos” a falar da equipa de apoio educativa certo? Ou da equipa educativa? Para nós é diferente! A equipa educativa são os encarregados de educação é quem à partida mais envolvido está nos PSEI’S, é feito em conjunto com eles, são que executa a grande maioria das atividades previstas. A grande maioria de atividades previstas no PSEI</p>

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>são executadas pela equipa educativa já a equipa de apoio educativo não há tanta necessidade de ter conhecimento e acesso porque não tem tanta execução a nível prático com as crianças. Agora poderão ter acesso, podem, o acesso não “tá” vedado a ninguém. Os próprios miúdos têm acesso ao processo, as próprias crianças, não é uma coisa que eles solicitem, deve é ser acompanhado preferencialmente pelas técnicas para podermos explicar não é? Em caso em que surjam dúvidas porque a nossa equipa de apoio educativa tem pessoas que possivelmente pela sua formação não conseguiriam perceber certo número de objetivos que foram traçados para algumas crianças, portanto convém que seja a equipa de apoio educativo que é diferente da equipa educativa.” (Linha 57)</p>
	Revisão	<p><b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b> C.I: “É assim o que está na prática, escrito na lei, a lei manda de 6 em 6 meses. De meio em meio ano, a revisão, mas não é, não é o que possa acontecer, até pode acontecer passar, depende dos objetivos traçados, até mais em termos do <i>timing</i> letivo, ano escolar. De meio em meio ano à partida é avaliado, e revisto de ano a ano, depende de cada criança e depende dos objetivos que são traçados, porque pode haver objetivos que tenham de ser concretizados em 3 meses e outros num mês, mas regularmente é avaliado de meio em meio ano ou sempre que seja necessário e é revisto de ano a ano.” (Linha 82)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

Projeto de vida	Futuro	<p><b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b></p> <p>C.I: “Faz toda a diferença, miúdos com 17 e 18 anos que já estão a atingir o salto para sair, faz toda a diferença, mas também faz toda a diferença em miúdos de 12 por exemplo. Inclusivamente para as crianças de 6 anos porque normalmente eles quando chegam trazem poucas competências e embora os objetivos delineados sejam diferentes mas todas as competências que são desenvolvidas a partir do momento que eles aqui entram vão ser importantes na sua vida futura, pelo menos é isso que nós...”</p> <p>(Linha 90)</p>
-----------------	--------	---

### Cuidador II

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenham no LIJ?</b> C.II: “Sou professora de apoio e encarregada de educação, encarregada de educação de 10 jovens que estão diretamente ligados a mim mas de mais 39 que são dos outros colegas, mas que ao fim ao cabo na ausência deles nós também somos responsáveis.” (Linha 2)
	Funções	<b>E: Quais as suas principais funções no LIJ?</b> C.II: “Nós aqui enquanto encarregados de educação temos funções na área da educação, fazemos a ligação LIJ-escola, somos os representantes dos jovens nas escolas, fazemos o acompanhamento na escola como qualquer pai ou qualquer mãe, vamos às reuniões da escola, acompanhamos nos trabalhos de casa, prestamos-lhes o apoio escolar todo ele em contexto lar, para além disso, para além destas funções da escola também vamos co os jovens às consultas médicas, fazemos também o acompanhamento a nível de roupa, calçado, higiene pessoal, dentista, ou seja fazemos exatamente o que faz um pai e uma mãe em casa, só não estamos com eles é durante o período da noite, ainda.” (Linha 12)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	<p>Relação com as crianças e jovens</p>	<p><b>E: Que tipo de relação mantém com os residentes?</b>                  C.II: “Nós tentamos, não quer dizer que seja possível porque eles não querem, tentamos estabelecer uma relação que estabelece um pai com um filho, ou uma mãe com um filho, ou seja, tentar criar relações de afeto, de proximidade, ser uma pessoa de referência para estes jovens, eles ao fim ao cabo têm a família biológica mas que acaba por não estar presente, está ausente.” (Linha 21)</p>
	<p>Diferenciação entre os educandos</p>	<p><b>E: Nota que pode haver diferença entre os “seus” 10 educandos e os restantes?</b>                  C.II: “Tento não fazer essa diferenciação, assim como os que estão mais diretamente ligados comigo, há aqueles com quem os jovens têm mais proximidade e chegam e desabafam, e falam e há outros que não, daí que nós tentemos não fazer a diferenciação. Tentamos... realmente representantes legais somos daqueles mas em todo o caso qualquer problema nós tentamos resolver, qualquer um de nós, somos 4 e tentamos realmente articular muito bem toda a informação de forma a que o trabalho seja consistente e coerente entre todos.” (Linha 27)</p>
	<p>Referencia para a criança</p>	<p><b>E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?</b>                  C.II: “Se calhar para alguns sou uma referência, sou aquela pessoa que está presente, que os ajuda nos trabalhos de casa, que realmente quando precisam sabem que podem vir ter comigo que eu tento resolver, as vezes não é possível mas tentamos, né? Porque há a parte dos afetos e aquilo que realmente devia vir da infância, eles já não têm e é difícil neste momento... tento se calhar... alguns veem outros não, outros sou</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		mais uma pessoa que está aqui para ditar regras e para impor castigos e fazer cumprir certas coisas.” (Linha 35)
PSEI	Realização com as crianças e jovens	<b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b> C.II: “Normalmente fazemos, nós também participamos na elaboração do PSEI, nós fazemos o preenchimento das fichas de acolhimento que constam do PSEI dos jovens, ou seja, nós acabamos também por ser um elemento ativo nesse PSEI, e depois vai ser feito aos bocadinhos, nós acabamos também por participar, ajudar a executar, à semelhança da gestora, da técnica, da assistente social ou da psicóloga.” (Linha 52)
	Participação da Criança / Jovem	<b>E: Os jovens têm conhecimento do mesmo?</b> C.II: “Os mais velhos sabem, inclusivamente ainda ontem iniciamos com um dos jovens, que até é meu educando que “tá” no 10º ano e tem 17 anos, uma vertente do PSEI que é o processo de autonomização, agora se questionar acerca dos mais novos eles não sabem que é, não fazem a mínima ideia do que é ou não é, assim como muitos daqueles jovens mais velhos que têm 15/16 anos falar-lhe no PSEI não sabem, mas se falar nalguns objetivos do PSEI ele sabe.” (Linha 59)
	Equipa	<b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?</b> C.II: “Todos sim, tentamos realmente como uma equipa, primeiro restrita que é a educativa e depois técnica-educativa como geral que temos a equipa de apoio, tentar naquelas vertentes que dê mais a equipa de apoio, não têm acesso como tem a equipa

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		educativa, já que somos encarregados de educação temos que ter acesso a tudo tentamos realmente que todos eles tenham conhecimento desse PSEI. Que têm de também ajudar, de colaborar para que seja exequível, e que seja posto em prática, se não, não vale a pena terem.” (Linha 66)
	Revisão	<p><b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b></p> <p>C.II: “Dependendo de cada jovem o que poderá ser imagine de meio em meio ano, poderá ser de 3 em 3 meses, depende muito também das situações que vem de fora, imagine que há um jovem que tem um PSEI delineado de uma vertente mas que de repente muda, por exemplo há um jovem que se calhar de um momento para o outro vai para a adoção e aí tem de ser completamente reformulado. Há outros que à partida nós sabemos que é a autonomização ou o regresso à família e é trabalhado o PSEI nesse sentido.” (Linha 74)</p>
Projeto de vida	Futuro	<p><b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b></p> <p>C.II: “Para alguns é muito benéfico, neste caso aquele jovem que está a entrar num processo de autonomização ele ja sabe que quando sair daqui é mesmo para a autonomização, tem de trabalhar a vertente que lhe permita ter ferramentas para sozinho seguir.</p> <p>E isso é muito bom porque realmente já criamos aqui ferramentas que lhe permitem realmente, quando sair ele possa realmente continuar. E isso é muito bom! Agora se ele realmente nós trabalhássemos só aquela vertente escolar que foi a inicial, que</p>

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>inicialmente foi só a vertente escolar aquilo que nós centrámos a nossa atenção, só realmente essa vertente é que era trabalhada. Neste sentido tentamos abranger tudo o que é possível de forma a dar autonomia a estes jovens, para serem cidadãos no domínio total da palavra, o que às vezes é muito difícil, porque mesmo aqueles que têm 15/16/17 anos já sabemos que à partida a trabalhar hoje, a trabalhar amanhã, é muito difícil porque eles não conseguem. É muito benéfico, é muito bom, independentemente de eles saírem e depois se perderem um bocadinho lá fora, porque aqui estão demasiado protegidos.” (Linha 82)</p>
--	--	--

**Cuidador III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b> C.III: “Neste momento eu sou encarregado de educação, já exerci outras funções, mas desde 2009 ou 2010 que eu sou então encarregado de educação.” (Linha 2)
	Funções	<b>E: Quais as suas principais funções no LIJ?</b> C.III: “As funções que um encarregado de educação tem nesta instituição, é as funções que um pai ou que uma mãe têm na...na vida de uma criança dita normal ou numa criança numa família normal ou bem estruturada, é o acompanhar e incentivar à higiene, sensibilizar para a boa alimentação, sensibilizar para o estudo, estimula-los e incentiva-los a que se sintam bem que façam bem e que acima de tudo que andem bem, são...são aquilo que, ou melhor, serão todas as funções inerentes aquilo que um pai faz, acompanhar ao médico fazer o acompanhamento nas especialidades médicas, fazer o acompanhamento nas escolas, o acompanhar nos trabalhos de casa sempre que possível, o fazer as intervenções junto dos outros pares quando é necessário também fazemos intervenção com alguns no sentido de eles se sentirem protegidos pela nossa figura de referência. (Linha 13)

	Função com as crianças e jovens	<p><b>E: E em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?</b></p> <p>C.III: “Nestas funções a relação é sempre um bocadinho ténue, a relação é muito boa até aparecer um não, a partir do momento em que o não aparece ficou tudo por água, portanto é difícil conquistar a confiança deles porque eles trazem padrões de confiança muito muito maus, portanto não confiam ou não confiavam em quem... em quem estava com eles, ou essa confiança era sempre dúbia porque a determinada altura era quebrada, porque sabiam que não podiam contar a 100% com quem viviam e aqui depois disso volta outra vez a acontecer porque a nossa relação é uma relação institucional portanto somos encarregado de educação em tempo parcial durante um horário de trabalho, prolongado sempre regra geral para lá do horário de trabalho normal, porque nós...” (Linha 25)</p> <p>“...dia inteiro então noutra dia, noutra dia temos de estar cá outra vez pra eles. Essa relação é sempre uma relação um bocadinho periclitante, porque a determinada altura quando dizemos “não, não pode ser” pronto, a confiança que ele tinha em nós ou acaba por se perder e tem que se voltar outra vez a conquistar, as vezes demora mais outras vezes demora menos tempo é que às vezes também é um não só porque “eu queria ir jogar futebol e não posso”, é uma coisa que passa, também sentem que nós não estamos aqui para os prejudicar eles também sentem isso, mas o não para eles é sempre um prejuízo, porque não é satisfeita a pretensão que ele queria portanto acaba por perder sempre uma afinidade, agora essa afinidade e essa afetividade não é</p>
--	---------------------------------	--

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		afinidade/afetividade familiar, é institucional.” (Linha 41)
	Referencia	<p><b>E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?</b></p> <p>C.III: “Eu tento tanto quanto possível ser um modelo de referencia, um modelo positivo, um modelo equilibrado, que não tente favorecer os meus educandos em detrimento dos outros, e que os outros também sintam que podem confiar em mim, mesmo não sendo eu o encarregado de educação deles, não é aquele que assina os papeis, mas não sendo o responsável direto mas participo na educação deles eu sou um elemento da equipa toda que promove e que tenta protege-los das situações que vão acontecendo no dia a dia quer dos pares internos quer dos externos.” (Linha 51)</p>
PSEI	Participação da Criança / Jovem	<p><b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b></p> <p>C.III: “Vai depender da idade da institucionalização, se é um educado mais tenro com 7 / 8 anos uma criança não tem muito bem a noção de que o PSEI é elaborado para que ele tenha de atingir determinadas competências ou capacidades, se é um jovem, quer dizer, como ele também depois é reformulado, ele vai sendo reformulado em função das competências que já foram adquiridas, a próxima reformulação já serão acrescentadas mais competências adquiridas ou a adquirir por aquele jovem, agora, ele tem conhecimento? Tem. Se tem consciência que isso é importante para ele, se calhar não terá na idade tenra, na idade mais adulta ou na idade da adolescência já é capaz e vai evoluindo.” (Linha 59)</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Equipa	<p><b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?</b></p> <p>C.III: “Sim, ele sabe que as competências básicas têm de ser comuns a todos os jovens, a saúde, a higiene, a preocupação na alimentação, do vestuário, do calçado isso é comum a todos, portanto sabem que têm de colaborar connosco e nós com eles logicamente, têm que fazer aqui uma partilha de informação no sentido de que todos os jovens tenham acesso a isso. No que diz respeito à equipa de apoio, ela não terá conhecimento de todas as informações que constam no processo, porque é assim, é trabalho que é mais de campo, portanto não é um trabalho tão burocrático, eles transmitem-nos a informação, nós fazemos o registo acrescentamos ao processo para que depois disso seja valorizado e avaliado para depois se dar mais regalias ou retirar regalias daquilo que os jovens são capazes de fazer.” (Linha 70)</p>
	Revisão	<p><b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b></p> <p>C.III: “Ele deveria ser revisto a cada 6 meses, a cada 6 meses para que fosse acrescentada mais alguma informação. Se é um PSEI dum criança mais jovem não justifica estar a fazer uma avaliação a cada 6 meses, se ele está no primeiro ciclo vai continuar no primeiro ciclo, se há uma transição de ciclo, aí já outra valorização do seu PSEI, depois vai depender de todas as outras atividades que o PSEI também envolve, se é um jovem com 7 anos se calhar ainda não participa nas atividades desportivas fora da instituição, se tiver 12, 13, 14 ,15, já começa a participar nessas, aí à a reformulação porque depois o PSEI tem informações sobre o comportamento,</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		sobre as atitudes, sobre valores que ele também apresenta na entidade ou na instituição onde está a trabalhar, e faz com que haja esta atualização do PSEI, a cada 6 meses devia ser feito mas 7, 8, vai depender também da necessidade das alterações que vão surgindo.” (Linha 81)
	Influência do PSEI	<b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b> C.III: “Eles sabem que, não sendo, é um papel é um documento, que eles sabem que existe para que fique registado aquilo que ele deve cumprir, que ele deve atingir, mas eles não vão regular a sua vida, não regulam a sua vida em função do PSEI, eles regulam a sua vida em função das necessidades pontuais deles, em função das vontades que eles têm dos anseios que eles têm e que às vezes vão de encontro daquilo que está no PSEI, porque há jovens que têm por exemplo “eu quero participar no Basket...” (Linha 93)

## LIJ NA ZONA INTERIOR RURAL

### Jovem I

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Funções	<b>E: Quais as funções que desempenham?</b> J.I: “Ajudam a gente a fazer as coisas, vá. Ajudam a gente a fazer vá tipo, fazer as coisas que um dia mais tarde a gente poderá quando tivermos uma casa fazer. Se tivermos doentes dão medicação, fazem de tudo “pá” gente “tar” bem, e ajudam em tudo o que podem.” (Linha 9)
	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.I: “É boa.” (Linha 14) <b>E: Sentes que podes confiar em todos os adultos aqui da casa?</b> J.I: “Mais ou menos. Depende. Da maneira de ser das pessoas também.” (Linha 25)
	Doutora	<b>E: Por exemplo a doutora X, o que é que ela representa para ti?</b> J.I: “Ela é para mim, vá, a pessoa que “tá” a cuidar de mim, a pessoa que me diz tudo quando eu “tou” mal, diz que eu “tou” mal e tenta fazer com que eu esteja bem, é assim tipo uma segunda mãe “pá” gente todas.” (Linha 18)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Sabes o que é o PSEI?</b> J.I: Abana a cabeça negativamente. (Linha 27)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Realização	<p><b>E: Lembraste se fizeste alguma coisa parecida?</b>                      J.I: “Sinceramente não me lembro.” (Linha 37)</p>
	Utilidade	<p><b>E: Achas que os exemplos de competências que te dei poderão ser úteis para ti agora?</b>                      J.I: “Sim.  <b>E: E achas que são mais úteis agora ou para o teu futuro?</b>                      J.I: Agora e caminhando, agora, amanhã, sempre.” (Linha 39)</p>
LIJ	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b>                      J.I: “Tipo as doutoras são como eu já disse, fazem de tudo, tudo, tudo, “pa” que a gente “teja” bem, fazem tudo “pa” gente se sentir bem aqui, porque tipo isto aqui não é mau, além de muitas pessoas dizerem que isto é mau, e estar uma instituição isso é “bué” da mau, mas não é. Há pessoas que tem também de ver pelo lado positivo, no meu ver é que se a gente não tivesse aqui, onde é que a gente “tava”? por isso, e acho que isso aqui é bom, “tarnos” aqui porque não temos mais nenhum sitio pra ir, por isso é bom.” (Linha 49)</p>

**Jovem II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Funções	<p><b>E: Quais as funções que desempenham?</b></p> <p>J.II: “Humm” brincamos, às vezes quando a gente se porta mal há castigos, mas é tudo bom cá em casa. Temos uma explicadora, ela ajuda-nos no estudo, as funcionárias cá, por exemplo as vezes somos nós a fazer o almoço então elas ajudam-nos a fazer o almoço, como às vezes quando nós andamos a arrumar os quartos elas também nos ajudam, e depois aqui as doutoras ajudam-nos em tudo!” (Linha 9)</p>
	Relação	<p><b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b></p> <p>J.II: “É boa, tenho confiança neles todos, mais aqui nas técnicas, dou-me bem com umas funcionárias mas um bocado melhor com outras, mas pronto a relação é sempre boa.” (Linha 15)</p>
	Confiança	<p><b>E: Porque é que me dizes que sentes mais confiança nas doutoras?</b></p> <p>J.II: “Porque são elas, é com elas que eu desabafo mais, é com elas que eu... pode ser uma mínima coisa que aconteça na minha vida, mas é sempre a elas que eu conto tudo, nunca é a mais ninguém. Sinto-me mais confiante a falar com elas as duas.” (Linha 18)</p>
	Referencia	<p><b>E: O que é que cada um representa para ti?</b></p> <p>J.II: “Elas todas, cá dentro elas todas nos andam a criar, elas é que nos tentam dar</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>aquela educação né? Elas, as funcionárias para mim, são todas iguais, significam todas o mesmo, mas... como é que eu hei-de dizer? As doutoras tipo, conseguem significar um bocadinho mais para mim porque é sempre elas que eu sei que posso contar com tudo, com elas pra tudo né?” (Linha 22)</p>
	Apoio	<p><b>E: E achas que te dão o apoio suficiente aqui?</b>                  J.II: “Sim porque cada funcionária, pronto dão-nos atenção a todas, às vezes quando eu não sei fazer as coisas elas vão lá e explicam, depois, imagine né vai outra não sabe... tipo elas dão-nos sempre a atenção que a gente precisa.” (Linha 50)</p>
	Estratégias	<p><b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?</b>                  J.II: “Sim, como eu lhe disse há bocado a gente temos de aprender a fazer tudo, por mais que eu não goste de costurar, porque não gosto, acho que quando tiver uma casa, e um marido e talvez um filho né? Eu vou ter que saber pregar um botão, e essas coisas assim e acho que é necessário isso tudo.” (Linha 54)</p>
PSEI	Conhecimento	<p><b>E: Sabes o que é o PSEI?</b>                  J.II: “Não...” (Linha 28)</p>
	Utilidade	<p><b>E: Achas que as competências de um PSEI que te expliquei agora, poderão ser uteis para ti, ou não?</b>                  J.II: “Sim porque a gente quando formos mais velhas, vamos precisar de um bocadinho de tudo, de saber cozinhar, de saber costurar, disto tudo e então acho que é</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		bom fazermos isso.” (Linha 45)
LIJ	Opinião	<b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b> J.II: “Eu acho que tudo o que elas aqui fazem é para o nosso bem, elas só querem o nosso melhor e é verdade, por mais que às vezes ralhem com a gente é porque têm razão porque a gente faz muitas asneiras ao longo dos tempos, e elas só querem que a gente se torne umas mulheres e às vezes a gente não faz por isso.” (Linha 61)

**Jovem III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Funções	<b>E: Conheces as funções que desempenham?</b> J.III: “Sim algumas. Então eles ajudam-nos a perceber quando saímos daqui o que temos de ser ou ajudam-nos a trabalhar a limpeza, a cozinhar, pronto para quando sairmos de cá sabermos fazer algumas coisas na nossa vida, também ralham connosco quando nos portamos mal, é uma coisa normal na nossa idade, trabalham connosco durante o dia, à noite temos o nosso espacinho de lazer, temos que ter as coisas arrumadas para fazer isso se não ralham, um bocadinho connosco, porque não temos nada arrumado e “tamos” a ver televisão.” (Linha 9)
	Relação	<b>E: Qual a relação que tens com os adultos da casa?</b> J.III: “Às vezes pode não ser a melhor, também isso depende do dia e do nosso bom humor, mas é boa normalmente, é boa. <b>E: Sentes que é diferente a relação que tens com as funcionárias e com as doutoras?</b> J.III: É um bocado diferente porque com as doutoras nós conseguimos abrimo-nos mais, vá falar mais de coisas que se calhar com as funcionárias não temos tanto, tanta liberdade para fazer. Eu acho que a nossa relação, a minha relação com a doutora, com as duas, é muito mais chegada do que uma relação que eu tenha com uma

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		funcionária.” (Linha 19)
	Referencia	<b>E: O que é que cada um representa para ti?</b> J.III: “As doutoras são como segundas mães, as funcionárias é basicamente o mesmo, porque são elas que “tão” cá quando nós precisamos, quando “tamos” mal, quando precisamos daquele carinho da nossa mãe e do nosso pai.” (Linha 28)
PSEI	Conhecimento	<b>E: Sabes o que é o PSEI?</b> J.III: “É as atividades?” <b>E: Competências será isso que me queres dizer?</b> J.III: É mais ou menos isso. É o que nos fazemos cá em casa, o que ajudamos cá em casa a fazer.” (Linha 32)
	Realização	<b>E: Lembraste se fizeste?</b> J.III: “As doutoras participam mais nessas coisas, quando “tamos” de férias, eu por acaso tenho andado sempre a ir de férias em casa dos meus familiares portanto acho que só aconteceu isso uma vez no natal comigo, porque as doutoras fazem isso sempre em férias, mas com as funcionárias fazemos normalmente.” (Linha 45)
	Competências	<b>E: Achas que as competências que adquires por exemplo nos ateliers são importantes para o teu futuro?</b> J.III: “É porque se eu vou ter uma casa e não sei cozinhar o que é que eu vou fazer? Vou comer o quê? Pão, água, tenho que me alimentar com mais coisas, tenho que ser um a fazer, não vou por ninguém a trabalhar para mim.” (Linha 57)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Estratégias	<p><b>E: Consideras positivas as estratégias que os adultos usam para que consigas alcançar os teus objetivos?</b></p> <p>J.III: “São porque, são aqui. Porque na nossa casa, quando sairmos daqui não vamos ter ninguém, não vamos ter uma tabela para dividir as coisas, porque na nossa casa vamos ser nós sozinhos a fazer tudo, mas temos já uma ideia do que é que temos que fazer, ou como é que temos que fazer.” (Linha 62)</p>
LIJ	Opinião	<p><b>E: Há alguma coisa que queiras dizer? Em relação aos adultos ou a outro assunto?</b></p> <p>J.III: “Eu gosto muito de estar aqui na instituição eu tive uma infância má e quando vi para aqui fiquei com uma infância melhor e “tou” a crescer e já “tou” acostumada a “tar” aqui. A minha família queria que eu me fosse embora e eu não consigo, eu já “tou” tão habituada a isto, pode ser uma chatice, podemos não ter a liberdade que queremos, podemos não ter aquela liberdade de jovem, fazer o que queremos, sair à noite com os amigos e assim, mas isto é o nosso lar, é a nossa casa, temos de ter regras. Acho que já há muito tempo que não me sentia tão bem numa casa, como “tou” a sentir aqui, pronto retirando algumas confusões com as miúdas da minha idade mas isso é coisas da nossa idade.” (Linha 68)</p>

**Cuidador I**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b> C.I: “Eu sou psicóloga, estou a tempo inteiro tanto eu como a minha colega...” (Linha 2)
	Funções	C.I: “...e as funções tanto são da parte técnica tudo o que é relatórios para tribunal, ofícios, tudo o que é necessário a nível de tribunal ou processos da CPCJ e depois o acompanhamento individual das miúdas, e faço também o papel de mãe e pai delas como qualquer técnica que está neste tipo de sítios.” (Linha 3)
	Funções com as crianças e jovens	<b>E: Em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?</b> C.I: “Todo o trabalho a nível de encarregada de educação, tudo o que é a ponte com as escolas sou eu e a minha colega, normalmente tentamos sempre estar as duas, somos as duas que fazemos parte da equipa técnica nas reuniões, mas cada uma de nós, nós temos 12 vagas e cada uma de nós tem 6 casos e dividimos mais ou menos e tentamos sempre “tar” principalmente nas nossas, mas quando podemos “tamos” em todas as reuniões esta articulação com a escola é uma das nossas funções. Depois a nível de acompanhamento com a maior parte delas tenho acompanhamento semanal a nível psicológico e há uma ou outra situação que temos quinzenal conforme a situação onde é ponderado sempre o plano de intervenção e o que é que são as

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		necessidades de cada uma delas e depois intervenho em cada uma dessas áreas. Com elas é o que faço e depois toda a gestão da casa eu não “tou” como diretora técnica, tá a minha colega mas acabamos por dividir muito as tarefas e tudo o que é necessário comprar para elas e de ir ver de roupa, sapatos, de higiene.” (Linha 12)
	Relação	C.I: “aqui existe uma grande proximidade, chegam da escola a primeira coisa que fazem é nos cumprimentar e acho que isso transmite muito como é que nós funcionamos não é? A nossa porta do gabinete está sempre fechada mas “tá” sempre aberta pra elas e somos muito, muito próximas e acho que só assim é que nós conseguimos por limites, transmitir o exemplo e de existir aqui muitos momentos de partilha, porque se não houvesse esta proximidade não conseguiríamos aqui manter esta relação tão próxima delas, se tivermos que sentar no sofá para vermos um filme vimos, se tivermos que ir com elas a determinado sitio ao médico ou que seja, nós também vamos e esta relação é muito transparente, ou seja nessas pequenas coisas é muito transparente aquilo que fazemos para a proximidade que temos com elas, temos que ajustar sempre, os jovens apesar de quererem mas nem sempre assume que querem o solinho, é claro que as mais novas procuram mais essa proximidade mais física mas tentamos ser muito próximas.” (Linha 28)
	Figura maternal	<b>E: Acha que a vêm como uma mãe, ou uma tia? Já a trataram assim?</b> C.I: “Não, podem atribuir aqui alguma figura de autoridade como mãe ou pai, obviamente que não me chamam assim nem é isso o suposto mas pode haver aqui

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>alguma identificação neste sentido, porque apesar de sermos novas a nossa idade é muito próxima da delas mas conseguimos aqui impor autoridade e isso é que é suposto principalmente com as mais velhas, e não me fazem esta semelhança de irmã, mãe ou pai às vezes dizem, dizem que nós ainda por cima somos duas e mulheres, porque também só trabalham mulheres nesta casa, mas às vezes nós até brincamos quem é a mãe e quem é o pai, das duas técnicas. Elas tratam-nos a nós porque já é pratica da casa, fez me alguma confusão no início, agora percebo, tratam-nos a nós por doutoras, a equipa técnica, no início fazia-me confusão porque parece que quebra aqui muito e há uma grande distância entre elas, mas ao mesmo tempo o objetivo disto é que quando elas falam de nós na escola em qualquer contexto não “tão” a falar da colega do lado, “tão” a falar de nós, que somos as pessoas responsáveis por elas, mas mesmo este nome não aqui uma distância, não! Até brincam às vezes e fazem diminutivos do meu nome e da minha colega para brincarem muitas vezes.” (Linha 45)</p>
PSEI	Realização	<p><b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b></p> <p>C.I: “Nós primeiramente discutimos entre nós, é verdade que nós estamos um bocadinho mais descuradas disso, mas isto porque o trabalho tem sido muito e tem sido complicado, apesar delas todas exigem muito de nós e assim é que é suposto, e tem sido complicado de cumprirmos tudo à risca a nível de prazos e este ano letivo</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>ainda não conseguimos por tudo em ordem, mas primeiro discutimos nós e pensamos em várias alternativas e depois então transmitimos a elas, obviamente que é uma discussão sempre aberta com elas. É aberto, e é muito bom elas também terem esta noção porque promove a responsabilidade delas, e a própria autonomia, identificarem também o que está menos bem, e o que é que gostariam de trabalhar.” (Linha 61)</p>
	Equipa	<p><b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?</b></p> <p>C.I: “Sim, sim isto porque nós temos reuniões quinzenais com a equipa educativa e com as crianças temos uma vez por mês e nessas reuniões são sempre, é sempre dado esse feedback á equipa educativa para também terem noção do que é que podem contar, normalmente é, isso tipo de notícias, imagine às vezes há processos, imagine processo de adoção e sabemos com muito mais antecedência, já estava estipulada esta medida mas não se sabia quando, contamos primeiro à equipa educativa para estar preparada e depois contamos propriamente às crianças e jovens o que é suposto, normalmente jovens adotados não são muitos mas fazemos sempre neste registo, e claro que sim não sabem do papel, não é uma coisa formal mas a nível informal é claro que sabem e nos informamos isso. Aproveitamos esses momentos das reuniões para transmitir isso mesmo, se houver coisas que aconteçam durante essa quinzena nós também comunicamos à equipa. É discutido e falado com a equipa e também para ajudarmos aqui a nível de estratégias, com o que é que podemos contar, o que é que esperamos da própria equipa, para que a linha de trabalho seja igual entre todas não é?”</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		Seja a equipa técnica e a equipa educativa.” (Linha 72)
	Revisão	<p><b>E: Com que regularidade o PSEI é revisto?</b></p> <p>C.I: “Não lhe sei dizer... é muito um bocadinho caso a caso, ou seja nós vamos ter as reuniões com a segurança social de acompanhamento e depois temos também com a equipa da EMAT com o que vamos discutir daqui muitos aspetos dos processos delas, não lhe sei dizer com que regularidade, tentamos o máximo possível cada vez que existe uma alteração na vida delas e que é necessário aqui redefinir, mas não lhe consigo dizer um prazo de cumprimento. É consoante os processos delas, claro que assim que entram é logo definido e depois conforme as coisas foram correndo, e em todos os contextos escolares, familiares, tudo isto interfere.” (Linha 88)</p>
Projeto de vida	Futuro	<p><b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b></p> <p>C.I: “Nós tentamos ao máximo que seja o tribunal ou seja a CPCJ, onde poderão estar os processos ou num sítio ou noutro, que vão de acordo com aquilo que nós achamos, isto por uma razão, não depende de nós... que vão de acordo co aquilo que nós temos pensado, porque nós é que conhecemos a criança e o jovem, nós é que temos essa ligação e sabemos como é que elas funcionam na realidade não é?” (Linha 97)</p>

**Cuidador II**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b> C.II: “Sou auxiliar de serviços gerais.” (Linha 2)
	Funções LIJ	<b>E: Quais as suas principais funções no LIJ?</b> C.II: “Aqui fazemos um pouco de tudo, tomamos conta das meninas, lavamos roupas, passamos roupas a ferro, fazemos limpeza da casa, a limpeza da casa “tá” toda por nossa conta também, e pronto é isso, fazemos também por exemplo, vamos à cozinha servimos os almoços, servimos os jantares, metemos loiças na máquina, fazemos um pouco de tudo, tudo o que pertence a uma casa, uma casa de família normal é o que nós fazemos aqui” (Linha 6)
	Funções com as crianças e jovens	C.II: “Temos, temos atelieres para fazer com elas, fazemos muitas vezes, também saímos com elas, fazer caminhadas e coisas assim do género, quando é festas saímos às festas, quando há bailes, pelo exemplo pelo carnaval, pelas festas vamos com as meninas aos bailes para não “tarem” sempre metidas em casa.” (Linha 14)
	Relação	<b>E: Que tipo de relação mantém com os residentes?</b> C.II: “Boa, eu descrevo que é boa, eu acho que tenho uma boa relação com elas.” (Linha 18)

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Referência	<p><b>E: O que é que representa para eles (crianças e jovens)?</b></p> <p>C.II: “Eu acho que sou bem vista por elas, penso que sim... Acho que elas se dão bem comigo, não sei elas aqui não costumam chamar de mãe ou tia, mas acho que temos uma boa relação, tenho uma boa relação com elas e elas comigo. Acho que sim, acho que elas ficam felizes quando sabem que eu que venho, que vou entrar ao serviço, várias vezes já me têm perguntado, dona X amanhã é você? E eu digo que sim e elas dizem: boa! E ficam felizes, acho que sim, tenho uma boa relação com elas.” (Linha 20)</p>
	Equipa	<p><b>E: Toda a equipa tem acesso e conhecimento de cada PSEI?</b></p> <p>C.II: “Sim mais ou menos toda a equipa faz isso, todas ensinamos a fazer isto ou a fazer aquilo, apesar de haver meninas que às vezes não querem aprender, pronto, porque por vezes não querem, mas muitas vezes querem, portanto há umas que querem e outras que não. E todas temos mais ou menos essa função, ensinar e preparar para quando um dia saírem daqui...” (Linha 27)</p>
Projeto de vida	Futuro	<p><b>E: Que influência tem o Projeto de Vida no futuro destas crianças e jovens?</b></p> <p>C.II: “Sim tem, acho que sim e acho que sim porque por vezes há meninas que estão cá e depois saem, ainda não há muito tempo, foi agora no fim de semana, há meninas que saem daqui e depois, quando saem não “tão” logo a telefonar ao fim de pouco tempo, mas ao fim de algum tempo quando nós pensamos que até elas já “tão” esquecidas e elas nos telefonam e lembram-se de coisas que nós lhes ensinámos, foi o</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>caso que se passou agora domingo com uma menina que teve na casa, ela teve aqui muito tempo e ela telefonou que tinha saudades e disse-me que não telefonava há mais tempo porque não sabia do meu número, e por acaso naquele dia encontrou e ela contou que se lembra de muitas coisas que nós aqui lhe ensinávamos e que vai tentando fazer como nós lhe ensinávamos e que tá feliz e pronto e pediu para lhe telefonar também e pronto eu acho que sim que elas ficam com alguma coisa inculcida.” (Linha 38)</p>
--	--	--

**Cuidador III**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores/ Transcrição</b>
Adultos	Cargo	<b>E: Qual o cargo que desempenha no LIJ?</b> C.III: “Eu sou assistente social e a diretora técnica da casa” (Linha 2)
	Funções LIJ	<b>E: Quais as suas principais funções no LIJ?</b> C.III: “Eu costumo dizer que somos um bocadinho de tudo, porque em relação a diretora técnica tenho de gerir toda a equipa da casa, gerir toda a casa, tudo o que é tribunais e comissões de proteção de crianças e jovens que estão a meu cargo, ou seja, claro que a minha colega psicóloga também nos dividimos os casos, metade eu sou gestora de caso, metade a Liliana é gestora de caso, mas, como diretora técnica tenho que assegurar que tudo isso é cumprido dentro dos prazos e tudo mais, portanto os projetos de vida são definidos pela equipa técnica sendo que eu parece que sou duas pessoas, sou só uma mas faz de conta que sou duas, nos decidimos como equipa técnica mas enquanto diretora técnica o aval tem de ser meu, e garantir que as coisas funcionam e que a casa tem as condições ideais ou, nunca são ideais, para as crianças e jovens que estão cá estarem” (Linha 12)
	Funções com as crianças e jovens	“Depois existe a outra parte, que sou tudo, portanto sou a brincalhona que faz as brincadeiras, que paramos e brincamos e jogamos ao uno, e bebemos cafezinho na cozinha com as mais pequeninas na cozinha delas, tudo isso, portanto existe aqui um

		<p>papel de varias funções, é o que eu costumo dizer, aqui não há uma função existem várias, e as várias que nós podemos encontrar, como eu estava a dizer nós, como muitas delas não têm família que as possam visitar e tudo mais, por isso nos temos de ser um bocadinho isso, somos o colo (todas as pequenas quando chegam saltam-nos para o colo com beijinhos, beijinhos no pescoço, beijinhos na cara) e portanto isso faz parte das funções, faz parte daquilo e da forma como nos entregamos aqui à casa, que tem uma vertente que não dá para desligar, isso não é possível.” (Linha 22)</p> <p><b>E: E em relação às crianças e jovens quais são as suas funções?</b></p> <p>C.III: “A equipa técnica é encarregada de educação, quem é gestora de caso normalmente é encarregado de educação daquela criança ou jovem, neste caso jovens, e pronto, nós é que asseguramos tudo nas escolas, as reuniões, as festas, também vamos sempre as festas que existem na escola, tudo o que tem a ver com a escola é connosco, portanto a responsabilidade será sempre nossa, e a saúde também, por isso é que eu digo que é tudo, tudo o que faz parte da vida das crianças e jovens passa sempre por nós, sendo que as vezes podemos pedir ajuda aqui à equipa educativa, sendo algo que se possa delegar, como uma consulta mas conforme o teor dela, por exemplo uma consulta de psicologia alguma mais especifica nos gostamos de ir sempre, e achamos que devemos estar presentes se for uma consulta de rotina, ou dentista, nos até vamos mas até pode ser a equipa educativa.” (Linha 39)</p>
--	--	---

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

	Relação	<p><b>E: Que tipo de relação mantém com os residentes?</b></p> <p>C.III: “Olhe, uma relação de uma grande proximidade, quando a minha colega veio para cá, que ela está cá há menos tempo que eu, e que já tinha estado noutra CAT, penso que foi num CAT que ela esteve, dizia que isso só aqui é que acontece esta relação de proximidade, porque realmente sim, nos somos as doutoras como elas dizem, mas somos aquelas em quem elas confiam, com quem choram, com quem riem, com quem fazemos palhaçada, com quem brincamos, com quem falam do namorado, com quem falam do sofrimento que estão a passar, portanto existe tudo, existe tudo, uma relação de grande proximidade eu acho, e penso que elas confiam em nos também para isso...” (Linha 51)</p>
PSEI	Elaboração	<p><b>E: O PSEI (Plano Socioeducativo Individual) é feito em conjunto com cada criança ou jovem?</b></p> <p>C.III: “Sim, nos definimos e temos sempre em consideração até às vezes as mínimas coisas, imaginemos estamos a fazer um relatório que temos de enviar para tribunal sobre aquela criança, muitas vezes paramos para pensar com ela, o que ela quer, é muito importante para nós sabermos o que ela pensa sobre o seu projeto de vida, o projeto de vida... a vida é delas, portanto não faz sentido que eu o defina sozinha e que nem lhe dê como se costuma dizer cavaco de nada, não, nós aqui definimos sempre com elas, claro que há decisões que temos de ser nós a tomar, mas ela sabe o porquê, nos explicamos sempre o porquê, quer dizer, pode acontecer ate que, por</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>exemplo agora estou aqui a lembrar de um caso, o projeto de vida era a reintegração num agregado familiar da mãe, isto teve uma alteração que até a própria jovem nos disse “não, eu não estou preparada para ir para a minha mãe, eu acho que faria mais sentido com a minha irmã” pronto e nós avaliámos percebemos as razões dela, porque até aquela data não tínhamos percebido que havia ali, pronto, uns aspetos que as coisas podiam não correr tão bem, e ela realmente tem essa abertura connosco “oiçam lá “tamos” a ir por aqui, mas afinal não, não é isto que eu quero” portanto existe abertura a nós conversamos sempre, atenção é isto, isto, isto, definimos bem os pontos a serem trabalhados com cada uma, elas sabem perfeitamente, por exemplo como temos as pequenas e as grandes quer dizer não e trabalha as mesmas coisas, elas têm tarefas aqui, nós aqui tentamos trabalhar muito a autonomia delas, porque a maior parte delas, mesmo que regressem para casa de familiares ou qualquer coisa, quer dizer é importante terem esta autonomia trabalhada porque são famílias que à partida tiveram um período de desorganização e quanto mais estas crianças e jovens forem preparadas para uma autonomia melhor, mais preparadas para a vida estão.” (Linha 63)</p>
	<p>Equipa</p>	<p>C.III: “Sim, sim, sim. Nós fazemos reuniões quinzenais, desde que eu estou como diretora técnica desta casa que considere importante que estas reuniões estivessem marcadas, portanto em janeiro do ano passado eu marquei todas as reuniões até ao final do ano, de 15 em 15 dias há uma reunião, salvo rara exceção, raríssimas, acho</p>

## O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>que aconteceu uma ou duas vezes que não houve reunião, porque fomos chamadas de outro lado, uma reunião de emergência, mas de resto não, nós reunimo-nos sempre a equipa técnica e a equipa educativa, falamos sobre os diversos casos, “como é que está esta criança agora, está a adaptar-se bem a esta nova realidade, não está, vamos trabalhar então isto, é importante ter mais atenção a isto” elas dando o feedback, são as primeiras que nos dão aqui as orientações, aqui muitas vezes necessárias e também estão muito tempo com elas. Portanto é muito importante este feedback de um lado e de outro e têm perfeita consciência daquilo que estamos a trabalhar, e quer dizer, estamos regularmente em conversa sobre cada caso, mesmo no dia-a-dia, todos os dias.” (Linha 98)</p>
	Revisão	<p>C.III: “Quer dizer... pronto, existem sempre prazos para estar sempre tudo feito, agora na prática conforme cada caso, é conforme as alterações, ah esta jovem de repente diz “não, existe... o meu projeto de vida não pode ir por aqui, eu acho que deve ir por aqui” e isto vai parar, espera não vamos seguir aquilo até ao fim, que já tínhamos programado exatamente porque existe aqui uma alteração. Ou até por exemplo existe situações em que as jovens possam ficar em casa e não irem mais à escola por decisão do tribunal, porque chumbaram por faltas, por qualquer coisa assim, e então temos de readaptar tudo, se antes tínhamos um plano de formação a nível escolar passamos a ter um plano de formação cá em casa, isto é fundamental estar em constante mudança sempre que necessário, não é possível nós definirmos</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>uma coisa para um ano, ou para seis meses, que é que é suposto não é, temos que o definir conforme as necessidades, por exemplo temos aqui a mais nova das mais velhas tem 12 anos, existe diversas coisas que quando veio para cá não fazia, entretanto foi adquirindo competências, e sim já faz sentido que cozinhe com as outras, tem a mesma responsabilidade, assim estamos a perceber, não, estás na altura certa “bora” lá, não vamos esperar que tínhamos definido até Janeiro não ias fazer, não podemos estar à espera as vezes existem momentos certos para o fazer, e se perdemos esse momento perdemos aqui vários meses.” (Linha 114)</p>
Projeto de vida	Futuro	<p>C.III: “Eu acho que é importantíssimo nós termos definido o que nos estamos a trabalhar, porque se nós simplesmente estamos aqui para dar comer, dar banho, e dar roupinha, pois não, não estamos a caminhar no sentido certo, não é, portanto é muito importante e eu com a Liliana Psicóloga pararmos varias vezes, às vezes uma vez por semana, as vezes duas vezes por semana, também conforme as situações, mas paramos e pensamos, “calma!, O que é que tu estás a trabalhar com ela? É isto, isto e isto. Como é que tá a correr? Está a correr desta forma então vamos...muito bem não está a correr bem por isto assim, assim, então vamos tentar por aqui, tenho reparado que ela anda assim, se calhar é importante começamos a trabalhar isto... portanto eu acho que é muito importante quem está a trabalhar com crianças e jovens ter bem definido o que tá a trabalhar, porque não podemos só dizer que estamos aqui a passar o tempo, nós somos técnicas, portanto nos temos de saber muito bem para onde é o</p>

O papel dos adultos na construção de um projeto de vida em crianças e jovens institucionalizados

		<p>caminho, porque se nós não soubermos muito menos elas o vão saber, e às vezes é isso que é importante, para onde é a direção” (Linha 132)</p> <p>“portanto eu acho claro que sim ter definido muito bem o que é, qual é o PSEI, qual é o projeto de vida desta criança, desta jovem neste caso, para se poder trabalhar, e também avaliarmos aquilo que se está a construir se foi no caminho certo ou não, ou se aquilo que fizemos foi correto ou não, porque é que correu mal?, porque é que o nosso caminho era este e de repente desviamo-nos completamente sem nos apercebermos não é, isto é fundamental pararmos e pensarmos e avaliarmos, não pode se levar tudo a eito, porque ai estamos a lidar com maquinas e não com pessoas...” (Linha 168)</p>
--	--	---